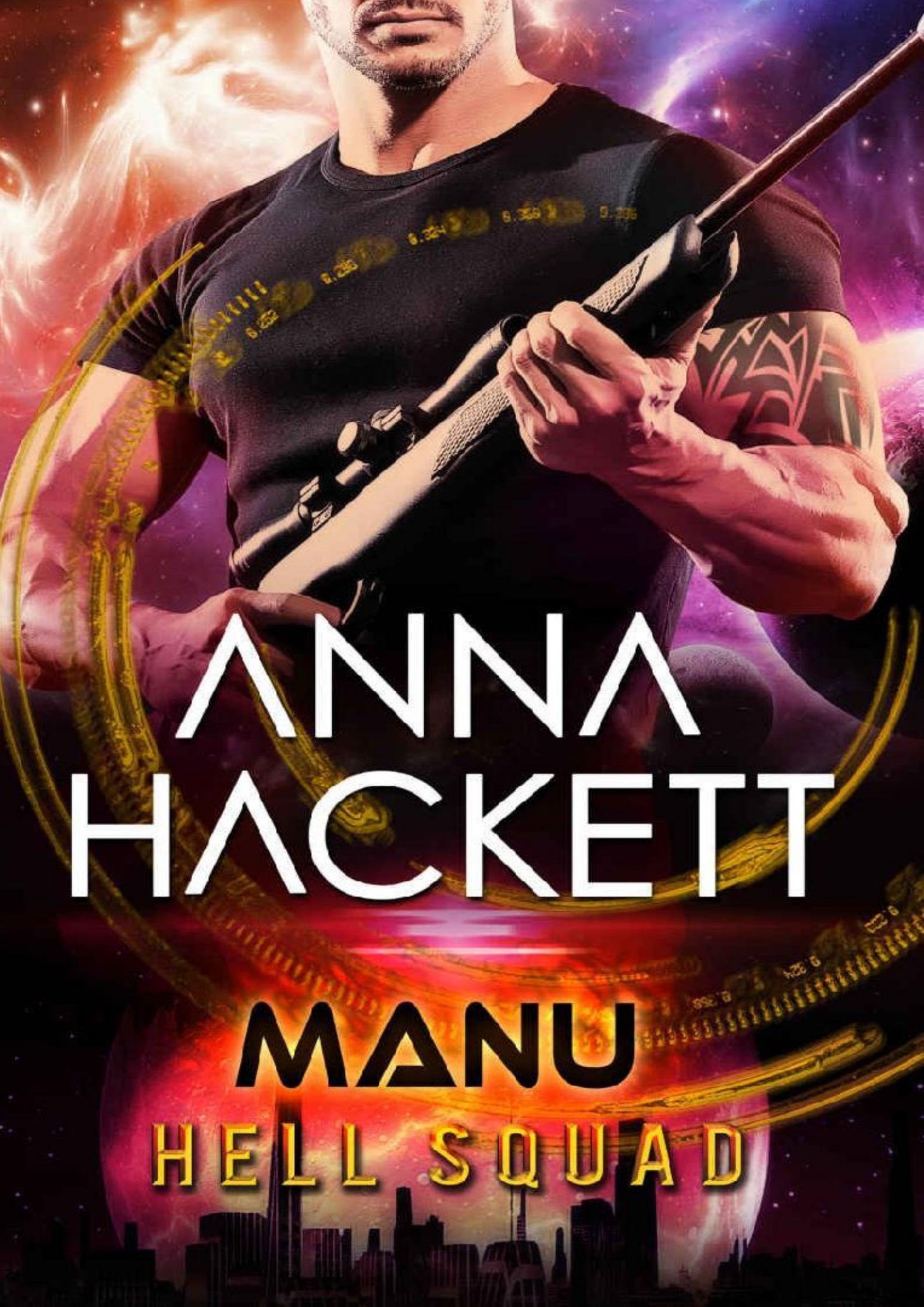
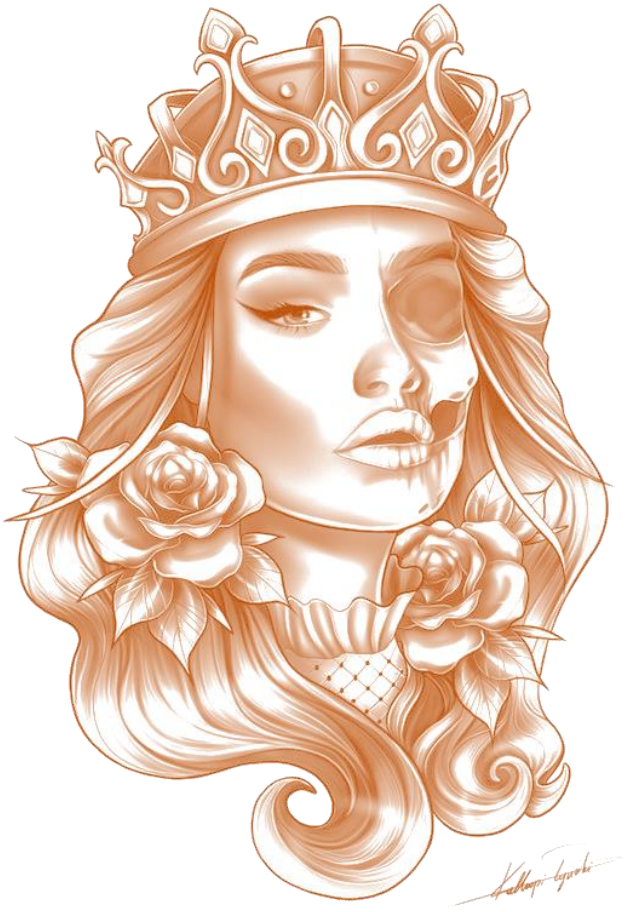

ANNA
HACKETT
MANU
HELL SQUAD



EXCLUSIVE STARS BOOKS

HELL SQUAD


ANNA HACKETT
MARCUS
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
CRUZ
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
GABE
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
REED
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
ROTH
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
NOAH
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
SHAW
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
HOLMES
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
NIKO
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
FINN
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVLIN
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
THERON
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
HEMI
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
ASH
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
LEVI
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
MANU
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
GRIFF
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DOM
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
SURVIVORS
HELL SQUAD
ANNA HACKETT
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
TANE
HELL SQUAD

À medida que a batalha contra os alienígenas invasores se intensifica, um grupo de bad boys motoqueiros e mercenários lutará pela sobrevivência da humanidade ...

Quando o ex-Berserker Manu Rahia perdeu a perna em uma missão, ele foi forçado a deixar seu esquadrão. Ele sabe que seu novo papel como chefe do campo de tiro e arsenal do Enclave é importante, mas odeia que ele ainda não esteja lá fora, lutando cara a cara contra os alienígenas e protegendo as costas de seus irmãos. Mas então uma mulher chama sua atenção. Uma mulher sem sentido dedicada ao seu trabalho como chefe de segurança. Uma mulher que parece calma na superfície, mas que Manu está convencido está se escondendo mais sob seu exterior comercial.

A Capitã Kate Scott dedicou sua vida a sua carreira no Exército. Agora ela trabalha duro, cuidando da segurança do Enclave e de seus moradores. Ela aprendeu há muito tempo que não é uma mulher apaixonada e que é melhor seguir seu trabalho. Mas ver um homem grande, musculoso e de pele bronzeada na faixa todos os dias faz com que seus hormônios acelerem demais. Ela nunca se sentiu assim e está determinada a se controlar.

Mas quando os alienígenas lançam um novo ataque viscoso, bem na porta do Enclave, Kate e Manu devem unir forças para deter os raptores antes que mais pessoas se machuquem. Kate lutará ferozmente para proteger sua equipe e a base, bem como seu coração. Mas Manu Rahia é um homem que sabe o que quer, passará pelo fogo para obtê-lo, e o que ele quer é Kate.

CAPITULO UM

Ela amava a sensação de uma carabina nas mãos dela.

Kate Scott fez uma pausa, seu olhar examinando o campo verde rolante à frente. Não que ela gostasse de matar pessoas. Como Oficial de Carreira do Exército, e agora chefe da Equipe de Segurança do Enclave, era sobre saber que podia lidar com o que acontecesse em seu caminho.

Especialmente se fosse um raptor alienígena.

As mãos dela apertaram a arma. Não, ela não se importava de matar a Gizzida. Os alienígenas invadiram a Terra há dois anos e dizimaram prontamente o planeta. Todas as cidades estavam em ruínas e a maioria da população do planeta estava morta. Quaisquer sobreviventes estavam lutando por suas vidas, ou mantidos em cativeiro, escravizados pelos raptores.

Kate respirou fundo e a soltou lentamente. Esse belo campo verde ficava ao sul de Sydney - outrora a capital movimentada e brilhante da Coalizão Unida - e não dava nenhuma pista da devastação que o resto do planeta havia sofrido.

Abaixo dela, bem no subsolo, ficava o Enclave - um santuário construído especificamente para sobreviventes humanos. Construído pelo ex-presidente mentiroso, assassino e felizmente morto. Por mais de um ano, Kate morou aqui, pensando que estava do lado justo da luta.

Até os sobreviventes da Blue Mountain Base chegarem. Homens e mulheres que estavam ocupados revidando e salvando outros, enquanto Kate estava se escondendo alegremente. A velha culpa beliscou-a. Não importava que os sobreviventes estivessem agora totalmente integrados ao Enclave e que todos estivessem trabalhando juntos para combater os alienígenas e sobreviver. Ela odiava ser uma tola ignorante.

— É tão bom estar sob o sol.

A voz ao lado dela fez Kate virar a cabeça. Kendra era um novo membro da equipe de Kate. A jovem loira implorou e incomodou Kate até que Kate permitiu que ela se juntasse. No momento, enfeitada com fibra de carbono que a fazia parecer que estava brincando, a jovem mulher estava com a cabeça inclinada para o céu azul.

Kendra sorriu. — Adoro a segurança do Enclave, mas às vezes sinto falta do sol e do ar fresco.

— Aproveite, mas mantenha o foco. — disse Kate.

O sorriso da jovem desapareceu e ela assentiu. — Claro.

Kate sufocou um suspiro. Antes da invasão, Kendra ainda estaria na universidade, indo a festas, namorando e ponderando sobre suas escolhas de carreira. Havia um olhar brilhante e ansioso no rosto fresco da jovem. Deus, ela fez Kate se sentir velha. Kate ingressou no Exército logo depois da escola, obteve seu diploma de engenharia, depois abaixou a cabeça e fez uma carreira em serviço à Coalizão.

Ela tinha sido boa nisso. A ordem, a estrutura e o senso de propósito a combinavam.

Depois de uma vida cheia de altos e baixos, aos 28 anos, os anos haviam passado de alguma forma. Antes que ela soubesse, ela tinha trinta e poucos anos. Ela recusou várias promoções para permanecer no emprego que amava. E enquanto ela namorava sem parar, nunca havia sentido fogos de artifício. Ela nunca conheceu um homem que ela queria manter por perto ou começar uma família.

Seus dedos ficaram tensos no metal de sua carabina. Olhando para trás, os homens que ela namorou eram homens bons, bem parecidos, mas nunca foram ... de sangue quente ou selvagem com desejo por ela. Kate a muito tempo aceitou que ela não era uma mulher apaixonada.

Quando ela foi selecionada para uma operação especial que fornecia proteção presidencial, a princípio ela ficou honrada e emocionada. Chegara na hora certa. Seu intestino se encolheu. Ela tinha uma missão sob seu comando que deu errado - terrivelmente errado. Ela estava pronta para uma mudança. Como se viu, o Presidente Howell enganou a todos. Ela protegeu e defendeu o bastardo, e durante todo o tempo ele vinha negociando com os alienígenas para garantir seu próprio conforto e sobrevivência. E ele jogou o resto da humanidade embaixo do ônibus no processo.

— Capitã?

Kate piscou para Kendra. Merda, ela acabara de avisar a mulher para manter o foco e aqui estava Kate, ruminando.

— Vamos seguir em frente. — disse Kate. — Precisamos verificar a segurança em todas as entradas do Enclave.

Os ombros de Kendra se endireitaram. — Sim Capitã.

Eles contornaram um grupo de árvores, verificando as entradas ocultas do Enclave. Kate estudou o chão, garantindo que não houvesse sinal da Gizzida ou qualquer violação.

Os alienígenas sabiam a localização geral da base e, infelizmente, eles chegaram lá uma vez. Após esse incidente, Kate trabalhou duro para bloquear essa parte do Enclave e garantir que o restante da base principal estivesse seguro.

Ela seguiu em frente, a grama esmagando sob as botas. Ela fez uma careta. Na maioria dos lugares, a grama era longa e exuberante, mas nesse trecho a grama era seca e marrom. Ela olhou para cima e viu outro pedaço não muito longe. Tinha que ser insetos, ou algo assim, provavelmente.

Examinando o ambiente mais uma vez, ela olhou para além de outra árvore, galhos balançando suavemente com a brisa. Essa área, não muito longe da cidade costeira de Wollongong, era uma antiga área

de mineração de carvão. O próprio Enclave havia sido construído em uma antiga mina. Ao longe, ela podia ver as ruínas enferrujadas de uma antiga fábrica de processamento de uma mina vizinha.

— Capitã, eu queria agradecer novamente. — disse Kendra.

Kate olhou para cima. — Pelo o que?

— Por me deixar juntar à equipe de segurança. Estou querendo fazer algo para ajudar há tanto tempo, e sei que sou jovem e inexperiente ...

— Você vai aprender. — disse Kate. — E você não deveria me agradecer. Pode ser um trabalho difícil.

Kendra assentiu. — Eu sei. Mas estou ajudando a manter o Enclave seguro e a proteger minha família. — Kendra era uma das sortudas que tinha seus pais e irmãs vivos e com ela. — Então, obrigada.

Deus, a jovem estava agradecendo por deixá-la trabalhar duro e arriscar sua vida. O mundo estava uma bagunça.

Algo farfalhou nas árvores.

Kate pegou sua carabina e viu Kendra fazer o mesmo. O coração de Kate bateu forte ao olhar a arma. A respiração rápida de Kendra estava alta, mas a mulher estava imóvel. Levantando a mão, Kate deu um sinal, e juntas elas avançaram.

— Merda. — Kendra murmurou.

Kate olhou e viu a mulher estudando sua carabina. — O que está errado? — Kate voltou o olhar para as árvores. O farfalhar estava mais alto agora.

— O pacote de laser na minha carabina acabou de morrer. — A voz da mulher estava em pânico. — Eu não tenho nada.

Kate fez uma careta. — Você checou antes de sairmos?

— Claro.

— Puxe sua pistola de reserva e fique atrás de mim. — Kate tocou a mão no fone de ouvido. — Enclave, os drones estão pegando alguma atividade alienígena?

— Nada, Capitã. — A voz educada e feminina pertencia a Elle Steele, uma das oficiais de comunicação. — Tudo limpo.

De repente, um canguru irrompeu das árvores, saltando sobre a grama com uma poderosa flexão de suas pernas. Nem sequer olhou na direção delas. Kate abaixou a arma, balançando a cabeça.

Kendra deu uma risada nervosa.

Quando o animal se afastou, Kate olhou para sua carabina. Enquanto ela observava, as luzes piscaram em seu cartucho de laser.

Que diabos?

Ela levantou e puxou o gatilho. Nada. Seu coração bateu contra as costelas. Uma falha de carabina era possível. Acontecia. Eles trabalharam duro para manter seus equipamentos, mas não tinham mais um suprimento infinito de novos equipamentos ou peças. Mas duas armas falhando ao mesmo tempo ...

Kate não acreditava em coincidências. Ela examinou sua carabina e confirmou que ela estava morta.

— Enclave, nossas armas estão funcionando mal. Estamos voltando para a entrada oeste.

— Reconhecido. — disse Elle. — A patrulha de apoio encontrará você lá.

— Obrigado, Elle. — Kate olhou para Kendra, a raiva agitando seu estômago. Ela odiava a idéia delas ficarem presas aqui sem proteção. Como malditos patos sentados. — Vou pegar essas armas para fazer uma avaliação.

Kate pisou na grama. Aqui, armas defeituosas podem significar a morte. E ainda por cima, ela agora precisava ir até o arsenal anexado ao campo de tiro do Enclave e ver o homem que o comandava.

Seu corpo ficou tenso, seus músculos vibrando com a tensão. Ela não tinha ideia do porquê, mas apenas o pensamento desse homem em particular a afetava de maneiras que ela não queria, e certamente não gostava.

Faça o trabalho, Kate. Largue as armas. Fácil.

Ela se sacudiu mentalmente. Ela sempre fazia seu trabalho, não importa o quê. Ela se concentraria nas armas defeituosas e não no homem grande e musculoso que provocava sentimentos indesejáveis, irritantes e francamente desconfortáveis dentro dela.

De repente, ela sentiu algo. — Abaixe. — Ela acenou para Kendra e as duas caíram no chão gramado.

Kate examinou o céu e viu uma nuvem de fumaça escura no ar, correndo na direção delas. Seu pulso disparou, então ela viu um brilho e percebeu o que era.

Um Hawk estava chegando com seu sistema de ilusão, mas foi atingido. Ela o viu passar por cima e examinou novamente, certificando-se de que não havia uma nave alienígena em sua cauda.

Não que ela pudesse fazer muito com uma arma inútil na mão.

Nenhum navio *ptero* alienígena apareceu. O céu estava limpo e azul.

Ela levantou o queixo. — Vamos lá. — Ela tinha um especialista em armas para mastigar.

***

O quadroctor Hawk atravessou a ravina estreita. As paredes de pedra pareciam tão próximas que ele sentiu que poderia alcançá-las e tocá-las.

Porra, Erickson era um inferno de um piloto. Manu Rahia apertou com mais força o autocanhão em que estava sentado e respirou fundo.

— Alienígenas ainda estão na nossa cauda? — Hemi, irmão de Manu, chamou.

Manu focou. O espaço aéreo atrás deles estava limpo. — Não. Acho que meu último tiro derrubou o *ptero.*

Uma mão bateu nas costas de Manu. — Você é um tiro do inferno, mano. — O sorriso de Hemi era largo e branco em seu rosto de bronze. Ele era construído como um tanque, seus cabelos escuros puxados para trás em um rabo de cavalo atarracado. — Como nos velhos tempos.

Um sentimento de lodo se moveu pelo intestino de Manu. — Sim.

Exceto que não era. Ele não era mais um Berseker. Porra, doía admitir o quanto ele tinha perdido isso. Sentia falta de estar lá fora, lutando contra os alienígenas cara a cara.

Ele virou a cabeça, vendo seus irmãos e o resto de seu antigo esquadrão no quadrotor. Seu irmão mais novo, Tane, o líder do esquadrão, ficou parado, olhando pela janela lateral. Alerta e preparado, isso descrevia Tane perfeitamente. Ele era alto e magro, com os dreadlocks afastados do rosto.

Hemi estava encostado na parede ao lado de Manu, sorrindo. Hemi ria muito, ainda mais desde que se apaixonou por

Camryn McNab, do Esquadrão Nove. O par apaixonado certamente mantia as coisas interessantes. Por todo seu humor, Manu sabia que seu irmão era muito mais perspicaz do que revelava.

Manu sorriu. Ele tinha muita sorte de ter seus irmãos aqui. Muitos haviam perdido todos os seus entes queridos na invasão. Família era a coisa mais importante para ele. Uma dor aguda cortou nele. Dor por sua grande e extensa família na Nova Zelândia. Ele respirou fundo. Sua mãe e padrasto haviam criado três meninos selvagens para serem homens que se importavam e amavam sua família. Manu tentou entrar em contato com a área onde seus pais moravam e não conseguiu nada. E também havia sua família extensa - tias, tios, primos.

Suas mãos se fecharam em punhos. Ele sabia que eles não poderiam ter conseguido, e o pensamento o matou. *Alienígenas bastardos.*

Ele olhou para os irmãos. Ele tinha que cuidar da família que ele tinha aqui. Ele sempre soube que o bem-humorado Hemi aceitaria com prazer uma queda pela mulher certa. Ele fez uma ótima escolha na longa e sexy Cam. Seu olhar mudou para Tane.

Seu irmão mais novo era uma história diferente. Rígido e composto, Tane fez merda como um mercenário, merda sobre a qual ele nunca falou, e isso o mudou. Uma vez, como um adolescente bonito, ele sorria muito, mas voltou das selvas da América do Sul como um homem diferente. Trabalhar como mercenário derrubara Tane e deixara algo afiado e duro em seu lugar.

Manu gostava de pensar que, com o tempo, Tane ainda encontraria uma mulher que o amolecesse novamente e lhe desse um pouco de beleza, algum conforto e, acima de tudo, amor. Mas a invasão alienígena tornara as chances disso muito mais rígidas.

Mas havia muitas pessoas que estavam superando as probabilidades. Nos assentos na parte de trás do Hawk, o resto dos Bersekers estava sentado. O ex-policial e ex-presidiário Griff Callan

estava com os olhos fechados e ao lado dele, o ex-executor da máfia Dom Santora estava sentado ainda mais quieto que Tane. O homem de cabelos escuros sempre lembrava Manu de uma cobra enrolada e pronta para atacar. Ele confiou em ambos os homens com sua vida. Na fila atrás deles, Levi King e Ash Connors estavam sentados, os dois ex-motoqueiros rindo de alguma coisa. Considerando que os dois homens tinham acabado de reivindicar duas das mulheres mais bonitas do Enclave como deles, não era de surpreender que parecessem relaxados e felizes, mesmo que tivessem acabado de ser atacados.

O Esquadrão Três, conhecido como Berserkers, era duro e afiado. Eles lutavam duro ... lutando contra os alienígenas Gizzida que invadiram, destruíram e ainda estavam lutando para controlar a Terra.

Manu também tinha sido um Berseker. Ele olhou para baixo. Em sua armadura de fibra de carbono, era impossível dizer que uma de suas pernas era feita de metal e liga. Impossível dizer que a porra dos alienígenas havia destruído um pedaço dele.

— Estamos limpos. — disse Finn Erickson do cockpit. — Bom tiro lá atrás. Só fomos atingidos uma vez.

Manu esticou o pescoço e viu a nuvem de fumaça atrás deles. — Crítico?

— Nah — respondeu Finn. — Eu vou ter que aguentar a putaria da equipe de manutenção do Hawk.

— E algumas provocações da sua mulher. — acrescentou Levi. — Sobre quem é o melhor piloto.

Finn riu. — Isso também.

A mulher de Finn, Lia, era Chefe da Equipe de Drones. Manu achou que o cara não parecia muito animado com ela o provocando.

— Quando você me perguntou sobre essa missão, não disse que seríamos baleados e perseguidos por *pteros.* — disse uma voz profunda.

Manu olhou para o ocupante final do Hawk. Noah Kim dirigia a Equipe de Tecnologia de volta ao Enclave.

— Foda-se, Kim. — disse Hemi. — É bom para você sair do seu laboratório nerd ocasionalmente.

Noah bufou e cruzou os braços sobre o peito. — Eu gosto do meu laboratório.

— Eu aprecio vocês virem. — Tane olhou para Noah, depois para Manu.

Manu deu de ombros. — Nós não ajudamos muito.

Esta tinha sido uma missão de reconhecimento. Algumas semanas atrás, os Bersekers descobriram um estranho dispositivo alienígena - um octógono preto - escondido em uma cúpula submersa na Botany Bay. Ninguém sabia o que diabos era, apenas que os Gizzida estavam tentando manter isso em segredo e, com toda a probabilidade, era uma arma. Uma arma para acabar com os últimos bolsos sobreviventes da humanidade.

O problema era que, desde aquela missão, os alienígenas haviam movido a porra do octógono e ninguém sabia onde estava.

— Esse vidro preto certamente parecia Gizzida para mim. — disse Manu.

Eles tinham acabado de investigar um local nas Blue Mountains, onde os drones do Enclave haviam capturado uma área onde as árvores haviam sido achatadas por ... alguma coisa. No centro, havia vidro preto e os restos retorcidos e queimados de algo que parecia e cheirava a Gizzida.

Manu, que agora dirigia o arsenal e o campo de tiro, havia chegado para oferecer sua experiência em armas. Noah, que era um gênio com todas as coisas eletrônicas, também veio ajudar.

Um sentimento de desconforto se moveu através de Manu. Ele tinha certeza do que eles haviam visto nas montanhas havia sido um local de teste. Os alienígenas haviam testado algo feio.

Eles tinham os restos de qualquer inferno que estivessem testando em uma caixa forte na parte de trás do Hawk. Manu e Noah começariam a trabalhar na análise quando voltassem.

O que eles não esperavam era encontrar-se frente a frente com três naves alienígenas que queriam derrubá-los.

— Esses *pteros* não sabiam o que os atingiu. — Levi gritou.

Manu sorriu e estalou os nós dos dedos. Obviamente, todos os três *pteros* agora estavam empilhados em algum canto em ruínas. Porra, era tão bom voltar ao Hawk. Uma queima de raiva e ressentimento o atravessou, fortemente mergulhado em tristeza.

Ele adorava trabalhar no campo de tiro. Ele tinha um bom time e, quando não estava ocupado com a manutenção de armas, estudava os brinquedos dos alienígenas e mexia em seus próprios projetos de armas.

Mas não era o mesmo que estar aqui fora, derrubando os alienígenas. Não importa o quanto ele gostaria que as coisas fossem diferentes, ele não era mais um Berseker.

— Manu, você é um génio nesse autocanhão. — Acrescentou Ash.

Manu levantou o queixo. Só que ele conhecia alguém ainda melhor que ele. Seus pensamentos voltaram algumas semanas. Até quando ele levou um grupo desorganizado de voluntários para dar apoio aos Bersekers na missão da cúpula mortal.

Ele estava em um Hawk ao lado de uma certa Chefe de Segurança do Enclave e a observava trabalhar no autocanhão como um anjo vingador.

Capitã Kate Scott, do corpo em forma, rosto equilibrado e enormes olhos azuis. Ela gritou sensata, forte e dedicada ao seu trabalho. Exceto por seus lábios. Manu sorriu. A mulher tinha lábios carnudos feitos para o pecado.

— Manu?

Ele piscou e viu Tane estudando-o. Ele limpou a garganta. — Sim.

— O que você estava pensando?

— Derrubar os alienígenas.

Tane inclinou a cabeça, um de seus dreadlocks caindo sobre o ombro largo. — Não, você não estava.

Porra, às vezes era irritante ter irmãos que o conheciam tão bem.

— Bem-vindo, senhores. — gritou Finn Erickson do cockpit.

Manu olhou pela janela e viu um campo de grama verde à frente. Abaixo dele, estava o Enclave - lar de várias centenas de humanos tentando sobreviver a esse apocalipse alienígena.

Hemi se sentou. — Casa. Isso significa um banho quente, uma cerveja e minha mulher.

Enquanto os outros riam, Manu olhou para o chão da placa de verificação. Seu intestino endureceu. Ele estava feliz por estar em casa, mesmo que sentisse falta da parte da mulher da equação de Hemi, mas uma parte dele não queria sair do Hawk. Uma parte dele queria saborear esse momento.

Mas como ele sempre fazia, ele se livrou do sentimento. Ele tinha um trabalho importante a fazer no Enclave e tinha certeza de que o faria da melhor maneira possível.

CAPITULO DOIS

Manu entrou no campo de tiro, ainda em sua armadura, sua pesada carabina pendurada no ombro. Ele precisava tomar um banho e trocar de roupa, mas queria checar sua equipe primeiro.

Ele passou por uma porta adjacente, passou pelo escritório e entrou na sala dos fundos.

Um jovem estava debruçado sobre um dos bancos, absorvido em seu trabalho. Dois bancos compridos encheram a sala. Armas em vários estados de reparo foram dispostas na superfície brilhante. Algumas estavam totalmente montadas, outras em pedaços enquanto eram revisadas.

As prateleiras cobriam as paredes e todas estavam carregadas de carabinas, pistolas a laser, facas de combate, granadas e muito mais. Todas as armas que foram retiradas, recuperadas e recontruidas.

— Você voltou, chefe. — gritou Alex. — Como foi?

— Abati alguns *pteros* alienígenas e trouxe de volta um vidro alienígena, e quem sabe mais o que para examinar.

Alex assentiu. — Legal.

Manu se inclinou sobre o banco, verificando a arma que Alex estava limpando. — Não esqueça as ranhuras do slot do cartucho. Dê um pouco de graxa extra no cotovelo.

Alex sorriu. — Você manda, Manu. Não posso acreditar no quanto estou aprendendo com você.

Manu resmungou. O Enclave estava bem abastecido quando chegaram aqui, mas com os esquadrões por aí lutando todos os dias, eles estavam sempre com falta de equipamento. No canto da sala, uma

impressora 3D estava sendo arrastada, fazendo algumas peças de reposição.

Ele estava fazendo o possível para manter as armas em excelente forma para os esquadrões. De jeito nenhum no inferno seus irmãos ou os outros soldados iriam cair por causa de armas defeituosas.

— Continue trabalhando nessas carabinas, Alex. Falo com você mais tarde.

O homem fez uma saudação e Manu atravessou a porta para o campo de tiro. Várias das longas pistas estavam ocupadas atualmente.

O grande e amplo Roth Masters, líder do Esquadrão Nove, estava em uma pista disparando uma carabina. Cada descarga de laser atinge o ponto morto alvo. Sua mulher, Avery, estava na pista seguinte com uma pistola, e a segunda do Esquadrão Nove, Mac, estava ocupada disparando uma espingarda. O estrondo da arma reverberou pelo espaço.

O trio terminou de atirar e os três puxaram seus alvos para checar. Avery colocou a mão no ar com um sorriso. Manu observou Roth puxar sua mulher para um beijo duro, enquanto Mac balançou a cabeça e riu.

A vida continuava. Mesmo quando alienígenas estavam tentando acabar com isso.

Afastando-se do trio, Manu passou pelo campo de tiro, examinando a área e verificando seus funcionários. Ele gostava de dirigir um navio apertado. Enquanto caminhava, sua perna esquerda latejava.

Ele claramente exagera hoje. Um doloroso lembrete de por que ele não era mais um Berserker.

E nunca seria novamente.

Ele cerrou os dentes, as feias lembranças daquela missão brutal surgiram. Isso aconteceu pouco antes de serem forçados a abandonar a Mountain Blue Base.

Enquanto caminhava, ele podia sentir onde sua prótese encontrava a pele de sua coxa. A perna de liga de alta tecnologia foi enxertada na sua. Seus irmãos desobedeceram às ordens e buscaram a melhor prótese que puderam encontrar, mas ele não voltou a pular de um quadcopter Hawk ou a entrar em uma batalha.

A menos que as coisas estivessem completamente fodidas e não houvesse soldados para lutar.

Ele se forçou a olhar em volta, observando as pistas e as armas. Seu novo trabalho também era importante. Ele sabia disso, mesmo que ainda sentisse uma minúscula semente de ressentimento por não estar lá fora com seu esquadrão, lutando e protegendo as costas de seus irmãos.

Manu relaxou as mãos. Ele nunca deixou que aquela minúscula semente se enraizasse. Manter os soldados com armas era um trabalho muito importante, e ele ia fazer isso muito bem.

No final do dia, ele havia perdido um pouco de pele e osso. Outros haviam perdido muito mais, incluindo suas vidas e tudo o que importava para eles. Ele tinha uma prótese de alta tecnologia, podia funcionar bem e ainda tinha um objetivo. A vida continuava. Você se adapta, gira e rola distribuindo socos.

Houve um estrondo quando a porta do campo de tiro se abriu.

Ele virou a cabeça e viu uma mulher alta entrando, com uma carabina na mão.

Manu observou e se permitiu saborear o pequeno pico que sentiu em seu pulso. A Capitã Kate Scott certamente poderia tornar seu dia mais interessante.

Ele raramente a via sorrir, e nunca a ouvia rir. Ele se perguntou exatamente o que seria necessário para que ela inclinasse a cabeça para trás e risse. Embora, verdade seja dita, essa não fosse a única reação que ele gostaria de obter dela.

— Que tipo de trabalho ruim você está fazendo aqui, Rahia? — O rosto dela estava tenso.

Ele ergueu as sobrancelhas. Ele estava acostumado com suas expressões frias e respostas compostas. — Boa tarde para você também, Capitã.

Ela respirou fundo e depois empurrou uma das carabinas no peito dele. — Quando estou em patrulha, não preciso de armas defeituosas.

— Defeituosa? — Ele pegou a carabina, olhando para ela.

Ela estendeu a outra. — Ambas falharam na patrulha.

Manu fez uma careta. Ele viu que os cartuchos de laser estavam offline. — Deixe-me ver…

Kate bateu as mãos nos quadris. — Não preciso enfrentar os raptores com uma arma que não funciona.

Manu sentiu outro pico no sangue. — Um raptor subiu na sua bunda enquanto você estava lá fora?

Os olhos dela se arregalaram. — Você não acabou de dizer isso.

— Se acalme, Kate. Deixe-me chegar ao fundo disso. — Ele levantou as carabinas, ejetando os cartuchos. Ele caminhou até sua mesa na parte de trás do campo, tocou seu compacto e puxou os registros das armas.

— Eu tinha um novo membro da equipe comigo. Uma jovem que colocou sua vida em minhas mãos.

Ah, agora Manu estava entendendo por que a Capitã geralmente imperturbável estava irritada. — Elas estavam em perfeito estado de funcionamento quando foram retiradas.

Ela se endireitou, a testa franzida.

— O que diabos você fez com elas? — ele perguntou.

O olhar dela se estreitou. — Nada. Kendra piscou e saiu. A minha seguiu alguns minutos depois.

Ela estava de pé perto dele, e a essa distância, Manu podia cheirá-la. Porra, ela cheirava bem. Como sabão e fibra de carbono. Tão perto, ele podia ver que o cabelo dela era grosso e brilhante, roçando seu queixo forte. E ela tinha aquela boca exuberante que estava tão em desacordo com sua personalidade. Lábios que davam idéias a um homem.

— Eu vou investigar. — ele disse a ela. — E vou mandar meus colegas separarem essas peças e verificarem todas as outras carabinas também.

Ela visivelmente tentou relaxar. — Boa. Não quero que isso aconteça novamente.

Ele agarrou o braço dela e sentiu seus músculos tensos sob os dedos. — Disse que eu faria e farei.

— Isso nunca deveria ter acontecido em primeiro lugar.

— Sim, entendi e disse que vou descobrir o que aconteceu. O que deu em você?

Seus lábios se achataram e ela tentou se afastar. — Nada. Eu só estou com raiva.

— A calma e composta Capitã Scott está brava? Existe uma primeira vez para tudo, eu acho.

Ela deu a menor vacilada, depois se virou para ele. — Quero garantir que os membros da minha equipe fiquem seguros. Não vou machucá-los no campo, porque você está aqui sentado em sua bunda e não está fazendo o seu trabalho direito.

Agora, foi a vez de Manu endurecer. — Porque com uma perna pela a metade, sou incapaz de fazer qualquer coisa, certo?

O rosto dela mudou, os olhos arregalados. — Não foi isso que…

Sentimentos ruins agitaram seu intestino. Ele se afastou dela. — Vou atualizá-la quando souber mais.

— Rahia. — A voz dela mudou.

— Eu disse que iria atualizá-la quando eu souber mais.

Ela deu um passo mais perto. — Vejo que você está de armadura, então acho que você saiu com os Bersekers.

— Eles me tiram daqui e me deixam sair às vezes. — ele mordeu.

O rosto dela se suavizou. — Você sente falta.

Deus. Ele cruzou os braços sobre o peito. Ele não queria dissecar isso com ela.

Ela soltou um suspiro. — Eu estava nessa missão com você, lembra? Quando fomos ajudar seus irmãos e o esquadrão deles. Eu *sei o* que você pode fazer.

Foda-se. Ele atirou sua frustração nela. Ele passou a mão pelos cabelos. — Kate…

— Deixe-me saber sobre as carabinas. — Com isso, ela girou e saiu.

Manu murmurou outra maldição. *Correu bem.*

***

Kate marchou para fora do campo de tiro e seguiu pelo corredor. Assim que ela virou uma esquina, ela parou e encostou as costas na parede. Ela deixou a cabeça bater contra o concreto e fechou os olhos. *Deus.*

Seu corpo estava pegando fogo. Ela sentiu como se formigas de fogo estivessem rastejando sobre sua pele. Ela afrouxou o botão de cima da blusa. Ela *nunca se* sentiu assim antes.

Tudo por causa *dele*.

Atrás das pálpebras fechadas, ela instantaneamente imaginou Manu. Grande. Musculoso. Forte. Sua pele era de bronze escuro, e ele tinha uma sugestão de uma tatuagem interessante ao estilo maori, aparecendo por baixo da manga.

Ela tinha uma vida sexual ativa, antes da invasão. Claro, não tinha sido frequente, mas ela nunca teve um forte desejo sexual. Ela nunca se sentiu tão ... quente e incomodada antes.

Abrindo os olhos, ela olhou cegamente para a parede. *Por que ele?* Ok, sua força era atraente. Suas habilidades eram inegáveis. O sorriso dele…

Ahh. Ela estava enlouquecendo. Kate se afastou da parede e partiu pelo corredor novamente. Ela era Kate Scott. Confiável. Firme. Ela não ficava assim, e especialmente por causa de um homem. Ela não era uma garota de vinte e poucos anos.

Exceto, porque ela estava tão ocupada tentando esconder como estava se sentindo, quase rasgou a cabeça de Manu sobre as carabinas. Ela balançou a cabeça. Ela tinha trabalho a fazer.

Após uma reunião com Niko, o Lider Civil do Enclave, de quem ela gostava e respeitava, Kate se viu na academia, observando sua

equipe treinar. Ela tinha alguns novos recrutas e os colocou em treinamento rigoroso antes de deixá-los ir para campo.

Ela observou um homem e uma mulher subirem a parede de escalada, catalogando seus pontos fortes e fracos - pernas fortes, força fraca na parte superior do corpo, bom equilíbrio, excelente estratégia. Eles a lembraram tão fortemente de alguns dos jovens soldados que ela treinara no Exército.

Soldados que sangraram na areia em um deserto do Oriente Médio.

Seu intestino apertado, sua visão embaçada. Por um segundo, ela sentiu o suor escorrendo pelas costas, sob o cansaço, o sol ofuscante nos olhos e os gritos de seu povo moribundo nos ouvidos.

— Kate?

A voz masculina a levou de volta ao ginásio do Enclave. Ela olhou cegamente para Miles, seu Segundo em comando. Ele a observava atentamente, a blusa encharcada de suor. Ele era alguns anos mais novo que ela, com uma cabeça de cabelos loiros e uma barba perpétua na mandíbula forte. Ele também era sólido e confiável.

— Desculpa. Perdida em meus pensamentos.

— Não eram pensamentos agradáveis.

Ela não compartilhava. Ela era a chefe e tinha que garantir que seu pessoal soubesse que ela era firme, forte, alguém em quem podiam confiar e confiar. — Só quero garantir que esses recrutas tenham as habilidades necessárias para fazer o trabalho. — E ficar vivos.

Miles sorriu. — Você sabe que eles amaldiçoam seus programas de treinamento pelas costas.

Ela assentiu. — Boa.

Kate nunca se importou em ser amada ou sociável. Ela seria dura, mas justa. E ela pegava todo o seu pessoal com as habilidades necessárias para prosperar em seus empregos.

— Ok, pessoal, para os pesos. — ela gritou. — Eu tenho um circuito configurado.

Houve gemidos de boa índole e Kate escondeu um sorriso. Em vez disso, ela olhou para eles até todos chamarem atenção e agarrarem alguns pesos.

Mais uma vez, ela os observou se mover pelas estações, fazendo anotações em sua cabeça. Pessoas que precisavam de um pouco de treinamento extra. Alguns que estavam prontos para sair em patrulha.

Ela soltou um suspiro. A frustração ainda a comia com seu encontro com Manu. Ela olhou para as esteiras. Depois que ela terminasse sua equipe, ela poderia acabar com esse sentimento nervoso.

Ela olhou de volta para o seu povo. — Ok pessoal. É isso aí. Bom trabalho. Saiam e batam nos chuveiros.

Eles passaram por ela e ela ouviu as risadas e conversas deles. Depois do banho, eles iam para a sala de jantar. A maioria das pessoas no Enclave estaria lá, passando um tempo com suas famílias e amigos. Desabafando, sentindo aquela sensação de conexão.

Sua mandíbula apertou com força. Ela tinha um encontro com uma esteira.

Mas correr quilômetros sem sentido na esteira até que ela estivesse encharcada de suor ainda não funcionou. O nervosismo desconhecido ainda a dominava. Ela tomou um banho rápido e voltou para o escritório.

Assim que entrou em seu espaço, ela viu a carabina repousando sobre sua mesa. Uma nota estava ao lado dela.

Ela olhou para o roteiro masculino ousado e seu pulso disparou.

Sua carabina. Problema menor com o programa. Agora re-alinhado. M

Kate caiu em sua cadeira e pegou a nota. Ela acariciou um dedo sobre as letras.

Respirando fundo, ela finalmente admitiu para si mesma que estava atraída por Manu Rahia.

Ela o observava há semanas no campo de tiro. Inferno, a chance de vê-lo foi uma das razões pelas quais ela descia tanto lá. Mais uma vez, sua pele estava tensa e quente. Ela se recostou na cadeira. Não era realmente ele, ela tentou se convencer. Só que ela estava sozinha há muito tempo. Fazia tanto tempo que alguém a tocara.

Ela soltou um suspiro. Ela não podia deixar a frustração sexual ser um problema. Ela só precisava encontrar uma maneira de sacudir essa tensão, e então Manu seria simplesmente um colega de trabalho, como todos os outros. Ela precisava resolver esse problema como todos os outros desafios que enfrentaria.

Houve uma batida na porta e ela olhou para cima.

Miles, recém-banhado, estava em sua porta. Ele levantou uma sobrancelha. — Vindo para uma cerveja?

Ela conseguiu sorrir, embora parecesse uma careta. — Eu tenho algum trabalho…

— Não, Kate. — O homem sacudiu a cabeça. — Você quase sempre evita bebidas em equipe. Caso você tenha perdido, estamos no meio de uma invasão alienígena. Uma equipe coesa é importante, e você não precisa ser a 'estóica Kate' o tempo todo.

O nome atingiu um pouco perto demais, extamente como no Exército. StoneHeart Scott. Ninguém disse isso na cara dela, mas ela

ouviu os sussurros. Ela sempre deu de ombros antes, mas agora, parecia sal numa ferida que ela não sabia que tinha.

— Lauren não quer você em casa?

— Minha namorada entende que eu preciso sair com minha equipe. — Um sorriso largo. — Ela estará esperando por mim.

Deve ser bom saber que alguém estava esperando. *Desabafar, Kate. Relaxar.* — Ok — ela concordou com relutância. — Eu tenho tempo para uma bebida.

CAPITULO TRES

Kate seguiu Miles até a sala de recreação. O lugar estava zumbindo. A maioria das cadeiras estava cheia e as mesas de jogos estavam cercadas por pessoas. Ela viu sua equipe de segurança compartilhando algumas cervejas caseiras em torno de uma pequena mesa. Miles a cutucou para frente, e ela recebeu acenos e olá. Alguém enfiou uma garrafa de cerveja na mão dela.

Ela ouviu o fluxo da conversa. Ela tinha um bom time. Eles eram dedicados e trabalhadores. Vários eram mais velhos e experientes como Miles e outros eram jovens, frescos e afiados. De repente, uma gargalhada irrompeu do outro lado da sala e ela olhou para a fonte.

Seu olhar caiu sobre os Bersekers.

Os homens do Esquadrão Três eram todos grandes, tatuados e cobertos de barbas ou tufos. Um ano atrás, eles teriam colocado seus dentes no limite. Ela sabia muito bem que eram selvagens e indisciplinados, pois a maioria era ex-mercenários, motociclistas ou criminosos.

Ela viu Manu com eles e seus músculos travaram. Ele era difícil de errar. Ele estava alguns centímetros mais alto que o resto dos Bersekers. Ele estava conversando com o Dom Santora de cabelos escuros - um homem que fazia todos os instintos de Kate ficarem em alerta máximo. Ela ouviu sussurros sombrios sobre o homem e seu passado questionável. Manu riu então e virou-se para dar uma cotovelada em seu irmão, Hemi. Tane também estava por perto e, ao receber o trio de uma só vez, não havia como perder o fato de que os três eram irmãos.

De repente, a cabeça de Manu mudou e seu olhar se fixou no dela.

Ela segurou aqueles olhos escuros por um segundo, antes de olhar de volta para sua equipe.

Miles e um ex-soldado mais jovem, Brandon, estavam profundamente envolvidos em uma discussão quente sobre a Gizzida e o dispositivo octagon preto que os Bersekers haviam visto em uma missão anterior. Os rumores corriam por todo o Enclave sobre o possível horror que os alienígenas estavam cozinhando em seguida.

Todo mundo sabia que os alienígenas estavam trabalhando em alguma arma misteriosa para acabar com o resto da humanidade. O que eles não sabiam, porém, era se o octógono era essa arma ou não. Ela os deixou conversar, ouvindo e absorvendo, sem se juntar. De repente, ela notou que as bebidas de todos estavam ficando baixas.

— Vou pegar outra rodada. — disse ela.

No bar de autoatendimento, Kate colocou as garrafas vazias na caixa de reciclagem e abriu a geladeira para pegar algumas cervejas caseiras. Duas mãos grandes agarraram a barra de cada lado dela, enjaulando-a.

Ela olhou para o bronze, braços musculosos por um longo momento, antes de virar a cabeça. — Rahia.

— Capitã. — Ele tinha um olhar ilegível no rosto.

— Existe uma razão para você me bloquear?

— Queria conversar.

Quando ele não disse mais nada, Kate lutou contra o impulso desconhecido de se mexer. — Eu peguei a carabina. — *É isso, Kate, seja educada e profissional.* — Obrigado.

— Meu trabalho. Não consigo ver o que causou o problema, mas está resolvido por enquanto.

Ela se virou, olhando para o algodão preto esticado sobre seus enormes músculos. Ele ainda não recuou.

Os lábios dele se curvaram. — Estou te observando há meses. Você é sempre tão calma, mas eu gostei de ver você se chatear com as carabinas. Você deve perder a calma com mais frequência.

Porra, ela estava feliz que ele pensasse que era apenas sobre as carabinas. Ela respirou fundo e o cheirou. Almíscar e homem. Ela limpou a garganta. — Não é meu trabalho perder a paciência.

— Você nem sempre está trabalhando. — Uma pausa. — Ainda estou executando alguns diagnósticos nas carabinas. Não gosto do fato das duas terem se desligado ao mesmo tempo.

Ela assentiu. — Tenho certeza que você vai resolver isso. — Ela se abaixou sob um dos braços dele e deslizou para o lado, tentando escapar. Quando ele se mudou com ela, uma pitada de pânico surgiu em suas veias.

Se o homem não recuasse, ela envergonharia os dois fazendo algo muito diferente de Kate. Como arrancar suas roupas e lamber sua pele. Ou escalar seu grande corpo e esfregar contra ele.

Distração. Ela precisava de uma distração. — Então, você estava em missão hoje.

Ele ficou em silêncio por um instante. — Sim. Drones pegaram alguma atividade alienígena estranha nas montanhas. Parece que eles explodiram alguma coisa. Provavelmente um teste.

Droga. O interesse dela aumentou. — Algo a ver com o octógono?

— Não sabemos dizer. Estou examinando os escombros.

Eles caíram em silêncio novamente. Ela respirou fundo e sentiu o cheiro a sabão masculino e bloqueou a resposta de seu corpo. Ela precisava se afastar dele.

— Ouvi dizer que você colocou sua equipe em ritmo hoje na academia. — disse ele.

Ela olhou para ele. — Onde você ouviu isso?

— Oh, eu ouvi tudo sobre as sessões de treinamento rigorosas e torturantes da Capitã Scott.

Ela se endireitou. — Eles precisam estar preparados. Eu os treino tão duro quanto os soldados do esquadrão.

Ele assentiu. — Bom.

Seu simples elogio a fez se sentir quente por dentro. — *Nunca* vou perder um membro da equipe porque eles não tinham as habilidades necessárias.

Manu inclinou a cabeça. — Você perdeu pessoas no passado.

Ele não tinha formulado como uma pergunta. Sua garganta se apertou.

Ele levantou a mão, tocando seus cabelos. — Fui mercenário por uma década. Vi muita merda e perdi alguns bons soldados. Pessoas que deveriam ter voltado para suas famílias para abraçar seus filhos, em vez disso, foram para casa em uma caixa.

Ele entendia. Ela engoliu em seco. — Eu tive uma missão ruim. — Deus, doía pensar naquelas crianças. E eles eram crianças, a maioria nem na adolescência.

Seus dedos grandes e sem corte roçaram sua bochecha agora e ela estremeceu. Ela tinha que se afastar dele. Ela olhou em volta da sala desesperadamente e viu uma cabeça loira.

— Oh, eu vejo Liberty. Eu preciso falar com ela. Obrigado novamente. — Segurando as garrafas de vidro, ela atravessou a sala. — Liberty.

A bomba loira virou e sorriu. Seu cabelo estava solto, com ondas maravilhosas, e ela usava um vestido vermelho-morango que de alguma forma parecia sexy e doce. — Olá Kate.

Como sempre, Kate tentou descobrir como essa mulher sexy e exuberante acabara com o General Adam Holmes. O homem era o exemplo perfeito de um militar controlado, com um aristocrático. Como Chefe do Enclave, ele e Niko eram os líderes de topo na base. Adam e Liberty pareciam opostos polares, mas de tudo que ela viu, o casal estava feliz e apaixonado.

Mais uma vez, Kate sentiu um lampejo de algo que só podia ser inveja.

Liberty pressionou a mão na barriga e Kate lembrou que a mulher estava grávida. A imagem do general que embalava um bebê tentou se formar em sua cabeça, mas ela não conseguia imaginá-lo.

— Eu queria perguntar se ... — Kate engoliu em seco, enchendo o rosto. A Liberty administrava um mercado subterrâneo de produtos de beleza, produtos de higiene pessoal e outras necessidades no Enclave. Shampoo, hidratante, preservativos ... e outras coisas. O que quer que alguém precisasse, a Liberty normalmente poderia encontrá-lo.

A mulher loira assentiu, seu sorriso encorajador.

Deus, isso era mais difícil do que Kate imaginara. — Deixa pra lá.

Liberty agarrou seu braço. — Fale comigo. Você precisa de preservativos? A Doc tem implantes contraceptivos de curto prazo funcionando agora, portanto, a demanda caiu. Eu tenho muitos.

Kate sentiu que Manu ainda a observava do outro lado da sala. Ela sentiu o olhar dele nas costas dela como um toque. — Não. Eu não estou vendo ninguém. — Ela respirou fundo. — Esse é o tipo de problema.

O sorriso de Liberty ficou mais amplo e consciente. — Hmm, alívio auto-induzido?

— Ah ...

A mulher assentiu. — E eu sei que é difícil ser a chefe. — A mulher virou a cabeça, algo suave fluindo sobre o rosto. Kate viu que a mulher estava olhando para Holmes. — Acrescente ser uma mulher forte e experiente, e fica difícil em um lugar como esse encontrar ... a companhia certa. — Liberty piscou. — Eu sei exatamente o que você precisa.

Alívio envergonhado encheu Kate. — Obrigado.

— Eu cuidarei disso. — Liberty deu um tapinha no ombro dela. — Entrarei em contato em breve.

Kate entregou as bebidas para sua equipe. Desta vez, ela fez um esforço para participar da conversa. A música começou em um canto, e ela viu Cruz do Hell Squad tocando um violão. Sua esposa e duas filhas estavam sentadas próximas, assistindo.

Logo, as pessoas começaram a se afastar para dançar ou jogar sinuca. Ela decidiu que seria bom sair agora enquanto Miles não estava olhando. Ela se afastou de sua equipe. Ela deu três passos quando um grande corpo entrou na frente dela e bloqueou seu caminho. Ela esbarrou em um peito duro.

— Saindo?

Ela olhou para Manu. Deus, ela não podia dar um tempo. Sua pele formigou e seus dedos se curvaram nas palmas das mãos. Elas queriam tocar. Elas queriam saber como ele se sentia.

Desejo enrolou em sua barriga, baixo e insistente. *Por quê?* Por que ela não conseguia entender isso?

— Kate?

Esse estrondo profundo percorreu seu caminho, e ela se forçou a não alcançá-lo. O que ela precisava era sair dali, rápido, e colocar alguma distância, e de preferência algumas paredes de concreto, entre ela e Manu Rahia.

***

Olhos azuis calculosos encararam Manu. Kate estava olhando para ele e havia algo se movendo atrás de seu olhar que ele não conseguia ler.

Porra, essa mulher estava provando ser um quebra-cabeça fascinante. Ele estava certo de que a maioria das pessoas simplesmente olhava para seu comportamento composto e fazia suposições. Ele com certeza tinha. Mas a cada interação, ele vislumbrou sugestões da mulher que ela mantinha escondida sob a Capitã.

Ele ouviu o riso de Hemi ecoar do outro lado da sala e Manu olhou por cima. Seu esquadrão estava rindo e festejando, e várias mulheres estavam com os homens solteiros, rostos alinhados com sorrisos de glamour.

Era geralmente o que ele gostava - sorrisos, humor, charme fácil.

Nada disso descrevia Kate Scott. Ele olhou para ela. Porra, ela cheirava bem, e ele sabia que ela não estava usando perfume, era apenas ela.

— Eu tenho trabalho a fazer. — Ela contornou-o e saiu da sala de recreação.

Manu a seguiu. — Você está de folga.

— Ainda tenho trabalho a fazer. A segurança é 24/7. — Ela aumentou seu passo.

— É por isso que você tem um time.

Os olhos dela brilharam. — E eu sou o líder deles.

Ele sorriu. — Você não pode delegar. Entendi.

Os ombros dela enrijeceram. — Eu delego.

— Você é uma maníaca por controle.

Ela parou e deu um passo mais perto dele. — Eu levo meu trabalho a sério.

Por que ele a estava irritando? Talvez porque ele quisesse ver aquela chama de paixão que ele tinha visto nela antes. Talvez porque ele estivesse morrendo de vontade de ver o que ela mantinha escondido.

— O que é admirável. — Ele estendeu a mão, tocando o balanço dos cabelos dela. — Mas você também precisa de algum tempo de inatividade, Kate.

— Eu me exercito. Você me viu no campo.

Ele balançou sua cabeça. — Isso ainda funciona. É importante lembrar por que estamos brigando.

Mais uma vez, ele viu algo se mover através dos olhos dela. — Você perdeu alguém?

A testa dela enrugou. — O que?

— Na invasão. Você perdeu um marido, um amante?

O rosto dela se suavizou. — Não. Somente minha carreira.

— Isso não foi o que eu quis dizer. — Ele passou os dedos pelo braço dela. Ele sentiu um músculo tonificado sob a blusa dela.

— Eu não tinha ninguém para perder. — Ela tentou puxar o braço dele. — Para de me tocar.

Ele não soltou o braço dela. — Eu gosto de tocar em você.

Olhos azuis encontraram os dele, algo ilegível se movendo através deles.

De repente, uma risada rouca e feminina ecoou adiante no túnel, seguida pelo gemido profundo de um homem. Os dois giraram e Manu viu o corpo tatuado de Levi. Ele tinha uma ruiva curvilínea pressionada contra a lateral do corredor. As pernas de Chrissy estavam enroladas nos quadris de seu amante, a cabeça inclinada para trás quando ele beijou seu pescoço.

Manu abafou uma risada. Se os dois não estavam discutindo - e discutiam muito -estavam se enfrentando de uma maneira completamente diferente. Este era um casal que sugava cada medula da vida.

Ele olhou para baixo e se viu fascinado por Kate. Ela estava olhando para o casal como se não pudesse desviar o olhar. Seu rosto estava tingido de cor, seus lábios entreabertos.

Levi afundou uma mão no cabelo de Chrissy, sua boca tomando a dela. Chrissy ondulou contra ele.

— Kate — Manu murmurou baixinho.

Ela olhou para cima e o calor em seu olhar fez seu intestino apertar. Então ele viu quando ela trancou isso. Ela piscou e seu olhar era tão frio quanto um lago. — Eu tenho que ir.

Manu a apertou mais e levantou a voz. — Ei, King, arrume um quarto.

Levi nem olhou para ele, apenas atirou em Manu com um dedo. Então, o homem levantou a mulher por cima do ombro e se afastou. Chrissy riu.

Kate olhou para o casal.

— Você gosta de assistir? — Manu perguntou.

Os olhos dela se arregalaram. — O que? Não!

— Mas você está excitada.

Os lábios dela pressionaram juntos. — Não. Eu não estou… eu não ... — Ela respirou fundo. — Eu não sou do tipo selvagem e apaixonada. Não gosto de exibicionismo ou voyeurismo.

Ele se inclinou para mais perto. — Você está excitada, Kate… Eu posso ver na sua cara. Você se imaginou na posição de Chrissy? Sendo tocada, beijada, amada?

Um calafrio a percorreu. — Manu.

Agora ele ouvia algo que nunca, jamais ouvira na voz de Kate. Nervos misturados com o calor. Isso não era interessante? — Gosto quando você diz meu nome assim.

— Pare.

— Você me imagina pressionando você contra a parede? Minha boca na sua pele?

— Esta não sou eu. — Ela se endireitou. — Eu não sou uma garota festeira. Você quer companhia, volte para seus amigos. — Ela começou a se virar.

Ele agarrou o outro braço dela. — Você não tem idéia do que eu quero.

Ele viu o peito dela apertar e o leve rubor de cor manchando suas bochechas. — Eu poderia fazer você me deixar ir. Isso vai te machucar mais do que me machuca.

Manu sorriu. — Eu sei, mas acho que você não quer que eu pare de tocar em você. — Ele estendeu a mão, passando um dedo na lateral do pescoço dela. — Estou começando a me perguntar o que você quer, Capitã Scott.

Os olhos dela se fecharam. — Não.

— Se essa invasão alienígena nos ensinou alguma coisa, é que a vida é muito curta. Se você quer alguma coisa, vai atrás dela.

Ela virou a cabeça, encarando a parede. — Gosto de analisar, avaliar e ponderar os riscos. Eu não vou atrás de nada.

— Às vezes o risco vale a pena.

Os olhos dela se voltaram para ele agora e eles estavam estranhamente vazios. — Às vezes os riscos são perigosos.

Eles se entreolharam, o ar entre eles espesso e carregado. Então houve uma leve vibração sob seus pés.

Manu levantou a cabeça e franziu a testa. Ele viu uma carranca combinando no rosto de Kate.

— O que é que foi isso? — ela disse.

— Eu também senti. — Agarrando a mão dela, ele a puxou de volta para a sala de recreação. Pela porta, ele viu que a maioria das pessoas ainda estava bebendo e festejando, sem sentir nada.

Mas os Bersekers ficaram quietos, todos trocando olhares. De repente, o comunicador de Kate apitou.

Ela tirou o aparelho do bolso. — Scott.

— Capitã. — Era uma das vozes de sua equipe que veio através do orador. Rápido e urgente. — Felipe e Kendra estão em patrulha.

— E? — Kate pediu.

— Houve uma explosão. Eles desencadearam algo. — Uma dura expulsão de ar. — É mau.

O rosto de Kate esfriou, virando pedra. — Estou a caminho.

CAPITULO QUATRO

Focada, Kate correu pelo corredor, ignorando Manu enquanto ele corria ao lado dela.

Ela correu em direção ao Centro de Comando e, quando as portas de vidro se abriram, ela entrou correndo. Contornando a área principal onde os oficiais de comunicação e os pilotos de drones trabalhavam, ela empurrou as palmas das mãos contra a porta do escritório de segurança. Ele se abriu.

— Status — ela exigiu.

Sua equipe de plantão estava sentada em uma fila de computadores. Um homem grisalho e mais velho, Rob, olhou para ela, o rosto sombrio. — Felipe provocou alguma coisa.

— Fone de ouvido — Kate estendeu a mão.

— A câmera mais próxima da explosão foi tirada. — disse uma mulher, Genie. Seu rosto estava mortalmente pálido quando ela entregou um fone de ouvido a Kate.

Kate rapidamente enfiou o aparelho no ouvido. Gritos de dor ecoaram pela linha de comunicação. Seu corpo ficou tenso e ela rangeu os dentes.

Ela sentiu um roçar de dedos na parte inferior das costas e lançou um olhar a Manu antes de olhar novamente para sua equipe. — Algum sinal de atividade alienígena?

Genie balançou a cabeça. — Eu tenho a equipe de drones na linha. Eles não detectaram nada.

Graças a Deus pelos pequenos favores. — Rob, você está comigo. Todos os outros iniciam procedimentos preliminares de bloqueio. Genie, preciso de um esquadrão para apoio.

A mulher pigarreou. — Os Bersekers estão de plantão.

— Junte-os. — Mais gritos vieram através da linha de comunicação. Kate não estava esperando. — Coloque Doc Emerson e sua equipe em espera também.

Kate disparou pela porta. Ela sabia que levava três minutos para chegar ao vestiário da Equipe de Segurança. Ficava bem ao lado dos vestiários, onde todos guardavam armaduras e armas.

Sem perder tempo, ela correu pelo corredor, dobrou uma esquina e bateu na sala. Ela abriu o armário e tirou o colete de fibra de carbono.

Ela estava indo para resgatar seu povo. Eles eram *o* time *dela*. A responsabilidade dela.

Ela bateu a armadura no lugar e depois pegou uma carabina, verificando-a. Ela também colocou duas pequenas caixas no cinto. Os pequenos dispositivos que continham iono-macas para transportar qualquer ferido.

Um braço musculoso e marrom passou por ela e pegou outra carabina no armário.

Ela girou para olhar para Manu. — Você não vem.

— Eu vou. — Ele verificou a arma com facilidade.

— Você não vai.

Ele levantou uma sobrancelha. — Quem vai me parar?

Kate bateu o armário com mais força do que o necessário. — Eu não tenho tempo para isso.

— Pronta, Capitã? — Rob entrou em cena, se preparando e segurando sua arma. Ele tinha seu equipamento no escritório de segurança.

Com um aceno de cabeça, ela saiu do vestiário. Os três ficaram em silêncio enquanto caminhavam em direção à entrada mais próxima do ponto de explosão.

Na porta, ela assentiu e Rob girou a fechadura. Kate foi a primeira, saindo no ar noturno.

Ela examinou as sombras. A lua estava lá fora, lançando tudo em um brilho prateado. — Genie, alguma atividade alienígena?

— Negativo, Capitã.

Segurando sua carabina, Kate foi procurar seu pessoal. Por um segundo, as memórias voltaram daquela horrível missão, quando sua equipe foi atacada no Oriente Médio. Eles estavam levando ajuda para uma área devastada pela guerra. Ela protestou levando os jovens soldados verdes na missão e foi anulada. Ela respirou fundo. Ela havia perdido três pessoas boas naquele dia. Nenhum deles com mais de vinte e três anos.

Kate afastou os pensamentos e se concentrou em seu entorno. Ela quase esquecera que Manu estava com ela, o homem se movia como um fantasma. Ele estava completamente à vontade com seu grande corpo, e não havia indícios de que ele tivesse uma perna protética.

— Localização aproximada. — Todos os músculos de seu corpo estavam tensos, e ela se esforçou para ouvir qualquer som.

Não havia gritos agora. Nenhum movimento.

Então ela ouviu um gemido.

Kate arredondou algumas pedras e o luar iluminou uma grande cratera enegrecida no chão. Os passos dela vacilaram. *Inferno*.

— Foda-se. — Rob murmurou.

O fuzileiro naval endurecido claramente gostava disso ainda menos que Kate. Ela sentiu Manu pressionar perto de suas costas. Ela odiava admitir, mas o calor dele a firmou.

— Felipe? — ela chamou calmamente. — Kendra?

— Capitã. — Uma voz embargada cheia de dor.

Ela se moveu em direção ao som da voz de Felipe e o viu. Ele estava sentado, com o rosto coberto de queimaduras e sangue.

Merda. Merda. Merda. Seu estômago revirou, mas ela se moveu para ele rapidamente. — Estamos aqui, Felipe.

— Verifique Kendra. — sussurrou Felipe. — Ela não se mexeu.

Kate girou e viu a jovem a alguns metros de distância. Ela estava deitada de lado, com os cabelos loiros emaranhados no rosto. Ela não estava se mexendo.

Manu se moveu rapidamente, ajoelhando-se ao lado de Kendra e pressionando os dedos na garganta dela. — Viva. Inconsciente.

Por perto, Rob ficou alerta e em guarda.

— Era algum tipo de porra de uma mina terrestre. — O corpo de Felipe tremia incontrolavelmente. — Nós apenas pisamos na grama e ouvi um sinal sonoro ...

— Se acalme. — Kate o facilitou de volta, verificando-o. Deus, ele tinha que estar com uma dor terrível. Ela pegou um dos iono-macas e o ativou. — Eu preciso de ajuda.

Manu estava lá em um instante, carregando Kendra nos braços. Ele colocou a mulher na maca e depois se virou para ajudá-la com Felipe.

Kate abriu a segunda maca e Manu o levantou. Felipe gemeu de dor.

Movendo-se para Kendra, Kate tocou o rosto pálido da mulher. Ela estava tão quieta, toda aquela energia dela silenciada. A raiva agitou a barriga de Kate. — Rob?

— A área parece limpa, Capitã.

— A área está limpa. — disse uma voz sombria das sombras.

Kate levantou a cabeça e viu Tane derreter na escuridão. Um segundo depois, o resto dos Bersekers apareceram como fantasmas.

Aparições tatuadas e duronas.

Eles estavam todos blindados, segurando suas carabinas prontas, rostos sombrios.

— Rob, eu preciso que você leve Felipe e Kendra. — ordenou Kate. — Doc Emerson e sua equipe estão esperando.

O homem assentiu. Tane levantou a mão e Levi e Ash saíram do esquadrão para ajudar Rob.

Kate olhou para as botas, tentando controlar seu intestino agitado. Ela estava brava. Mais que brava. Com raiva. Ela se virou para encarar a cratera.

— Kate.

Ela tentou abafar a voz de Manu. Ela não precisava de simpatia agora, não quando estava tão perto de quebrar.

— Precisamos descobrir o que diabos aconteceu. — disse ela entre os dentes.

Uma mão grande apertou seu ombro. — Seu pessoal vai ficar bem.

Ela ficou rígida e quieta. Então ela sentiu os dedos dele roçarem seu pescoço com a menor carícia. Ela fechou os olhos por um segundo.

Não desista. Não se incline.

Ela se afastou, acendeu a lanterna na carabina e agachou-se junto à cratera.

***

Manu sentiu a tensão bombear Kate. Ele sabia como era quando um membro de sua equipe estava fora do ar. Inferno, ele sabia como era ser quem estava caído.

Ele observou quando ela interrompeu sua reação e ele franziu a testa. Ele suspeitava que ela sempre mantinha suas emoções firmemente protegidas. Ela nunca se abria e não tinha em quem se apoiar.

Ele sabia sobre manter as coisas engarrafadas. Ele soltou um suspiro, ciente de que também não era o melhor em se abrir. Mas ele tinha seus irmãos e amigos. Alguns pesadelos sobre perder a perna não eram nada. Tanto quanto ele podia ver, Kate não tinha ninguém.

— Porra, o que diabos explodiu fez uma bagunça. — disse Hemi.

Os Berserkers restantes se reuniram ao redor da cratera.

— Bem, foi definitivamente algum tipo de explosivo. — Ela tocou sua orelha. — Genie, você pode fazer com que a equipe de drones examine a cratera em busca de explosivos ativos?

— Já o fiz. — respondeu a mulher. — Tudo limpo.

Kate deu um passo para o lado inclinado da cratera.

— Kate ... — Manu rosnou.

Ela o ignorou, deslizando para o fundo do buraco.

Merda. Sem parar, Manu a seguiu. A perna dele não amava o chão irregular, mas ele ignorou a labareda de dor.

Tinha cerca de dois metros de profundidade. No fundo, ela se agachou, estudando a massa derretida no centro. Era um monte preto e retorcido. Ele franziu o cenho, apontando a lanterna diretamente para ele.

— Gizzida? — ela meditou.

— Provavelmente.

Ela usou a ponta de sua carabina para cutucá-la. Parte da massa derretida caiu e algumas das partes não queimadas do dispositivo foram exibidas. Osso, escamas e tendões.

O rosto de Kate endureceu. — Gizzida.

Definitivamente, era o tipo de tecnologia dos alienígenas - misturado com componentes orgânicos. Memórias sombrias se agitaram na cabeça de Manu. Memórias de outro dispositivo alienígena - dentes cruéis apertando sua perna. Dor lancinante e revirada de estômago e seus próprios gritos roucos.

— Como diabos eles chegaram tão perto do Enclave? — Tane mordeu por cima.

Manu piscou. O suor escorria em sua testa e ele viu Kate o observando com curiosidade.

— Não havia como eles terem valsado aqui em cima sem que nós os víssemos. — acrescentou Hemi.

Kate levantou a cabeça. — Isso é algo que pretendo descobrir.

De repente, luzes vermelhas piscaram nos restos carbonizados. Manu e Kate congelaram.

— Capitã? — A voz de pânico de Genie. — Explosivos ativos em sua localização!

— Manu, fora. — ordenou Tane.

— Porra, minha carabina acabou de morrer. — chamou Dom.

— A bomba está muito perto da base. — disse Manu. — Precisamos desativá-la. Vocês voltam para uma distância segura.

Tane fez um som rosnado. — Não.

— Tane.

— Foda-se. — o irmão de Manu falou. — Berserkers, de volta.

Manu arrancou seu pequeno kit de ferramentas do cinto. Ele nunca ia a lugar nenhum sem ele. — Saia, Kate.

— Eu sou Chefe de Segurança Básica, não você.

— Kate…

Ela levantou a carabina, apontando a lanterna para a mina terrestre. — Vou ficar.

Manu estudou a linha teimosa de sua mandíbula. Dane-se se não parecia atraente, mesmo quando ele estava chateado com ela. *Foda-se.* Ele não a queria na linha de fogo.

— É melhor você começar a trabalhar. — disse ela calmamente.

Ele se inclinou sobre a bomba. — Eu odeio mulheres teimosas.

— Estou realmente chateada com isso. — A voz dela estava seca. — Você sabe o que está fazendo?

— Um pouco tarde para perguntar isso agora. — Ele pegou sua ferramenta de cortador automático. — Eu sei o suficiente. Eu brinco com armas Gizzida por diversão.

— Você precisa sair mais. — disse ela.

— Sim.Sim.

Ela bufou, mas ele sabia que ela estava hiperalerta. Ele abriu um painel em forma de osso na parte não queimada do dispositivo. Gosma laranja escorria. Havia fios de aparência orgânica dentro.

Ele enfiou a ferramenta dentro e começou a pescar.

— Não nos exploda. — disse Kate.

— Não está na minha agenda para esta noite. — Ele viu o fio que sabia que precisava cortar. Pulsou suavemente. — É isso.

Kate agachou-se ao lado dele, o rosto tenso. Ela respirou fundo. — Faça.

Manu olhou para cima, seu olhar traçando seu rosto. Ele estendeu a mão e agarrou o cabelo dela. — Caso eu faça isso errado. — Ele a puxou até que seus lábios sensuais encontraram os dele.

Ele queria que fosse um beijo rápido, mas ela fez um som pequeno e faminto e o beijou de volta.

Merda. Por alguns segundos brilhantes, Manu esqueceu tudo, exceto o gosto de Kate Scott. A língua dela acariciou a dele e um gemido vibrou através dele.

O dispositivo alienígena emitiu um sinal sonoro e Manu se afastou.

Kate pigarreou. — Melhor desarmar essa bomba, Rahia.

Droga. O gosto dela ainda estava em seus lábios e ele queria mais. Havia calor em Kate Scott - calor brilhante e abrasador - e ele queria ser queimado por isso. Ela estava segurando ele.

Mas agora, ele precisava mantê-los vivos.

Seus olhares travaram, e então ele cortou o fio.

As luzes se apagaram na bomba.

Kate soltou um suspiro trêmulo. A adrenalina surgiu através dele e Manu se levantou. Ele ignorou a pontada na perna e se inclinou, as mãos pressionadas nas coxas. — Porra.

Então, de repente, Kate se moveu. Ela parou na frente dele, agarrou seus ombros, subiu na ponta dos pés e bateu a boca contra a dele.

Manu a agarrou, puxando-a para mais perto. Ele deslizou a língua na boca dela e parou de pensar. Porra, ela o beijou como se ele estivesse entrando em batalha e talvez nunca mais voltasse. Era o beijo mais faminto e carente que ele já teve. E ele queria mais.

Kate tropeçou para trás, os olhos arregalados e respirando rápido. — Ah, vou providenciar para que minha equipe limpe a área.

Então, a Capitã ia ignorar o beijo? — Eu preciso das peças. Quero estudá-los e ver exatamente com o que estamos lidando.

Ela assentiu. — Você as terá.

— Kate…

— Adrenalina. Que bom que ainda estamos vivos. — Ela se virou e voltou a subir a lateral da cratera. No topo, ela parou e olhou por cima do ombro. — Bom trabalho, Manu.

Ela quis dizer desativar a bomba, mas caramba, ele queria que ela estivesse falando do beijo.

CAPITULO CINCO

Nas próximas horas, Kate fez o que sempre fazia e se concentrou em seu trabalho. Ela dirigiu sua equipe e supervisionou a coleta do dispositivo alienígena. Um Noah mal-humorado da equipe de tecnologia chegou, com os cabelos escuros despenteados. Claramente, ele estava infeliz por ter sido puxado para fora de sua cama. Um de seus técnicos, Marin, estava com ele.

A loira fofa de cabelos encaracolados sorriu, e quando Ash tatuado reapareceu da escuridão para lhe dar um beijo duro, ela sorriu ainda mais. O durão e a nerd bonitinha da tecnologia. Kate balançou a cabeça. Aparentemente, invasões alienígenas fizeram os opostos se atraírem.

Noah e Marin se ocuparam com seus scanners, rastejando sobre a cratera. Kate tentou não deixar sua mente vagar. Para os membros da equipe feridos ou para o fato de ela ter beijado Manu Rahia. Duas vezes.

Noah afastou o scanner. — Parece seguro trazer para dentro.

— Mas trouxemos uma caixa forte e à prova de explosivos. — acrescentou Marin. — Apenas no caso de.

— Obrigado. — disse Kate. — Vamos pegar daqui.

Rob e Miles trabalharam para carregar o dispositivo e logo o levaram embora. Cansada, Kate voltou para dentro. Os músculos das pernas tremiam e os ombros doíam. Ela precisava dormir um pouco.

Mas enquanto se dirigia ao vestiário para trocar seu equipamento, sentiu um calor quente na barriga. Ela tinha um medo mortal de que, quando finalmente chegasse à cama, estaria pensando em um certo homem grande, com músculos duros e cabelos escuros, em vez de dormir. O desejo aumentou, a energia zunindo em suas veias.

Droga, o que havia de errado com ela? Ela tinha membros da sua equipe na enfermaria, muito trabalho a fazer porque os alienígenas haviam plantado uma bomba praticamente à sua porta, e ela precisava de um plano para garantir que não houvesse mais minas por aí.

Para começar, ela precisava verificar Felipe e Kendra. Quando chegou à enfermaria, assentiu com a cabeça para Doc Emerson, que estava estudando algumas cartas. As luzes estavam baixas, e Kate viu Felipe sentado em seu beliche, o rosto ainda cru, mas curado. Kendra estava dormindo na cama ao lado dele.

— Dei a ambos uma dose de nanomeds. — disse Emerson em voz baixa.

Kate sabia que as minúsculas máquinas médicas estariam trabalhando duro para consertar os ferimentos do casal. — Obrigado, Doutora.

A mulher assentiu, seu olhar perceptivo em Kate. — Eles vão ficar bem.

Kate assentiu e foi até o povo.

— Amanhã volto a trabalhar, Capitã. — disse Felipe.

— Você tem dois dias de folga.

O rosto do homem caiu. — Estou bem.

— Eu sei. E você vai ficar assim. Dois dias.

Ele suspirou. — OK.

Conversaram um pouco mais, depois Kate o deixou, dando um tapinha desajeitado em suas pernas cobertas de cobertor. Ela se mudou para a Kendra adormecida e seu interior se retorceu. Ela parecia tão jovem. Com cuidado, para não acordar a mulher, Kate colocou uma mecha do cabelo de Kendra atrás da orelha.

Quando Kate saiu da enfermaria, seu estômago roncou e ela percebeu que estava morrendo de fome. Ela mudou de direção e foi em direção à cozinha.

— Kate.

A voz profunda a fez parar e se virar. Ela viu Roth Masters, Chefe do Esquadrão Nove, caminhando em sua direção. Seu corpo musculoso estava vestido com uma camiseta cinza e calças fatigadas.

Ela e Roth não haviam começado bem. Ela o prendeu uma vez, quando ele chegou ao Enclave. Ela pensou que ele era o inimigo e, em vez disso, descobriu que estava protegendo o inimigo. Curiosamente, ela e Roth agora eram amigos.

— Você está acordado até tarde. — disse ela.

— Eu queria uma atualização de status nesta mina terrestre. — Ele parou ao lado dela. — E para verificar como você está.

Ela soltou um suspiro. — Estou bem, mas tenho dois membros da equipe na enfermaria. Isso é péssimo.

— Com certeza. — Ele pressionou a mão no ombro dela. — Eles estão bem?

Ela assentiu. — Lesão na cabeça e queimaduras, mas curando bem. Felipe está ansioso para voltar ao trabalho.

— Você tem pessoas boas e bem treinadas, Kate.

— Alguns deles são apenas crianças, Roth.

— Não, eles não são. Eles podem ser jovens, mas estão fazendo suas escolhas e lutando pelas coisas em que acreditam.

Ela sabia que era verdade, mas agora, apenas fazia seu peito doer. — Maldita Gizzida.

Roth cruzou os braços. — Niko e Holmes têm uma reunião planejada para a manhã.

Ela assentiu. — Eu preciso descobrir como diabos os alienígenas conseguiram uma bomba tão perto do Enclave. E precisamos garantir que não haja mais nenhum por aí.

Roth grunhiu. — Nós vamos resolver isso. Você parece abatida. Você precisa descansar.

— Você sabe como é ser o chefe.

O olhar dele a lançou. Roth era o tipo de homem que sempre obtinha as respostas que queria. — Eu sei. E eu sei que é importante ter algum tempo de inatividade e permanecer atualizado.

Sim, e ele tinha a bela e inteligente Avery que o ajudava a fazer isso. Kate passou a mão pelo cabelo. — Sim. Certo.

— Durma um pouco.

— Eu vou. Boa noite, Roth. Diga oi para Avery.

O estômago de Kate estava roncando novamente e ela correu para a cozinha. Não seria a primeira vez que ela invadia a cozinha no meio da noite.

Lá dentro, ela atravessou a sala de jantar agora silenciosa e escura. Havia alguma iluminação na bancada da cozinha, e ela foi até as geladeiras industriais de aço inoxidável. Ela abriu uma e tirou algumas coisas, colocando-as no banco.

Queijo. Pão. Um pouco de cebola francesa espalhada. Azeitonas. Ela colocou um cubo de queijo na boca.

— Eu vou ter um pouco disso.

Ela girou, segurando o bloco de queijo cheddar na mão.

Manu ficou lá, de banho tomado e com uma roupa limpa.

O poder emanava dele. Ele era tão malditamente masculino e forte. Sua camiseta preta cortou seu grande bíceps, e seu olhar caiu na interessante tinta preta em seu braço esquerdo. Suas pernas estavam envoltas em calças cargo bege.

Kate sentiu um lampejo de calor sobre a pele e um pulso palpitou entre as pernas. Deus, ela precisava colocar isso para fora.

Ela engoliu em seco e colocou o queijo no banco. Ela puxou dois pratos para mais perto, jogou um pouco de comida nos dois e depois cutucou o segundo prato para ele.

Ele apoiou o quadril no banco e eles comeram em silêncio. Estranhamente, não era estranho.

Não, seria estranho se ela pulasse sobre o banco e pulasse nele. Ela engasgou com uma azeitona na garganta. Ela tossiu.

— OK? — ele perguntou.

Ela assentiu, batendo no peito.

— Como está o seu pessoal?

— Recuperando. Nanomeds estão consertando-os.

— Isso é bom.

— Meus caras trouxeram para você as partes alienígenas?

Ele assentiu. — Eu tenho algumas pessoas classificando-as. Depois de dormir algumas horas, começarei a analisá-las.

Ela o viu esfregar a coxa esquerda. — Isso dói?

Ele endureceu um pouco. — Só as vezes. Está atado aos meus nervos, então, depois de um longo dia, sinto alguma dor no local da conexão.

Ele não continuou e ela percebeu pelo olhar tenso em seu rosto que a discussão estava encerrada. Manu sempre a impressionara com a adaptação rápida da sua protese. Olhando para ele agora, o cansaço cobrindo seu rosto, ela viu sombras em seus olhos escuros. Agora, ela se perguntava se essa era toda a verdade.

Ela pegou uma bolacha. — Se você não quer falar sobre sua perna, tudo bem.

Ele olhou para cima. — Em vez disso, podemos falar sobre o beijo.

Ela congelou. — Não.

Ele deu um sorriso lento. Seu sorriso era lindo, os dentes brancos contra a pele bronzeada. — Nós precisamos conversar.

Sua voz sexy retumbou sobre ela. *Não não.* Ela não queria conversar. Especialmente quando o olhar de veludo escuro de Manu estava nela, como se ela estivesse na mira de um alvo guiado por laser.

***

Manu contornou o banco. Ele viu Kate se endireitar, e seus músculos se contraíram, preparando-se para se mover.

Ele apertou as mãos em ambos os lados dos quadris dela no banco, enjaulando-a. Mas ela não tentou escapar. Não, Kate Scott tinha muita coragem para recuar, mesmo quando queria.

— Por quê? — ele perguntou.

Ela olhou para cima. — Porque o que?

— Por que não falar sobre o beijo?

— Beijos. — Seu rosto se contorceu como se ela não quisesse dizer isso.

Ele sorriu. — Beijos. A propósito, vou beijar você de novo.

Ela fez uma careta. — Não.

Manu tentou esconder o sorriso. Ninguém jamais perturbara a sensata Capitã Scott antes? — Ele vai acontecer novamente.

— Deus, você é mandão. Não é. — Sua voz era prosaica. — Nenhum de nós tem tempo para isso.

Ele sorriu. — Eu vou fazer ter tempo.

— Eu tenho um trabalho a fazer, mantendo o Enclave seguro… — Ela pressionou as mãos no peito dele e empurrou.

Ele não se mexeu. — Esse não é um trabalho de uma mulher só. Os esquadrões têm vidas, Kate. É importante lembrar por que estamos brigando. — Ele estendeu a mão e acariciou a linha teimosa de sua mandíbula.

Ela fez um mau trabalho ao esconder seu arrepio. — Este não sou eu. Eu não sou…

Ele se inclinou, o nariz pressionado na bochecha dela. — Não é o quê?

— Assim. Carente, fora de controle ...

Ele pressionou seus lábios nos dela. Ela fez um pequeno gemido e deslizou as mãos nos cabelos dele. Seu corpo comprido pressionou o dele e Manu mudou o ângulo do beijo para se aprofundar. Porra, ela tinha um gosto tão bom.

Ela gemeu em sua boca e Manu segurou sua bunda firme. Ele sentiu as mãos dela deslizarem sob a camiseta, as unhas curtas roendo

a pele dele. Porra, ela era gostosa. Ele a puxou para mais perto e sentiu a ponta dos dentes dela pegar seu lábio. Ela gemeu de novo.

Então sua boca estava no pescoço dele e suas mãos viajaram para baixo para agarrar sua bunda. Ele deslizou as mãos pelo corpo dela e a sentiu tremer. Ela era tão malditamente responsiva. O desejo era como um aríete dentro dele.

— Eu não gosto de homens insistentes. — Ela mordeu o pescoço dele.

— Então isso será realmente desconfortável para você.

Ela olhou para ele. — Por que você está fazendo isso?

— Porque eu quero você, Kate. Quero te despir e passar minhas mãos e minha língua em cima de você.

O peito dela se contraiu.

— E eu quero o que você está escondendo ai dentro.

Ela balançou a cabeça. — Eu não estou escondendo nada.

— Quero o fogo dentro de você. Esse fogo que você esconde do mundo.

Os olhos dela se arregalaram. — Sou sensata, prática e chata.

Ele bufou uma risada. — Não, você não é.

Algo brilhou em seus olhos. — Eu sou. Meu ex-noivo me dizia isso. Repetidamente.

Manu fez uma careta. — Então ele era um idiota.

Ela rapidamente se afastou, empurrando contra ele.

Tinha sido um dia longo, e Manu estava cansado e desequilibrado. Sua perna protética saiu debaixo dele e ele

tropeçou. Com uma maldição, ele pegou a beira do balcão antes de se envergonhar e cair de bunda.

Kate estava procurando por ele. — Manu, me desculpe… .

Ele lutou contra a massa de emoções desconfortáveis que surgiram. — Não me toque.

Ela congelou.

Porra, ele percebeu o quão duro era seu tom. Mas as emoções feias incharam dentro dele. Ali estava ele, tentando seduzir uma mulher pela primeira vez desde que ele perdera a perna, e ela o viu quase tombar como uma criança.

— Você não quer ficar com um aleijado, apenas diga.

A cabeça dela estremeceu como se ele tivesse lhe dado um tapa. — Não coloque palavras na minha boca.

Ainda estremecendo, Manu deu um passo para trás. Ele só queria a abençoada escuridão e a paz do seu quarto. Ele não queria essa mulher forte que ele desejava olhando para ele com pena.

— Você sabe o que, Kate, apenas esqueça. — Ele saiu do banco. — Porque você está certa, isso não vai acontecer novamente.

Sem olhar para ela, ele saiu da cozinha, terrivelmente consciente de que estava mancando, e ela o observava.

CAPITULO SEIS

Ela atravessou o corredor em direção ao Centro de Comando, tomando seu café. Depois de sua noite sem dormir, ela precisaria de muita cafeína hoje. Uma vaga dor de cabeça bateu em suas têmporas enquanto ela se dirigia à reunião com Niko e Holmes.

Ela entrou no Centro de Comando, acenando para as pessoas que ocupavam as mesas. O único ponto positivo desta manhã foi que Kendra e Felipe estavam sendo libertados da enfermaria em poucas horas.

Agora, ela tinha que lidar com a situação alienígena de minas terrestres e parar de pensar em Manu.

Aparentemente, ela não podia fazer um único movimento certo com aquele homem. Inferno, qualquer homem. Sua vida era uma prova disso. Tomando outro longo gole de café, ela tirou todos os pensamentos de Manu da cabeça e foi em direção à sala de conferências.

Pela porta, ela viu Niko em pé na cabeceira da mesa. Ele acenou com a cabeça e ela entrou e viu o general Holmes.

E Manu.

Seu rosto parecia granito quando ele deu um breve aceno impessoal.

— Bom dia. — Kate conseguiu.

— Sente-se, Kate. — disse Niko. — Como está o seu pessoal?

Kate ficou sentada, observando Niko e Manu fazerem o mesmo. — Eles estão sendo liberados da enfermaria hoje. Eu dei a eles dois dias de folga para descansar.

Holmes ficou de pé, as mãos cruzadas atrás das costas. Como sempre, sua postura era perfeita. O homem irradiava autoridade. — Vamos conversar sobre esta bomba. Manu está analisando os restos, juntamente com os escombros que o Esquadrão Três trouxe das montanhas, então pedi que ele se juntasse a nós.

Manu recostou-se na cadeira. — É mais uma mina terrestre. Ainda não tenho muito o que lhe dizer. Eu preciso de mais tempo.

Kate brincou com sua xícara de café. A presença do homem tinha que ocupar a sala inteira? Ela não gostou do fato de que ele não estava realmente olhando para ela. Ele estava meio que olhando através dela, e caramba, doía. Tudo por causa daquele encontro imprudente na cozinha.

— Como eles poderiam plantá-la tão perto do Enclave? — A voz de Niko tirou Kate de seus pensamentos.

— Os drones não detectaram nenhum alienígena perto da base. — disse Kate. — Então, a resposta é… ainda não sei. — A imagem do rosto queimado de Felipe brilhou em sua cabeça. — Mas eu vou descobrir.

Holmes assentiu. — Também precisamos escanear toda a área ao redor do Enclave. Temos que garantir que não haja mais desses dispositivos.

— Sim, senhor — disse ela. — Eu já estou planejando uma pesquisa. Vai levar tempo.

O rosto bonito do general se voltou considerando. — Eu tenho todos os esquadrões ocupados no momento. Aqueles que não estão em patrulha de segurança estão trabalhando para descobrir para onde os alienígenas moveram o dispositivo octagon preto.

Kate lutou contra um calafrio. O dispositivo octagon era uma prioridade. A Gizzida se esforçara muito para mantê-la escondida, e ela

sabia que era vital que eles a encontrassem e descobrissem para o que foi projetada.

— E a equipe de Noah também está ocupada. — disse Holmes. — Trabalhando com Emerson, eles tiveram alguns avanços isolando o que está nas arvores e afectando Gizzada.

Ela piscou. Essa era uma ótima notícia. — Realmente?

O general assentiu. — Na verdade, são os eucaliptos que afetam os raptores. Ou, mais especificamente, o ingrediente ativo do óleo de eucalipto. Chama-se cineol.

Manu se inclinou para frente. — Noah me fez configurar algumas granadas para conter o óleo de cineol. Pode haver algumas granadas de trabalho para testar em breve.

— Kate, você tem menos duas pessoas. — disse Niko. — E eu já sei que você dobrou a segurança básica desde a noite passada.

Ela assentiu novamente. — Está tudo bem, eu vou ...

Niko levantou a mão. — Manu e sua equipe a ajudarão na pesquisa de minas terrestres.

Seu intestino apertado. *Ótimo*. — Se você acha que é melhor. Eu vou trabalhar com isso.

Ela assentiu e se levantou. Ela foi direto ao seu escritório. Quando ela entrou na sala de segurança, sua equipe olhou para cima, deu uma olhada em seu rosto e se ocupou com o trabalho novamente. Porra, ela precisava de mais café.

Em seu escritório, ela apenas circulou sua mesa quando Manu apareceu na porta. Ela ficou lá, sentindo-se rígida e estranha. — Eu posso fazer essa pesquisa sozinha.

— Você precisa de ajuda. — disse ele.

Kate soltou um suspiro. — Bem. Vou marcar uma grade de pesquisa. Quando terminar, eu enviarei para você.

— Eu tenho meus funcionários trabalhando com a equipe de tecnologia. Estamos tentando montar um scanner para detectar os materiais usados na mina terrestre.

Ele estava mantendo isso profissional, para que ela pudesse fazer o mesmo. Uma parte dela - uma parte profunda e enterrada dela - sentiu um lampejo de decepção. Mas isso era o melhor. — Isso faz sentido. Os drones não detectaram isso, então é claramente algo diferente, ou foi enterrado muito fundo no chão para que os drones pudessem pegar.

Ele deu um aceno rápido com a cabeça. — Estamos trabalhando para garantir que o novo scanner possa penetrar o suficiente.

— Ótimo. Então, vamos nos encontrar em duas horas. Até lá, planejarei a grade de pesquisa e espero que você tenha um scanner para testar.

— É um encontro. — Sem outra palavra, ele girou e se dirigiu para a porta.

Dane-se isso. Kate se moveu rápido, passando por ele e bloqueando a porta. Uma voz em sua cabeça estava gritando com ela para deixá-lo ir, deixar isso em paz. Mas ela simplesmente não podia deixar assim, e ela não era uma covarde, caramba.

— Nunca mais coloque palavras na minha boca. O que você me acusou na noite passada foi algo que eu nunca disse, muito menos pensei.

Sua mandíbula se apertou.

— Eu admirei muito a maneira como você lidou com sua lesão. O trabalho que você fez antes era importante. Mas o trabalho que você faz agora é vital para essa base. Você pode não estar lá fora, lutando contra os alienígenas com as próprias mãos, mas ainda conta.

O rosto dele não mudou. Bem. Ela disse sua parte.

Ela se endireitou e saiu do caminho. — Eu preciso planear a nossa rede de pesquisa.

Ela foi para a mesa e sentou na cadeira. Ela sentiu seu olhar nela, e quando ela olhou para cima, ele estava olhando para ela, seu rosto ilegível.

— Você não é definido pelo que sua maldita perna é feita, Manu.

Outra batida de silêncio, então ele se virou e saiu.

Kate soltou um longo suspiro. Malditos machos alfa. Manu escondeu seu poço, sob seus sorrisos fáceis e sensuais e competência, mas estava lá.

Junto com os demônios que ele mantinha escondidos.

***

Manu atravessou a grama alta, balançando o scanner de um lado para o outro. Parecia um detector de metais da velha escola.

Kate se adiantou, mais uma vez em sua armadura de fibra de carbono, com o olhar alerta. Ela estava segurando sua carabina facilmente.

Linda. Difícil. Forte.

As palavras que ela disse a ele em seu escritório sacudiram em sua cabeça a manhã toda. Ele tinha fodido com ela. Estava claro que ela não deixava ninguém embaixo daquela armadura dela, e ele fez uma pequena fenda. Mas por causa de sua própria merda, ele tinha

estragado tudo e tinha certeza de que ela estava ocupada escondendo alguma fraqueza.

Bem, ele só teria que trabalhar duro para voltar.

Sua mãe sempre disse que ele era determinado quando queria algo - como uma pedra rolando ladeira abaixo. Ela disse que seu tipo de determinação era soletrado da mesma forma que teimoso.

Sua mãe gostaria de Kate. Ela sempre gostou de inteligência e maturidade.

— Qualquer coisa? — Perguntou Kate.

— Não. Nada nas varreduras.

Kate assentiu. — Espero que isso signifique que não há outras.

— Algo me diz que não teremos essa sorte.

Ela resmungou. — Eu não acredito em sorte de qualquer maneira.

— Então, você estava noiva? — Manu perguntou.

O olhar azul dela se estreitou nele. — Há muito tempo atrás.

— Ele também era do exército?

— Bombeiro. — Seu tom era rígido.

O cérebro de Manu criou a imagem de um bombeiro apaixonado segurando uma Kate sorridente nos braços. Mas ele lembrou o que ela havia dito sobre ele. Manu já havia determinado que o homem era um idiota. — O que aconteceu?

— Não deu certo. — Seu tom era tão frio quanto o Ártico.

Manu resmungou. — Minha mãe estava ansiosa por um de nós, meninos, casar e dar a ela seus netos. — Ele sentiu aquele pesar familiar ao pensar em sua mãe. — Continuamos a decepcioná-la.

— Meus pais eram mais velhos. E eles realmente não se importaram se eu casei ou não.

Ele franziu a testa. — Eles devem ter se orgulhado de sua carreira.

Ela encolheu os ombros. — Eles possuíam uma lanchonete. Eles pareciam confusos quando entrei para o Exército.

— E esse seu noivo idiota? Ele estava orgulhoso do seu trabalho?

— No início. Até que ele não estava.

Deus, ela era dura. Tirar algo dela era como arrancar dentes. — Kate ...

Ela girou, os olhos brilhando. — Ele queria que uma esposa voltasse para casa todas as noites, que preparasse uma boa refeição e chupasse seu pau quando ele estivesse de bom humor. Eu trabalhei tão duro quanto ele, não precisava de um segundo emprego cuidando dele também.

— Não é assim que um casamento deve ser.

— Ele esperava que eu desistisse do meu emprego, tivesse filhos e brincasse de casinha.

— O que aconteceu?

— Bem, ele decidiu que uma mulher chata, sem paixão, viciada em trabalho não era para ele. Em vez de aparecer e me contar como se sentia, ele bateu em outra mulher. — O nariz dela enrugou. — A filha bonitinha de vinte anos de uma amiga nossa.

Manu resmungou. Sim, cara era um idiota sem noção. — Ele soa como um bastardo idiota.

— Ela era uma ex-líder de torcida, que ria sem parar e passava o que eu presumo que eram várias horas cuidando do cabelo e maquiagem todas as manhãs.

O cara cortou Kate de várias maneiras. Manu sabia que havia muitos caras que não podiam lidar com uma mulher forte e competente. Felizmente, ele não era um deles. — Parece-me que você está melhor sem ele.

— É uma coisa em que podemos concordar. Agora, podemos não falar mais sobre isso? — Ela se agachou, estudando um pedaço de terra onde a grama havia morrido.

— Jante comigo esta noite. — Manu deixou escapar.

Ela levantou a cabeça e ela se levantou. — Não.

— Quero me desculpar por ser um idiota.

Ela olhou para ele, aqueles olhos azuis firmes. — Não é necessário.

— É, mas eu também quero.

— Não.

Ele se aproximou dela. — Eu sei que você quer.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Você decidiu ler?

— Não, mas eu comecei a estudar Kate Scott.

Os lábios dela pressionaram juntos. — Eu não…

O scanner emitiu um bipe baixo e ambos ficaram rígidos.

Kate examinou o chão. — Estamos de pé em um pedaço de grama morta.

Franzindo a testa, Manu varreu o scanner pela terra. Os bipes ficaram mais altos e mais frequentes.

— Havia outro pedaço estranho de grama morta ontem. — disse Kate. — Eu vi isso em patrulha. — Ela levantou a cabeça. — Existem alguns deles por aí.

Ele estreitou o olhar. — Há outro por lá. E lá.

Eles se mudaram cuidadosamente para outro pedaço de terra perto de uma pequena colina de rochas. Eles mantiveram as botas na grama grossa e verde.

Ele acenou com o scanner sobre o pedaço de terra e o dispositivo ficou louco, apitando freneticamente.

— Porra.

Raiva e preocupação cobriram o rosto de Kate. — Vou relatar. — Ela levantou a mão para tocar seu fone de ouvido.

De repente, veneno espalhou a grama por perto. Ao ouvi-lo chiar e queimar, Manu largou o scanner e mergulhou em direção a Kate. Ela já estava se esquivando, e juntos eles caíram no chão e rolaram.

— Kate! Manu! Raptores em sua área. — A voz de Indy Bennett gritou através da linha de comunicação. Ela era a oficial de comunicação dos Bersekers e de serviço hoje. — Eles apareceram do nada.

— Nós os vemos. — respondeu Manu.

Kate ficou de joelhos e começou a atirar nas pedras. Manu tirou a carabina das costas, mirando.

As cabeças escamosas e répteis de vários raptores espiavam cuidadosamente sobre as rochas. Os bastardos tinham boa cobertura, enquanto ele e Kate estavam em campo aberto.

— Cubra-me. — ele gritou.

Ela intensificou o fogo do laser e Manu saiu correndo. Ele ziguezagueou, esquivando-se do spray de veneno e correu para mais perto das rochas. Ele arrancou uma granada do cinto, a ativou e a arremessou contra o aglomerado de pedras.

Três. Dois. Um.

Bang.

A granada disparou e gritos guturais encheram o ar. Vários corpos volumosos e volumosos voaram no ar.

— Manu!

O grito de Kate o fez girar. Ele viu um raptor no joelho. O bastardo estava apontando sua arma diretamente para Manu. *Merda*. Manu levantou sua carabina…

E viu o cartucho de laser morrer. Ele apertou o gatilho e nada aconteceu.

Foda-se.

Kate correu pela grama e mergulhou. Ela bateu em Manu e eles rolaram pelo chão.

Logo atrás deles, o veneno pulverizou o campo, fazendo buracos na terra e na grama.

Kate saiu de Manu. Ele puxou sua pistola de choque Shockwave e os dois dispararam.

— Cubra-me desta vez. — disse ela.

Ela pulou, entrando em um sprint. Ela se moveu como uma pantera, forte e rápida, enquanto ele deitava fogo. Porra, ele podia vê-la correr o dia todo.

Ele continuou atirando e viu Kate pular em uma pedra grande. Ela pulou no ar, as pernas chutando para levá-la mais alto, e ela atirou no outro lado das rochas. Manu viu os raptores caírem.

Pousando agachado, Kate se virou para encarar um raptor final. O alienígena arreganhou os dentes afiados, mas Kate atirou a curta distância, e o raptor caiu pesadamente de joelhos. Com um chute violento na frente, ela bateu uma bota no peito dele e o levou para trás.

O campo estava quieto.

Manu se levantou e se aproximou. Ele examinou os corpos dos raptores. Nenhum estava se movendo.

— Bom trabalho, Capitã.

Ela lançou um leve sorriso.

De repente, um ruído suave e trêmulo atingiu o ouvido de Manu. Ele se moveu, levantando a pistola. Uma pequena bola em forma de tendão circulou as rochas. A coisa maldita tinha pernas. *Que diabos?* Ao se aproximar, ele viu luzes vermelhas piscando nele.

— Bomba! — ele gritou.

Kate se afastou rapidamente, mas a bomba a seguiu.

Ela mergulhou e rolou de pé. O dispositivo continuou seguindo. — Rahia!

Desta vez, Manu arrancou a espingarda das costas. Ele apontou para a bomba, mas precisava de um tiro certeiro. A coisa maldita estava praticamente entre as pernas dela.

— Kate, mexa-se!

— Faça. — Os olhos dela encontraram os dele, absoluta confiança em seu olhar.

Foda-se. Ele atirou e Kate pulou para trás.

BOM!

A bomba se espalhou em pedaços cobertos de gosma. Kate cambaleou e caiu de bunda, mas ela voltou e correu em sua direção.

— Você está bem? — Ele a agarrou pelo braço.

Ela assentiu.

Eles se viraram e examinaram o campo de batalha. Manu respirou fundo. As partes arruinadas da bomba estavam esquentando e ficando vermelhas.

Merda. Manu apertou-a mais e mergulhou, puxando-a com ele. Eles caíram com força na grama. Ele cobriu o corpo dela, prendendo-a no chão.

BANG.

A explosão atingiu detritos, sujeira e grama por toda parte. Ele manteve Kate presa, mesmo que ela estivesse lutando para se libertar.

— Saia de cima de mim. — Ela empurrou para ele.

Os dois se sentaram. Uma pequena cratera foi tudo o que foi deixado para trás pela bomba. Kate amaldiçoou.

— De nada. — disse Manu.

Ela deu uma cotovelada nele. — Eu não aprecio você pulando em mim como se eu fosse uma princesa precisando de um guarda-costas.

— Bem, é um corpo bonito, e eu tenho planos para ele.

Ela o encarou por um instante, seu olhar se estreitando. — Nos seus sonhos. — Ela se levantou.

Ele se levantou também. — Eu tive muitos desses sobre você, Kate.

Seus lábios se separaram, e algo se moveu através de seus olhos.

Mas então gritos ecoaram atrás deles. Ele virou a cabeça e viu a equipe de segurança dela correndo na direção deles.

CAPITULO SETE

Coberta de sujeira, Kate instruiu sua equipe a descartar os corpos dos raptores.

Ela estava chateada. Ela circulou as rochas onde os raptores estavam escondidos. Como diabos eles chegaram tão perto sem serem detectados?

O que ela viu não a deixou muito feliz.

Manu se aproximou dela. — Droga.

Havia uma grande depressão na terra. — Eles saíram do chão.

— De algum tipo de túnel. — Manu estava carrancudo. — Parece que está em colapso, agora.

— Eu preciso atualizar o Niko e o general.

— Eu vou contigo. Minha carabina falhou bem no meio da maldita luta. Os raptores têm algo que pode atrapalhar nossas armas.

Kate praguejou e assentiu. — Foi o que aconteceu com Kendra e eu. Deixe-me avisar minha equipe primeiro. — Ela não os queria aqui fora com a chance de suas carabinas morrerem neles. — Você acha que são as minas terrestres?

— Provavelmente. Eu preciso investigar. — Seu rosto estava sombrio. — Diga à sua equipe para pegar algumas armas que não sejam laser no arsenal. Espingardas, granadas, armas de projéteis, bestas.

Kate assentiu. Quando ela finalmente voltou ao Enclave e entrou no Centro de Comando, estava desesperada por um banho. Ela arrancou algumas folhas de grama do cabelo. Ela sabia que se balançasse a cabeça, a sujeira cairia.

— Kate — Holmes apareceu. — Vocês dois estão bem?

Ela assentiu e captou o olhar azul laser do general, depois olhou para Niko. — Eles saíram do chão.

— O que? — Niko franziu a testa.

— Túneis. — disse Manu. — O que vimos foi derrubado, por isso não podemos segui-lo, mas não parecia grande.

— Não há como dizer que tipo de rede eles têm lá, mas acho que é assim que eles costumavam plantar as minas terrestres. — Kate colocou as mãos nos quadris. — Além disso, essas malditas minas têm pernas.

— Pernas? — A carranca do general se aprofundou.

Manu assentiu. — Não dava para saber dos restos da primeira bomba. Mas elas são claramente programáveis e podem se mover.

— Ótimo — Niko murmurou.

— Atualmente, minha equipe está procurando mais minas com um esquadrão de apoio. — disse Kate. — Encontramos várias.

— E temos outro problema. — acrescentou Manu. — Acho que algo nas minas terrestres atrapalha nossas armas a laser. A carabina de Kate falhou em sua patrulha anterior, e a minha hoje.

Os dois homens amaldiçoaram.

— São más notícias — disse Holmes.

— Ordenei que minha equipe levasse algumas armas que não sejam laser — disse Kate. — Você precisa avisar os esquadrões também.

— Isso será feito. — disse Holmes, acenando com a cabeça para um assistente pairando.

Kate foi até o mapa na parede, tocando na tela para localizar os locais das minas terrestres. Sentindo calor nas costas, ela sentiu Manu. Ele passou por ela, ajudando a marcar o resto dos locais ao redor do Enclave.

Então ele tocou a parte de trás da cabeça dela.

— Ei. — Ela afastou a mão dele.

— Você tem um monte de folhas no cabelo. — Ele os levantou.

Ela fez uma careta. Ele estava muito perto. Ela não conseguia manter seu corpo sob controle quando este homem estava perto dela. O olhar sombrio dele estava no rosto dela.

— Isso é apenas uma merda de distração. — Niko latiu.

Kate piscou e se afastou de Manu. — Desculpa?

Niko acenou com a mão na tela. — Eles estão tentando nos manter ocupados, assustados e correndo em círculos.

Manu assentiu. — E longe de encontrar o octógono.

Holmes colocou as mãos nos quadris, o rosto contraido. — Eles querem nos manter aqui em nossa base, enquanto fazem o que diabos estão fazendo com esse dispositivo octagon.

Kate olhou para o mapa novamente, os pontos brilhantes a provocando. — Não traga nenhum esquadrão para lidar com isso. Mantenha-os lá fora e focados no octógono. Minha equipe pode lidar com isso. — Ela limpou a garganta. — E se Manu continuar a ajudar, podemos encontrar uma maneira de neutralizar essas minas terrestres.

Manu sorriu. — Será um prazer.

— Também precisamos de uma maneira de determinar quantos túneis a Gizzida tem ao redor do Enclave — disse Niko. — Eu vou falar com Noah. Precisamos obter um mini drone subterrâneo.

Franzindo a testa, Kate considerou. — O túnel que vimos estava desmoronado e pequeno. Mal é grande o suficiente para um raptor rastejar. Não tenho certeza se um mini drone terá espaço suficiente para manobrar.

— Vamos ver o que Noah pode fazer.

— Faça. — Holmes assentiu. — Mantenha-nos atualizados.

O general e Niko foram embora, mas Manu ficou. E estava parado muito perto dela. Kate lutou contra o desejo de se mexer. Ela *não* era inquieta.

— Eu preciso tomar banho e me trocar. — Ela virou a cabeça e uma chuva fina de terra caiu no tapete. *Ugh*. Ela balançou a carabina no ombro com mais segurança.

— Eu também.

— Eu te pego depois e podemos planejar. — Ela rapidamente contornou-o e saiu da sala.

Mas ela sentiu seu olhar nela.

Mantendo a cabeça baixa, Kate correu para o vestiário de segurança. A essa hora do dia, os vestiários estavam vazios, com todos os esquadrões de plantão procurando o octógono. Ela olhou para a porta do vestiário dos Bersekers. Havia uma imagem desenhada à mão de um soldado tatuado e musculoso pisoteando um raptor presa a ela.

Balançando a cabeça com um sorriso irônico, ela rapidamente entrou no vestiário e guardou a carabina. Ela metodicamente tirou a armadura. Suas roupas sujas se seguiram e, depois de pegar uma toalha, ela foi para os chuveiros do vestiário. Ela teria preferido a privacidade de seu quarto, mas queria que essa sujeira e suor

sumissem e realmente não queria essa sujeira no fundo do seu chuveiro.

Várias cabeças de chuveiro se projetavam do chuveiro comum e ela agradecidamente pisou na água quente. Ela apertou a mão nos azulejos brancos, deixando a água bater sobre ela. Por um momento, a água a seus pés ficou marrom, mas finalmente ficou limpa.

Seus pensamentos vagaram quando a água correu sobre sua pele sensível. Ela pensou no grande corpo de Manu pressionando o dela no chão. Claro, ele se arriscou para protegê-la. Ela tinha certeza de que proteger os outros estava estampado no DNA dele.

Ela não podia acreditar que tinha contado a ele todos os detalhes sangrentos de seu noivado abortado com Anthony. Ela inclinou o rosto para a água. *Pare de pensar em Manu*. Rapidamente, ela terminou de lavar o cabelo. Se ela continuasse assim, iria precisar de um banho frio.

Desligando a água, ela se secou e vestiu uma camiseta nova e uma calça cargo. Ao voltar para o vestiário, notou que a porta do vestiário estava entreaberta e ouviu o chuveiro correndo.

Ela parou. Ela sabia que os Bersekers estavam fora. Seu corpo instantaneamente ficou em alerta. Havia apenas uma pessoa que poderia estar lá.

Vá embora, Kate.

Instantaneamente, imagens encheram sua cabeça. De Manu nu, a água escorrendo sobre sua pele marrom linda e lambível. De mãos grandes acariciando sabão sobre abdominais duros.

É um corpo bonito e eu tenho planos para isso. O estrondo de sua voz ecoou em sua cabeça. Ela ficou lá, as mãos em punhos, todos os nervos do corpo vivos. Então, no piloto automático, ela empurrou a porta do vestiário dos Bersekers e a fechou atrás dela.

Seu equipamento descartado estava descansando em um dos bancos, e o som do chuveiro estava mais alto agora. Ela não conseguia parar de andar enquanto se aproximava.

O vapor flutuava pelo banheiro, e ela o viu em toda a sua glória nua. Suas costas largas e musculosas estavam em sua direção, as duas mãos pressionadas contra os azulejos. O olhar dela caiu para o seu rabo apertado. *Doce Jesus* . Ela pegou brevemente a perna protética preta e elegante presa à coxa esquerda dele. Ele se mexeu um pouco, os músculos de sua bunda flexionando. O olhar dela avidamente voltou ao corpo dele, deslizando sobre seus grandes braços até a tatuagem enrolada no bíceps esquerdo.

Sua boca ficou seca. *Vá embora, Kate.*

Ela não achou que tivesse feito barulho, mas de repente ele virou a cabeça. Ele olhou por cima do ombro, pegando-a com o seu olhar.

***

Manu olhou para Kate. Ela ficou lá, tão arrumada e composta, com o cabelo molhado escovado para trás do rosto.

Ela não era bonita, mas certamente era incrivelmente atraente e tinha aquela boca exuberante feita para pecar. Ela olhou para ele como se estivesse congelada no lugar.

Ele teve um segundo para se preocupar. Ele não estava com uma mulher desde que perdera a perna. Além de seus companheiros de esquadrão, ele não tinha deixado ninguém vê-lo nu.

Mas o calor flamejante nos olhos de Kate colocou essa preocupação para descansar.

— Venha aqui. — ele rosnou.

Ela não se mexeu.

Ele se forçou a ficar parado debaixo d'água. Ela tinha que tomar a decisão. Ele poderia querer agarrá-la e arrastá-la para os ladrilhos, mas a escolha era dela.

Isso não significava que ele não iria encorajá-la.

— Kate, venha aqui.

Ele meio que esperava que ela girasse e saísse, mas ela deu vários passos bruscos em direção a ele. O desejo foi uma explosão em seu intestino. Segundos depois, ela estava a apenas um metro de distância, o vapor flutuando ao redor deles.

— Isso é loucura. — ela sussurrou.

— Eu não me importo. — Ele fechou a distância entre eles e segurou sua bochecha. As mãos dela pressionaram contra o peito nu dele, flexionando contra os músculos dele.

— Eu não sou assim. — disse ela. — Eu nunca fui. Sou sensata, prática.

Ele a puxou para mais perto, seus lábios contra os dela. — Vamos ficar loucos juntos.

Ele a beijou, de costas para impedir que a maior parte do spray a atingisse. Aquele delicioso sabor de Kate encheu sua boca, e ela o beijou de volta, selvagem e feroz. As mãos dela amassaram seu peito e ele gemeu. Ele deslizou a mão em seus cabelos molhados, puxando a cabeça para trás e aprofundou o beijo.

Ele precisava de mais. Muito mais. As mãos dela percorreram seu peito e então ele sentiu as unhas roçando seu mamilo. Ele gemeu novamente e estendeu a mão para segurar seus seios através da camiseta branca que agora estava grudando em sua pele. Ela estremeceu.

Manu girou rapidamente, pressionando-a contra os azulejos.

— Tão sexy. — Ele moveu a boca, beliscando o pescoço dela. Ela se contorceu contra ele, puxando sua boca de volta para a dela. Esse beijo foi duro e quente. Ela se iluminou para ele como nenhuma mulher jamais o fez. Tão quente. Tão pecadora.

Algum idiota teve a chance de reivindicar isso por conta própria, e ele a jogou fora. Manu não cometeria esse erro.

Ele empurrou a blusa molhada para cima, encarando os seios cheios em concha pelo sutiã esportivo sensível. Ele puxou o sutiã e observou o derramamento de carne gorda. Então ele puxou um mamilo na boca, chupando com força.

— Manu — Ela pressionou contra ele, gritos roucos saindo de sua garganta.

— Quero ouvir você dizer meu nome assim quando estiver dentro de você.

Seu pau parecia que era feito de pedra. Ele pulsava contra seu estômago e queria entrar dentro dela. Dentro do calor suave de Kate.

Mas ele com certeza não estava deixando a primeira vez deles, ser em um banheiro e muito menos faria isso ser rápido e selvagem.

Então seus dedos caíram, acariciando seus abdominais. A mão dela circulou seu pau.

Foda-se. Ele gemeu. — Kate.

Ela o acariciou, seu olhar nele, seus lábios sensuais se separaram.

Correndo por instinto, Manu abriu os botões da calça cargo. Um segundo depois, ele enfiou a mão na calcinha dela.

— Sim. — ela sussurrou, arqueando nele.

Ele estava com os dedos nela e acariciava a carne lisa e inchada. — Tão malditamente molhada. — Ele olhou para cima e viu cor nas bochechas dela. — Sexy pra caralho, Kate, saber que você me quer tanto.

Acariciando sua pele, ele encontrou o nó do seu clitóris e esfregou. O corpo dela estremeceu desesperadamente contra o dele.

— Manu ...

— É isso, querida. Goze. — Ele continuou seus golpes. — Me dê isto.

Ele sentiu seu corpo tenso e a beijou, engolindo seus gritos quando ela gozou. A cabeça dela caiu no ombro dele, a respiração irregular.

Seu próprio desejo era um nó em seu intestino. Não ajudou que ele ainda a estivesse tocando, e seus dedos ainda estavam em volta de seu pau. Ele meio que esperava que ela corresse, mas seus dedos se apertaram ao redor dele e seus movimentos aumentaram.

Seus quadris se inclinaram para frente. *Foda-se.*

Manu deslizou a mão para baixo, envolvendo os dedos nos dela. Juntos, eles trabalharam em seu pau, e a outra mão subiu, acariciando sua coxa esquerda. Quando ela tocou onde a prótese dele se juntava à pele, o peito dele se contraiu.

Ela continuou acariciando seu pau e sua pele. *Merda*. Ele flexionou a mão dela, um gemido gutural rasgou sua garganta.

— Kate, eu vou gozar.

Em resposta, ela o acariciou mais rápido. Ele sentiu tudo nele apertar, e um segundo depois, ele veio com força.

Sua gozada jorrou dele, espirrando seu estômago e as mãos unidas. Porra, por um segundo, ele estava preocupado que suas pernas

saíssem debaixo dele. Ele se virou, pressionando Kate contra a parede. Ele deixou a água lavar as mãos unidas.

Ela estava ofegando contra ele, e sua própria respiração era irregular.

— Tão quente, Kate. — O chuveiro era o único outro som sobre a respiração deles. — Eu ... não estou com ninguém há muito tempo.

Grandes olhos azuis encontraram os dele. — Desde que você perdeu sua perna?

Essa era a sua Kate. Direta ao ponto. — Sim.

Ela lambeu os lábios inchados pelo beijo, a voz baixa. — Você é sexy como o inferno, Manu.

O desejo voltou a brilhar. Sua mulher ainda estava com fome e ele também. Ele rosnou.

Ele estava prestes a puxá-la para mais perto, quando ouviu sons vindos do vestiário. Vozes profundas e risadas. Os Bersekers estavam de volta.

Kate ficou rígida.

Merda. A última coisa que Manu precisava era que os companheiros de esquadrão vissem Kate completamente saturada, as bochechas coradas pelo orgasmo. Ele rapidamente abotoou as calças cargo e puxou a blusa para baixo.

Os dois se endireitaram.

— Há uma porta dos fundos em um corredor de manutenção por lá. — Ele sacudiu a cabeça. — Vai.

Ela deu um breve aceno de cabeça, seu olhar ilegível.

Ela deu um passo para longe dele, depois girou, agarrando Manu perto. Ele afundou uma mão nos cabelos dela e manteve o beijo duro, mas breve.

— Obrigado. — ela murmurou.

Então ele a deixou ir e ela se moveu rápido. Um segundo depois, ela passou pela porta de manutenção e se foi.

Manu respirou fundo e recuou sob o spray. *Puta merda.*

Ele sorriu. Sim, ele sabia que Kate estava escondendo muito calor, e ela o deixou chamuscado. Mal podia esperar para se queimar novamente.

CAPITULO OITO

Kate chutou o manequim de treinamento novamente, fazendo-o balançar em sua base pesada. Ela girou e chutou novamente, após o golpe com vários socos fortes.

Ela deu um passo atrás e olhou para os membros da equipe que a observavam. Os olhos de vários estavam arregalados.

— Ok, pare e comece a trabalhar. — ela ordenou.

Ela ouviu alguns gemidos, mas seu pessoal atravessou os tapetes e começou a seguir seus movimentos de treinamento. Ela cruzou os braços sobre o peito e observou. Eles estavam no ginásio por várias horas, e os cabelos úmidos estavam grudados na testa e camisas suadas grudadas na pele.

Nenhum deles se atreveu a pedir um descanso. O que era bom para Kate. Ela queria ficar ocupada. E continuar evitando um certo ex-Berserker.

Oh, Deus, o que eles fizeram ...

— Capitã?

A voz de Brandon a fez sacudir. Ele a estava olhando estranhamente. Ela limpou a garganta. — O que?

— Como é? — Ele chutou o boneco e seguiu com a combinação de socos.

— Você está deixando cair o cotovelo.

O jovem assentiu e tentou novamente, corrigindo o movimento.

Ela assentiu. — Melhor. Mas você precisa torcer um pouco mais no chute. Venha aqui. — Ela fez sinal para ele.

Ela se aproximou, demonstrando o chute em câmera lenta. O pé dela terminou no pescoço dele. — Torça mais aqui e você terá mais poder. Então, mantenha o cotovelo erguido ao entrar para a cruz.

Sua testa franziu quando ele se concentrou. — OK.

Desta vez, ela se moveu rapidamente - chute, bata, bata. Seu último soco bateu em seu peito e ele cambaleou para trás.

— Desculpe. — disse Kate.

— Provavelmente é hora de mudarmos para outra coisa. — chamou Miles. — Você desgastou essas crianças.

Houve gemidos e protestos.

— Devemos ir ao campo de tiro para praticar armas, certo? — Kendra disse.

Kate colou um sorriso. — Certo. Vamos nos mudar. — Ela observou Kendra sorrir. A jovem parecia ter se recuperado muito bem do ferimento na cabeça.

Sua equipe se arrastou para pegar suas coisas. Kate colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Esta era uma parte do treinamento que ela estava evitando.

Enquanto desciam a rampa para o campo de tiro, todo mundo estava falando sobre as minas terrestres. Durante a busca que eles fizeram apareceu mais. Agora, havia dez coisas que precisavam ser desativadas. No momento, estavam todas isoladas, e ela sabia que Manu havia desativado mais duas hoje. Mas desativá-las corretamente não era um processo rápido.

— Alguma notícia sobre o octógono alienígena? — Miles perguntou.

Kate balançou a cabeça. — Os esquadrões estão trabalhando horas extras para encontrá-lo.

Burburinhos silenciosos responderam à sua resposta. O dispositivo deixava todo mundo nervoso, e a situação com as minas terrestres não estava ajudando.

Quando eles entraram no campo de tiro, Kate examinou o espaço. Nenhum sinal de um homem alto, de pele bronzeada. Ela soltou um suspiro aliviado.

— Tudo bem — ela gritou. — Pegue sua proteção auditiva e armas. Quero que vocês pratiquem com as bestas também. Até resolvermos como os raptores estão atrapalhando nossos lasers, não podemos confiar neles.

Todos eles se instalaram em suas faixas e começaram a atirar. Kate caminhou ao longo da linha, corrigindo a forma sempre que necessário e elogiando aqueles que estavam indo bem e melhorando. Ela observou que Kendra era um tiro decente. Com um pouco de prática, ela seria muito boa. Kate fez uma anotação mental para dar à jovem um treinamento individual.

— Ei, Capitã. — Brandon chamou. — Por que você não nos mostra suas habilidades?

Isto foi seguido por vaias e assobios. Ela ia recusar, mas quando viu todo mundo sorrindo e parecendo feliz, não queria decepcioná-los. Com uma careta falsa, ela pegou a carabina de Rob e aproximou-se da placa de tiro.

Um alvo eletrônico voltou à vida no final do beco. Soltando um suspiro, ela levantou a arma e disparou.

Kate se deixou cair na névoa que sempre a envolvia quando ela estava disparando uma arma. O resto do mundo se derreteu, e havia apenas ela e seu alvo.

— Woohoo, chefe. — Aplausos e assobios seguiram sua exibição.

Ela abaixou a carabina e sorriu. Ela marcou perfeitamente.

— Você deveria tentar isso.

A voz profunda de Manu a fez girar. Ele estava bem atrás dela, em seu uniforme habitual de camiseta preta justa e calça cargo verde-cáqui. Ele estava segurando algum tipo de carabina atualizada com vários acessórios.

Ela se forçou a olhar para ele. Ele era apenas o homem que lhe dera um orgasmo gritante com os dedos, e então ela retribuiu o favor. — O que é isso?

— Eu chamo de carabina de elite. Foi aprimorada. — Ele se aproximou e instantaneamente todas as células do corpo de Kate brilharam. — Melhor direcionamento e disparo mais rápido. Também pode ser alterado para o modo projétil.

O que era perfeito quando eles estavam enfrentando minas terrestres alienígenas que poderiam matar suas armas a laser. Ela largou a carabina e pegou a arma. Virando-o em suas mãos, ela sentiu e o ergueu para olhar através da mira. — É um pouco mais pesada.

Ele assentiu. — Está carregado de balas térmicas, mas ainda assim é um peso perfeito para você. Você precisa de uma aderência um pouco mais solta e mais ampla. — Ele a alcançou, ajustando os dedos na arma. Kate respirou fundo. Manu puro.

— Você cheira bem também. — ele murmurou contra o ouvido dela.

Kate estremeceu, mas se forçou a conter sua reação. Ninguém mais seria capaz de ouvi-lo.

— Você cheira como Kate e arma recém-disparada. — ele falou demoradamente. — Sexy.

Ele deu um passo para trás e ela respirou fundo, tentando se concentrar no alvo.

— Vamos ver, Capitã. — Brandon chamou.

Ela apertou mais a elite e atirou. Seu primeiro tiro foi à loucura. Como um, sua equipe gemeu.

Ela disparou mais algumas vezes, ajustando-se à sensação da arma e ignorando o pulsar da presença de Manu nas costas dela. Finalmente, ela encontrou seu ritmo e começou a disparar bem. Ela mudou para o modo projétil. O alvo eletrônico do laser no final da pista deslizou e um alvo de papel apareceu. Kate sorriu, disparando balas no contorno em forma de raptor.

Era uma arma formidável. Bem equilibrado e com melhor direcionamento. Ela finalmente abaixou.

— É realmente boa. — Ela devolveu a Manu e observou os dedos longos e contundentes envolverem o metal. Dedos que a acariciaram, a tocaram, a levaram ao orgasmo. *Merda* . — Como está indo o desarmamento das minas? — As palavras saíram às pressas.

— Temos mais dois prontos. — Ele franziu a testa. — Gostaria de poder me mover mais rápido.

Ela pensou que ele parecia cansado. — Eu preferiria que você não se explodisse tentando ir mais rápido.

Um leve sorriso. — Realmente?

Ciente de que sua equipe os estava observando, ela se virou para o grupo. — Ok, seus preguiçosos, o show acabou. Volta para o trabalho.

Eles voltaram para suas pistas. Manu virou-se para observá-los, balançando a cabeça. — Eles parecem bem, Capitã.

— Obrigado.

Ele parou ao lado de Brandon, dando algumas dicas ao homem. Ele continuou descendo a fila, tendo tempo para conversar

com cada um. Ele tinha um bom conselho e o compartilhava bem. Ele não era condescendente ou muito crítico. Ela o observou, admirando sua habilidade.

— Ok, terminado! — gritou Kate.

— Finalmente. — Houve murmúrios e risos quando sua equipe reuniu seus equipamentos.

— Obrigado, Capitã. — Rob assentiu. O resto da equipe correu atrás dele.

Kate se virou para sair também, mas dedos fortes agarraram seu braço. — Indo embora?

Ela parou. — Manu. — Inferno, ela não tinha ideia do que dizer para ele. Ela agia como uma maníaca sedenta de sexo com ele.

— Você comeu?

Ela levantou o olhar para ele. — Pegamos um lanche durante o treinamento. — Não que ela tivesse comido muito.

— Venha sentar comigo enquanto eu como. — Ele a puxou para seu escritório.

Seja uma adulta, Kate. Deus, ambos eram adultos solteiros e concordantes. Algumas pessoas por aqui faziam sexo o tempo todo com diferentes parceiros. As opiniões sobre sexo mudaram após a invasão. Era uma maneira de se conectar com os outros, uma maneira de escapar da pressão constante de saber que todos estavam em uma luta cruel pela sobrevivência.

O escritório de Manu estava bagunçado. *Huh*. Por alguma razão, ela imaginou que ele manteria tudo como o campo de tiro - limpo e arrumado. Mas aqui havia pilhas de papel, livros e manuais.

— Você é bagunceiro.

Ele inclinou a cabeça e ela pensou ter visto uma cor fraca ao longo de suas maçãs do rosto. — Eu sei onde está tudo.

Havia uma bandeja de comida descansando na beira da mesa. Obviamente ele a pegara da cozinha. Ele caiu em uma cadeira batida e acenou com a cabeça para ela se sentar na outra cadeira.

Ele pegou um pouco de pão com manteiga da bandeja e ofereceu a ela. Percebendo que estava morrendo de fome, ela aceitou. Ele pegou outro pedaço de pão e o colocou na boca.

— Você está me evitando hoje. — disse ele.

Ela encolheu os ombros. — Parecia a melhor coisa a fazer.

Seu olhar era inabalável. — Por quê?

— Eu estava envergonhada.

— Sobre um momento quente e sexy entre dois adultos que querem um ao outro?

— Eu ... perdi o controle.

Ele se inclinou para mais perto. — E foi fodidamente quente. Eu quero mais.

Ela balançou a cabeça, o pânico queimando dentro dela. Isso era muito louco. Ela queria sua vida calma e controlada de volta. — Eu não sou assim!

— Apenas relaxe e aproveite. — Seu sorriso sexy fez formigamentos começarem em sua barriga. — Você se iluminou para mim, Kate. Foi quente como o inferno. Você estava com tanta fome, como se não conseguisse o suficiente, e eu sei que você quer mais.

Sua barriga apertou. — Deus, você me faz parecer desesperada…

— Eu nunca disse isso. — Ele estendeu a mão, brincando com os fios do cabelo dela. Ele estava tão perto que eles estavam respirando o mesmo ar. Ela sentiu o calor glorioso saindo de seu grande corpo.

— Eu não sou assim. — disse ela.

— Você está comigo. — O dedo dele traçou seus lábios. — Eu quero estar profundamente dentro de você. Quero te foder com força e deixá-la selvagem.

Chamas lambiam sua barriga e ela emitiu um som rosnado. Então, sem pensar, Kate pulou nele.

***

Quando Kate, pousou emcima dele, Manu resmungou. Ela montou em seus quadris e ele colocou as mãos na bunda dela, puxando-a para mais perto. Ela bateu a boca na dele.

Porra, ela se sentia bem. Curvas sólidas e o doce cheiro de mulher e carabina.

Ele aprofundou o beijo, deslizando uma mão em seus cabelos para que ele pudesse obter mais dela.

De repente, um assobio perfurou o ar.

Foda-se. Ele se afastou e viu Kate respirar chocada.

Ele olhou por cima do ombro e viu seus malditos irmãos em pé na porta. Hemi estava sorrindo como um tolo e os lábios de Tane estavam curvados em um leve sorriso.

Kate pulou do colo de Manu, mas ele a puxou de volta para a cadeira. Então ele deslizou a cadeira dela até a dele. Ele não estava

deixando ela fugir novamente. Ela lançou-lhe um olhar e soltou um suspiro.

— Jesus. — Ela estendeu a mão e pegou o refrigerante, tomando um longo gole.

— Bem, *não* era *isso* que eu pensava que você estava fazendo aqui em baixo. — disse Hemi.

— Foda-se, irmão.— A voz de Manu estava um passo acima de um rosnado.

O irmão dele riu.

— Oi, Kate. — disse Tane.

— Oi. — Ela se mexeu na cadeira. Manu deslizou o braço pelas costas da cadeira e ganhou um olhar. Ele meio que gostava dos olhares dela.

— Descemos para verificar a situação das minas terrestres. — disse Tane.

— Está indo bem — respondeu Manu. — Mais lento do que gostaríamos, mas está indo. — Ele estendeu a mão e empurrou mais comida em direção a Kate.

Ela empurrou o prato de volta para ele. — Olha, eu preciso ir. Eu tenho patrulha com Kendra e Rob.

Manu ficou de pé. — Na verdade, eu vou com você. Troquei com Rob. Quero desarmar mais algumas minas terrestres.

Os olhos dela se estreitaram e Manu lutou contra um sorriso.

— Vai ser uma noite divertida. — disse ele.

Hemi riu de novo. — Vocês dois juntos ... agora eu vejo, é perfeito. Mal posso esperar para contar a Cam.

— Nós não estamos juntos. — disse Kate.

— Estamos. — disse Manu.

Ele a ouviu rosnar e olhou para seus irmãos. — Alguma coisa no octógono?

Sorrisos se transformaram em carrancas.

— Tudo o que sabemos é que os bastardos alienígenas o tiraram da cúpula. — disse Tane.

— A cúpula que você explodiu — acrescentou Kate.

Hemi sorriu. — Sim.

— Não temos idéia de para onde eles a levaram. — continuou Tane. — Os drones não encontraram sinal disso, ou qualquer atividade alienígena aumentada.

Kate franziu a testa, batendo os dedos contra a coxa. — Eles nunca param.

— Mas eles nunca viram uma determinação como a nossa. — disse Manu. — Ou engenhosidade.

— E eles não entendem por que continuamos lutando, apesar das probabilidades. — acrescentou Tane.

— E eles com certeza não entendem o amor. — disse Hemi. — Falando nisso, tenho uma mulher sexy para voltar. — Ele piscou para Kate.

— Tenha cuidado lá fora. — O olhar intenso de Tane mudou de Kate para Manu. — Deixe-me saber se você precisa de nós.

Seus irmãos foram embora e, quando ele se virou para Kate, ele sabia que ela estava se preparando para fugir. Ela não estava olhando para ele, provavelmente pensando que poderia voltar a ignorá-lo.

Ela tinha tantas defesas malditas. Mas Manu era bom em se esconder atrás das linhas inimigas. Ou soprando através deles, se necessário.

— Posso lhe interessar em uma rapidinha antes da patrulha? — ele disse.

Ela levantou a cabeça e ela olhou para ele.

— Você está certa. — disse Manu. — Precisamos de muito mais tempo que isso. Horas. Muitas horas.

— Manu ...

— Não deixando você me ignorar ou se esconder mais de mim, Kate.

Sua mandíbula se apertou e ela se dirigiu para a porta. — Eu preciso me preparar para a patrulha.

Tão malditamente teimosa. — Kate?

Ela parou na porta, mas não olhou para trás.

— Eu tenho algo para você. — Ele pegou a carabina de elite de sua mesa e caminhou até ela. Ele segurou.

Ela olhou para cima. — Manu…

— É sua. Eu projetei para você. Eu assisti você aqui no campo por tanto tempo e sabia que você precisava de uma arma mais rápida. Eu sei que você fará bom uso.

Ela pegou e ele a viu acariciar a cunha. Ela parecia aquelas mulheres que recebiam um boque de flores de seus homens.

— Obrigado.

Ele observou os dedos dela e desejou que ela estivesse tocando nele. — O prazer é meu.

— Vejo você na patrulha. — Ela lançou-lhe um último olhar antes de sair.

Manu sorriu, observando sua bunda perfeitamente tonificada enquanto ela se afastava. Sim, suas defesas estavam caindo.

CAPITULO NOVE

Deus, ela tinha ficado com Manu em seu *escritório*.

Kate voltou rapidamente para o quarto. Claramente, seu corpo havia sido tomado por uma presença alienígena ou ela estava infectada com um vírus. Mesmo agora, ela estava vibrando com a necessidade.

Quando chegou à porta, viu uma caixa preta apoiada no chão em frente a ela. Franzindo a testa, ela pegou, olhando a nota anexada a ela.

Aproveite. Liberty.

Liberty assinou seu nome com um floreio volumoso.

Deus. Kate tropeçou em seu quarto e fechou a porta. As luzes acenderam e ela colocou sua nova carabina na mesa. Enquanto caminhava para a cama, ela abriu a caixa. Um vibrador muito longo e muito grosso estava aninhado dentro.

Uma risada sufocada escapou dela. Bem, ela ganhou dois presentes bastante originais hoje. Ela levantou o vibrador, sabendo que precisava se preparar para a patrulha.

Mas o desejo era como uma queimadura quente em suas veias.

Balançando a cabeça, ela deixou cair o vibrador em sua cama e começou a se despir. Ela precisava trocar de roupa, vestir uma armadura e subir as escadas para encontrar Kendra e Manu.

Manu. Manu grande e musculoso. Quem ela passaria toda a patrulha andando ao lado, assistindo, cheirando.

Indecisa, Kate ficou lá apenas de sutiã e calcinha. Seu corpo tremia e ela olhou para o vibrador novamente. Ela afundou na cama e pegou. Ligando, pulsou em sua mão, quase silencioso.

Lambendo os lábios, ela o moveu, arrastando-o pela barriga nua. Ela deveria estar se vestindo…

Ela o moveu entre as pernas, as doces vibrações disparando através dela. Ela fechou os olhos e instantaneamente imaginou Manu. O imaginou de joelhos na frente dela, separando suas pernas, suas grandes mãos calejadas movendo-se sobre seu corpo.

O vibrador tocou o lugar certo, o prazer disparou através dela. Ela precisava disso. Ela poderia ser rápida.

Trinta minutos depois, em sua armadura e segurando sua carabina, ela encontrou Kendra e Manu na entrada norte.

— Pronta? — ela perguntou, sem encontrar o olhar deles.

Kendra assentiu, entusiasmo em seu rosto. — Claro que estou.

— Boa. — Kate abriu a porta e acenou com a mulher.

Quando Manu passou por ela, ele parou, segurando seu braço. — Você está bem?

Sim, eu só tive um orgasmo maravilhoso imaginando você caindo em mim. O calor atingiu suas bochechas. — Ótima!

Ele estudou o rosto dela, como se ela fosse um quebra-cabeça para resolver. Então ele se escondeu do lado de fora.

Lá fora, Kate manteve sua nova carabina equilibrada em seus braços. Kendra caminhou ao lado dela, vibrando com energia, e Manu estava seguindo atrás delas. O sol estava se pondo, lançando um brilho dourado sobre os arredores.

Manu e Kendra estavam conversando sobre rugby, que Kendra aparentemente jogara no ensino médio e sentia muita falta. Kate ouviu a conversa com meia orelha, apreciando o estrondo da voz profunda de Manu.

Ela estava tensa. Não tinha nada a ver com os alienígenas e tudo a ver com Manu. Ninguém nunca a incomodou como ele.

Ela estava indo dormir com ele.

O pensamento a fez tremer por dentro. Ela não podia ignorá-lo ou evitá-lo, e caramba, ela não queria. Era hora de se levantar e lidar com sua atração.

— Estamos chegando na próxima mina terrestre. — disse Kendra.

Kate virou a cabeça, acendendo a luz da carabina no chão. O pedaço de grama morta estava iluminado pela luz.

— Vamos ao trabalho. — Manu se aproximou, pousando a caixa de ferramentas.

— Nós cavamos do lado aqui, certo? — Kendra pegou uma pá sônica.

Kate assentiu e a mulher começou a cavar. Ao lado dela, Manu abriu sua caixa de ferramentas e pegou suas ferramentas.

Logo, Kendra estava grunhindo pelo trabalho duro de cavar a terra compactada. Kate assumiu um pouco, cavando mais fundo.

Manu passou por ela e pulou no buraco raso. Ele tocou sua orelha. — Enclave? Qualquer coisa?

— Não. — A voz irreverente de Indy. — Não há alienígenas nas varreduras. Tudo claro, grandão.

Manu cavou suavemente de lado a sujeira. Um segundo depois, ele descobriu as luzes piscantes de outra mina alienígena.

Com o rosto concentrado, Manu largou a pá e ergueu as outras ferramentas.

Kate resistiu ao desejo de bater no pé da bota no chão. Nada como assistir alguém desarmar uma bomba para aumentar sua ousadia. Mas enquanto ela o observava trabalhar, ela relaxou um pouco. Um homem como Manu não era ousado ou arriscado. Ela sabia que ele podia rir alto e ser tão selvagem quanto seus irmãos e colegas Bersekers, mas ele também podia estar intensamente concentrado.

— Kendra, faça uma verificação de perímetro. — ordenou Kate.

A mulher assentiu e saiu silenciosamente na escuridão crescente. Kate checou o desejo de segui-la. Ela ainda estava se sentindo nervosa e protetora depois da quase perda de Kendra e Felipe.

— Deixe-a fazer seu trabalho. — disse Manu.

Kate soltou um suspiro. — Pare de ler minha mente.

Ele sorriu brevemente antes de se concentrar novamente na mina. Os minutos passaram e, quando a escuridão cresceu, Kate acendeu a lanterna da carabina.

Finalmente, Manu se endireitou. — Está desativada.

Kate assentiu. — Bom trabalho.

— Eu sou bom com minhas mãos. — disse ele.

Ela bufou.

De repente, um bipe alto e discordante cortou o ar. Kate girou, levantando sua carabina.

— Merda. — A voz de Kendra nas proximidades. Kate conseguiu distinguir sua silhueta. — Droga, eu pisei em uma!

— Segure firme. — Kate manteve a voz calma enquanto pegava a tela portátil que mostrava o mapa das minas terrestres. Ela olhou para Manu. — Isso não estava aqui há algumas horas atrás.

— Deus. — A voz de Kendra estava quebrada, a respiração sendo cortada dentro e fora de seu peito. — Deus.

— Fique parada, Kendra. Nós vamos tirar você daqui.

— Kate, precisamos de um plano — disse Manu. — Pode haver mais. Claramente, os alienígenas plantaram mais essas merdas depois que executamos nossas varreduras iniciais.

Ela não se importou. Ela estava saindo com o membro da equipe. — Eu não estou ficando esperando. — Ela abaixou a voz. — Não temos ideia de quanto tempo ela tem. Essa coisa maldita pode explodir a qualquer momento.

Ela se aproximou de Kendra.

Bip.

Kate congelou. O sangue dela virou gelo. O olhar dela se ergueu para encontrar o de Manu e ele proferiu uma maldição baixa.

— Enclave — disse Manu. — Eu preciso do Esquadrão Três. Existem minas terrestres, e Kate e Kendra estão de pé em duas.

Indy amaldiçoou. — Estou entrando em contato com Tane agora.

— Avise-os de que existem minas terrestres extras por aqui.

— Oh Deus. — A voz de Kendra estava frenética. — O que está acontecendo?

Kate olhou. O chão sob as botas de Kendra estava borbulhando e começando a se liquefazer.

— Kendra! — Kate se forçou a não se mexer. Ela queria ajudar, mas estava presa e impotente.

De repente, o chão embaixo de Kate começou a se liquefazer também. Como se estivesse virando lama fervente.

— Kendra, mexa-se! — Manu berrou.

Antes que Kate pudesse fazer alguma coisa, Manu mergulhou. Ele a bateu com força, levantando-a do chão. Eles voaram pelo ar. Seu grande corpo se enrolou ao redor dela, e eles atingiram o chão com um baque pesado e estridente.

BANG.

BANG.

Lama pulverizou sobre eles, e foi como uma repetição do outro dia. Exceto que desta vez, a sujeira era lama quente. No caos, ela ouviu Kendra gritar.

— Permita-me subir. — Kate lutou contra Manu.

Ele saiu dela e ela se levantou. Manu levantou-se ao lado dela. Eles estavam a poucos metros de uma cratera recém-formada.

Kendra estava dobrada, se contorcendo no chão próximo, à beira de uma segunda nova cratera. Ela estava coberta de sangue e lama.

Então o estômago de Kate rolou e a náusea subiu em sua garganta. Uma das pernas de Kendra era uma bagunça mutilada de carne e sangue.

Não. Kate correu para ela. A mulher estava respirando rápido, seu corpo entrando em choque.

— Deite-se. — Kate manteve a voz natural e ajudou Kendra a descer. Kate puxou seu kit de primeiros socorros e pegou um curativo. Ela a amarrou na coxa de Kendra para conter o fluxo de sangue.

Manu se agachou, seu rosto como pedra. Ele parecia pálido sob sua pele escura. Ele levantou um injetor de pressão. — Analgésico e agente de coagulação. Ei, Kendra, pegou alguns remédios bons para você.

A mulher fez uma careta e Manu tocou o injetor no pescoço.

— Nós cuidaremos de você. — Kate murmurou.

— Você sempre faz. — Kendra engasgou. — Ninguém realmente vê como você é dedicada. Quão bem você cuida da sua equipe.

A garganta de Kate ficou apertada. Ela afastou os cabelos ensanguentados de Kendra do rosto.

Um homem a viu. Ele viu através dela. Ela olhou para Manu antes de tirar mais gaze e colocá-la na perna de Kendra. Um segundo depois, a outra mulher perdeu a consciência.

Kate sentou-se nos calcanhares. — Deus, Manu. — Ela pressionou a mão nos olhos.

Ele se inclinou e agarrou a mão dela. — Nós a manteremos firme. Juntos.

Pela primeira vez na vida, Kate se apoiou em outra pessoa.

***

Manu sentou-se perto de Kate sentindo a rigidez de seu corpo. Ela segurou a mão do membro ferido da equipe, seu olhar no rosto de Kendra.

Ela estava segurando, mas estava no limite. A preocupação com a mulher mais jovem estava estampada em todas as suas feições.

Manu olhou para a mulher. Pobre Kendra. Ele sentiu seus próprios pesadelos mudarem de idéia. Lembrou-se muito bem de como era estar na posição de Kendra. Lembrou-se do choque e da dor de perder a própria perna. Seu intestino agitou-se dolorosamente.

De repente, ele ouviu passos batendo atrás deles.

— Entrando. — a voz de Tane ecoou em seu ouvido.

Um segundo depois, seu irmão chegou com o resto dos Bersekers. Eles chegaram rápido e nem usavam armadura completa.

— Foda-se. — Hemi murmurou.

— Eu tenho uma maca. — Ash deu um passo à frente, abrindo a iono-maca. — Doc Emerson e sua equipe estão esperando.

Kate agarrou o braço de Kendra. — Você vai ficar bem. Vou me certificar disso.

Manu agarrou os ombros de Kate e a puxou de volta. Ele tinha uma visão ainda melhor da perna da mulher. Era uma bagunça e tanto. Manu provou a sua bile. Ela perderia isso com certeza.

As lembranças sombrias de Manu se agitaram, como uma fera faminta acordando da hibernação. Pronto para empurrar contra a gaiola em que Manu os mantinha trancados.

Ash e Levi levantaram a mulher inconsciente na maca. Kate estava parada, com o olhar fixo no membro ferido da equipe.

Ela ficou rígida. — Que diabo é isso?

Manu viu que estava olhando para a perna machucada de Kendra. Ele se inclinou para mais perto para ver melhor. Havia uma estranha mancha escura na coxa da mulher. *Que diabos?*

— Eles ... eles parecem ossos. — disse Manu.

— Está embutido na pele dela. — A voz de Kate estava horrorizada.

— Deve haver algum tipo de detrito da mina. — disse Manu.

— Vamos levá-la á medica. — ordenou Tane.

Kate girou. — Pode haver mais minas, aquelas que não conhecemos.

Merda . Manu olhou em volta. — Os que pisamos não tiveram tempo de matar a grama. Apenas evitar as manchas mortas não é suficiente.

— Eu posso ajudar com isso. — disse uma voz suave.

Todos eles giraram e Manu viu Tane endurecer.

Uma mulher magra estava por perto, suas calças escuras se misturando na noite, mas sua pele perolada brilhando na escuridão. O cabelo branco-prateado de Selena estava preso em um rabo de cavalo que acentuava seus grandes olhos verdes. Um grande pássaro preto estava empoleirado em seu ombro, enormes garras curvadas sobre sua blusa escura.

— O que diabos você está fazendo aqui fora? — Tane latiu.

Selena lançou um olhar para ele, depois olhou para a mulher ferida na maca. — O general aprovou. — Havia um leve traço de atitude em sua voz.

Manu levantou uma sobrancelha. Quando a mulher alienígena foi resgatada da Gizzida, ela era tímida e estava chocada. Ela era inimiga dos raptores que havia sido sequestrada de seu mundo natal.

Agora ela era uma sobrevivente, longe de seu próprio planeta, e chamava o lar o Enclave. Manu a observara nos últimos meses e a via ficando mais forte.

— Acho que posso detectar as minas terrestres alienígenas. — disse Selena.

— Como?— Manu perguntou.

Selena agachou-se. Seu animal de estimação, Fluffy, agitou suas elegantes asas de couro e se acomodou novamente. Ele era do mundo

de Selena e havia sido experimentado pelos raptores antes de ser resgatado por Finn e Lia.

— Eu posso… — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse procurando as palavras certas. — Posso detectar energias e sentir a… perturbação causada pela tecnologia Gizzida. — Ela apertou as palmas das mãos na grama.

Manu olhou para Kate. Ela estava olhando para Selena, com curiosidade no rosto. Ele olhou para Tane novamente. Havia algo muito diferente no rosto de Tane.

As mãos de Selena brilhavam e ela inclinou o rosto para trás, fechando os olhos. Manu não viu nada, mas sentiu uma onda de energia passar por ele. Do jeito que todos mudavam, ele sabia que os outros também sentiam.

Quando Selena se levantou, seus olhos estavam brilhando em um verde brilhante, e Fluffy foi ao ar. Ela levantou as mãos na frente dela. Ao redor deles, o chão vibrou. Em alguns lugares próximos, ele viu o chão explodir para cima, a terra voando. Maldições explodiram e os Bersekers giraram suas armas, lanternas iluminando a escuridão.

— Puta merda. — murmurou Kate.

Várias minas terrestres se moveram no ar, depois baixaram suavemente na grama. Suas luzes piscaram, mas não aqueceram ou explodiram.

— Meu alcance não é grande, então não saia fora dessas minas terrestres. — disse Selena. — Mas você deve ter um caminho claro para a entrada do Enclave.

Ash e Levi se moveram rápido, empurrando a maca de Kendra à frente deles.

Tane caminhou até Selena, seu olhar intenso em seu rosto. — Volte para dentro agora.

— Há mais minas para encontrar…

Ele agarrou o braço dela. — Amanhã, à luz do dia, e com um esquadrão completo protegendo você.

O rosto de Selena assumiu um olhar teimoso. — Você não me dá ordens, Tane Rahia.

Ele a ignorou e começou a puxá-la em direção à entrada.

Selena levantou a palma da mão. Ela não tocou Tane, mas ele recuou um passo.

Seu olhar se estreitou e sua voz baixou. — Você acha que um pequeno choque vai me parar? Você não sabe com quem está lidando.

Hemi olhou para Manu, com os olhos esbugalhados. Ele estava fazendo um trabalho péssimo de esconder o sorriso.

De repente, Tane agarrou a cintura estreita de Selena e a levantou. Ele a jogou por cima do ombro e foi para a entrada.

Tane soltou um assobio agudo. — Fluffly.

O pássaro entrou e pousou no outro ombro largo de Tane, aparentemente despreocupado que sua amante estivesse sendo levada.

Selena lançou um olhar quente para o pássaro. — Traidor.

Eles desapareceram na escuridão.

Uma interação interessante para Manu refletir posteriormente. Ele olhou para os outros Bersekers. Todos estavam sorrindo e balançando a cabeça.

— Vamos fazer uma verificação rápida do perímetro. — Hemi sinalizou para Dom e Griff, e o trio se afastou.

Quando Manu voltou-se para Kate, viu que ela estava encarando o sangue em suas mãos.

Ele tocou o ombro dela. — Kate?

— É minha culpa.

— A culpa é da Gizzida.

— Kendra está na minha equipe, é minha responsabilidade.

— Ela vai viver.

Ela girou. — Ela vai perder a perna!

— Mas ela vai viver. Ela sobreviverá e se adaptará. Faço isso todos os dias, lembra?

Os olhos de Kate brilharam. — Eu lembro. Mas nem todo mundo está tão bem ajustado quanto você.

Manu lutou contra o desejo de rir. *Bem ajustado.* — Nem sempre, mas qualquer que seja a vida de merda, você lida e segue em frente. Eu vou ajudá-la. Ela é forte e vai ficar bem.

Kate ficou lá, parecendo tão sozinha. Manu passou um braço em volta dela e a puxou para seu peito.

Ela apertou o rosto contra ele e ficou ali, rígida por um segundo, antes de seus braços serpentearem em torno dele. Ela segurou firme.

Ele sentiu como se tivesse ganhado um prêmio. Kate Scott estava se apoiando nele.

— Eu deveria ter imaginado que eles tentariam algo assim. — De repente, ela explodiu de raiva e se afastou. — Deus, eu odeio os alienígenas. Jurei proteger minha equipe e eles machucaram Kendra. Novamente. Bastardos! — As mãos dela se fecharam em punhos. — Vou fazê-los se arrepender disso.

Ele gostava de vê-la liberar suas emoções, em vez de trancá-las, mas a borda violenta em seu rosto não parecia saudável. — Kate…

— Eu ... eu preciso ficar sozinha. — Ela girou e correu de volta para a entrada do Enclave.

Manu a observou. Não, ele decidiu, a última coisa que ela precisava era ficar sozinha.

Balançando a carabina no ombro, ele a seguiu.

CAPITULO DEZ

Kate comeu sentada fora da enfermaria. Ela se forçou a ficar parada, mesmo que tudo dentro dela fosse uma massa de emoção rodopiante. Ela se forçou a ficar lá. Esperando. Esperando.

— Kate?

A voz da Doutora Emerson a fez olhar para cima e ela se levantou. — Como ela está?

— Ela está estabilizada. Eu dei a ela uma dose de nanomeds. — A voz da médica estava cansada.

— E a perna dela?

O sorriso de Emerson se dissolveu. — Foi muito danificada. Amputamos logo acima do joelho.

Kate sabia que estava chegando, mas Deus, ainda era um golpe.

— Ela está viva e seus sinais vitais são estáveis. Trabalharemos em uma prótese para ela e alguma terapia. Você sabe que Manu e vários outros aqui se recuperaram muito bem de perder um membro.

Kate conseguiu assentir. Mas ela também estava ciente de que ainda era um caminho difícil para a recuperação. Ela viu as sombras em Manu. As coisas que ele se recusou a falar.

— Obrigado. — Kate murmurou.

Emerson assentiu. — Descanse um pouco, Kate.

Kate se virou e seguiu pelo corredor, sentindo como se um peso pesado tivesse caído sobre seus ombros. Ela falhou com Kendra. A garota tinha ficado tão entusiasmado com a entrada em seu time. Kate a decepcionara, e agora ela perdera a perna.

Kate bateu em um peito duro e tropeçou em uma parada. Ela levantou a cabeça e focou o olhar. Manu. Claro. Ela pensou que ele tinha ido para a cama, mas deveria saber que ele não estaria longe.

— Kendra está bem? — ele perguntou.

— Perdeu a perna dela.

— Merda. — ele mordeu.

— Eu estou indo para a cama. — Ela passou por ele.

Ele agarrou o braço dela e a puxou de volta contra o peito. — Eu sei que você está sofrendo. Fale comigo.

— Como você fala sobre perder a perna?

Seu rosto endureceu e ele permaneceu em silêncio.

Emoções agitaram dentro dela, muito perto da superfície. — Me deixe ir.

— Nunca.

Ela empurrou para ele, a raiva dentro inflamando. — É minha culpa. Minha culpa é que ela está naquela maldita cama, menos a perna. Minha culpa, ela quase morreu. Eu a deixei me convencer a entrar para a equipe. Ela é uma criança.

— Na verdade não. Ela é uma jovem adulta no meio de uma invasão alienígena. Ela conhecia os riscos. Pelo que vi, ela ficou feliz em levá-los. Orgulhosa do trabalho que estava fazendo.

— Ela não sabia que quase a mataria. — As palavras de Kate ecoaram nas paredes.

— Claro que ela fez. Ela sabia. Você sabe. Todos nós sabemos. — Manu apoiou Kate contra a parede. — É saber que vale a pena. Saber que morrer vale a pena manter vivos os jovens e inocentes

e dar aos humanos a chance de sobreviver. Assim, você pode manter a cabeça erguida e saber que está fazendo algo bom e certo ... — Sua voz era baixa, seus lábios roçando sua bochecha. — E é saber que as pessoas com quem nos preocupamos estão seguras por causa dos riscos que assumimos.

O olhar dela caiu nos lábios dele. Ele estava tão perto e, como sempre, o corpo dela se iluminou como um maldito sinal de néon.

— Ela queria fazer parte da proteção do que temos. — disse Manu. — Não tire isso dela.

Kate fechou os olhos com força.

— Deixe-me entrar, Kate. Deixe-me abraçá-la e ajudar a manter os pesadelos afastados.

Ela abriu os olhos. — Eu não me apoio nos outros. — Saiu um sussurro rouco.

— Eu sei. Eles se apoiam em você. — Os lábios dele roçaram os dela. — Mas eu estou bem aqui, querida.

— Eu não quero ser…

— Fraca? Torna você mais forte para aguentar nos tempos difíceis.

Ela levantou as mãos, flexionando os dedos nos ombros largos dele. O olhar dela caiu nos lábios dele. — Eu quero esquecer por um tempo.

Ele gemeu baixinho, e então seus lábios bateram nos dela. Como sempre, o beijo instantaneamente ficou quente e apressado. Ela queria absorver a força dele, para poder ficar de pé. Ela queria acreditar que valia a pena correr os riscos.

A mão grande de Manu agarrou a dela e ele começou a descer o corredor. Ele estava se movendo tão rápido que ela foi forçada a correr para acompanhar.

— Manu…

— Quieta.

Ele os virou em um dos corredores, indo para os aposentos pessoais. Na porta dela, ele parou. Ela bateu na fechadura e levou-o para o quarto.

Uma luz acendeu, espalhando um brilho quente sobre o espaço. Ele levou um segundo para examinar seu espaço. Ele sorriu. — Limpo como um alfinete.

Eles se viraram e se encararam.

— Esta não é uma boa idéia. — disse ela.

— É uma excelente ideia. Você só está com medo.

Ela levantou o queixo. — Eu não estou.

Manu caiu em uma poltrona estofada e estendeu as pernas longas. — Prove.

— Eu não sou uma covarde.

— Eu sei disso, Kate. Todo mundo sabe disso. Mas você não precisa ser supermulher o tempo todo. Aqui, você pode ser apenas Kate.

As coisas dentro dela tremeram. Ela girou. — Estou indo embora.

Ela mal deu dois passos quando um braço a envolveu, logo abaixo dos seios. Ele a puxou de volta contra seu corpo duro, e então seus lábios estavam na lateral do pescoço dela.

O fogo se inflamava em sua pele e fluía diretamente entre as pernas. Ela deu uma cotovelada nele, e então ela estava girando para encará-lo. Eles brigaram.

O homem era mais forte que ela.

— Eu não sou uma mulher fácil, Rahia.

Os olhos dele escureceram. — Eu sei.

— Sou resistente e habituada a viver minha vida do meu jeito.

Um leve sorriso. — Eu posso lidar com você.

Ela apertou as mãos contra o peito dele e empurrou com força, empurrando-o para trás um passo. Suas pernas atingiram a beira da cama e ele se sentou nela. Ele parecia um animal grande e perigoso sentado ali, seu olhar fixo nela.

— Eu também não sou uma mulher muito apaixonada.

Ele bufou. — Besteira.

Ela fez uma careta. — Bem, eu não era antes.

Um largo sorriso branco se desenrolou. — Então, isso é tudo para mim?

Ela subiu em cima dele. — Não fique convencido. — Ela hesitou. — Você tem certeza que pode me controlar?

Ele sorriu. — Com certeza, Capitã. Vamos ver o que você tem.

Ele rolou, empurrando o rosto dela para baixo nas cobertas e prendendo-a lá. Ela sentiu os lábios dele na parte de trás do pescoço.

Oh, tão bom. Ele encontrou um ponto sensível e ela se contorceu. Ela amava seu corpo grande e duro contra o dela.

— Vou fazer você gritar meu nome, Kate. — Os lábios dele foram para o ouvido dela, beliscando a carne sensível. — Muitas vezes, você estará rouca amanhã.

As palavras sexy e sujas eram como uma flecha entre suas coxas. Ela estava encharcada. O que ele quis dizer tantas vezes? Ambos tinham mais de quarenta anos. Ele não tinha mais vinte anos. Que tipo de resistência ele poderia ter?

— Você tem um implante? — ele murmurou.

Ela assentiu. A gravidez era uma opção pequena para ela, mas os implantes também controlavam a doença.

Ela sentiu a mão dele deslizar sobre sua bunda e descer seu quadril. Ele se moveu sob ela, e ela sentiu os dedos dele trabalhando no botão e no zíper de sua calça.

Então a mão dele estava dentro da calcinha dela, entre as pernas dela, esfregando.

— Oh. — Ela arqueou.

Os dedos dele esfregaram contra ela. — Tão molhada para mim, Capitã. — Ele acariciou seu clitóris sem piedade. — Vou te comer primeiro. Preciso provar você.

Oh. Deus.

O peso dele a tirou e depois ele a puxou de joelhos. As mãos dele acariciaram sua bunda, deslizando as calças e depois a calcinha.

Ele a puxou de volta para o peito. O hálito dele estava quente no ouvido dela. — Você sabe quantas vezes eu imaginei você debaixo da minha boca?

Ela estremeceu, sentindo chamas lambendo-a. Ninguém nunca tinha falado com ela assim.

— Quantas vezes eu me masturbei na minha cama, imaginando você nua e se contorcendo debaixo de mim?

Ela empurrou de volta contra ele. — Então coloque sua boca em mim, Rahia.

Ele a empurrou para frente sobre as mãos e os joelhos. Suas mãos grandes moldaram sua bunda nua, afastando suas coxas. Ela sentiu a cama se mover, e então sentiu o hálito quente em suas coxas. Tudo dentro dela apertou.

Quando a boca dele bateu em sua carne, Kate gritou. Ele começou a lambê-la, como se estivesse morrendo de fome. Ele agarrou suas coxas e ela ouviu um rosnado.

— Você está pingando, querida. — Então ele a puxou com mais força contra seu rosto. — Tem um sabor tão fodidamente bom.

A voz dele vibrou contra ela e ela se contorceu. Ele lambeu e chupou, e pequenos gritos rasgaram sua garganta.

— Eu vou ficar viciado nisso. — disse ele.

Ela sentiu um dedo grosso deslizar para dentro e gemeu. Ele continuou lambendo-a, junto com o dedo grosso esticando-a. Ele puxou para fora e dois dedos trabalharam de volta dentro dela.

— Justa. Você vai se sentir bem esticada em volta do meu pau, querida.

Ela empurrou de volta contra ele. — Manu.

— Som mais doce, meu nome em seus lábios.

Tudo dentro dela estava quente e seus músculos tremiam. Seu clímax estava quase em cima dela, ameaçando como uma enorme tempestade.

Seus dedos empurraram profundamente dentro dela. Sua língua passou por seu clitóris. — É isso aí, Kate. Venha na minha cara.

Quando ele chupou novamente, ela gritou e se separou. Kate cavalgou através das ondas de prazer, sentindo como se estivesse quebrando em pedaços.

Mas a força de Manu a manteve no lugar.

***

O pau de Manu estava tão duro que doía.

Ele precisava estar dentro de Kate. Ele precisava disso mais do que de precisava de qualquer outra coisa.

Ela estava deitada de bruços, ofegante, mas ele puxou os quadris para cima e abriu as calças.

— Vou te foder agora, querida.

Ela empurrou contra ele. — Bom...

Uma faladora, sua Kate. Ele segurou sua bunda e ela olhou por cima do ombro. Seus olhares travaram.

Ele agarrou seu pau e acariciou-o. Havia uma fome crua naqueles olhos azuis dela. Porra, sua mulher estava selvagem por ele.

Ele se inclinou e lhe deu um beijo quente, chupando o lábio inferior. Ela empurrou contra ele, sua língua deslizando para emaranhar com a dele.

Então ele afastou as pernas dela e esfregou seu pau contra onde ela estava tão molhada e inchada.

Ela choramingou e balançou os quadris.

— Fique parada. — ele ordenou.

— Dentro de mim. — ela exigiu.

— Eu estou indo, querida. — Ele começou a empurrar dentro dela.

— Oh Deus. — As costas dela arquearam, e novamente seu olhar encontrou o dele.

Manu empurrou seu pau dentro dela, centímetro por centímetro meticuloso. Ele era um cara grande, então sabia que demorava um pouco. Ele saboreava a sensação quente dela. Tão malditamente apertada.

— Oh meu Deus. — A respiração dela entrou e saiu do peito. Manu se afastou e depois bateu dentro dela mais uma vez, afundando profundamente e balançando-a para a frente na cama.

Ela estava esticada ao redor dele e ele nunca sentiu algo tão bom.

— Diga o meu nome, Kate.

— Manu. Deus. Mova-se.

Ele se inclinou, pressionando um beijo no centro da coluna dela. Então ele começou a empurrar, duro e áspero. Ele queria que ela sentisse. Sentisse-o.

Ela estava fazendo pequenos gritos sensuais, cada um deles o deixando louco, e ele manteve seus movimentos fortes. Ele agarrou seus ombros para obter mais força e acelerou o ritmo.

— Melhor merda de visão do mundo, eu batendo em você por trás.

Ela gemeu.

Manu queria ouvi-la gozar, e ele podia sentir seu próprio orgasmo caindo sobre ele. — Toque a si mesma. — ele resmungou.

Instantaneamente, ela abaixou a cabeça na cama e moveu a mão embaixo dela.

— Você está esfregando esse clitóris doce?

— Sim.

— Você não vai gozar até eu te dizer.

Ela ficou rígida. — Manu…

Ele rosnou — Nós vamos gozar juntos. Segure.

— Eu ... eu não posso.

— Mantenha sua doce bunda, Kate. Leve-me e espere.

Ela levantou a bunda. — Manu!

— Quase lá, querida. — Ele se inclinou sobre ela, afundando seu pau dentro dela o mais profundo que pôde. *Assim. Droga. Bom*. — Venha agora.

Ela ficou tensa e seu corpo apertou seu pau. Quando ele gemeu, ela gritou, e ele afundou os dentes em seu pescoço.

Ela resistiu contra ele, e Manu rugiu quando sua libertação rasgou seu corpo. Porra. *Foda-se*.

Eles caíram na cama e Manu caiu para o lado, puxando Kate para perto dele, moldando seu corpo suado no dele. Ela não se mexeu, deitada ali completamente relaxada. Ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela.

Manu já tinha estado com muitas mulheres antes, mas nada havia sido assim.

Ele também sempre tinha algo pelo que lutar - seus irmãos, amigos, crianças inocentes aqui no Enclave.

Mas agora, ele tinha outra coisa. Sua recompensa pela luta e pela perda. Uma mulher que ganhava vida apenas para ele.

Uma mulher pela qual ele felizmente perderia a outra perna, a fim de a manter segura.

Dele.

CAPITULO ONZE

Kate acordou com algo esbarrando nela. O quarto estava escuro e um corpo quente estava pressionado contra ela.

Manu. Manu Rahia estava em sua cama.

— Porra, faça a dor parar.

Sua voz agonizada cortou o silêncio. Seu coração apertou. Ele estava tendo um pesadelo.

Ele se debateu novamente e ela o alcançou. — Manu?

Um grande braço girou para ela e ela o abaixou. Ela se jogou em cima dele, montando em seu peito. Ela apertou os joelhos nos lados dele. Seu peito estava arfando.

— Manu? É a Kate. Acorde.

Ele parou embaixo dela. Ela estendeu a mão e acendeu o abajur.

Os dois piscaram com o brilho repentino e Manu a observou com olhos escuros e insondáveis.

Kate ignorou estudiosamente o fato de estar nua. Ela nunca dormiu nua em sua vida. — Você está comigo?

Ele assentiu. Kate escorregou dele e puxou o lençol. Ele passou a mão pelos cabelos.

— Isso é comum? — ela perguntou.

Ele encolheu um grande ombro. — Acontece.

— Você conversou com alguém sobre isso?

Seu rosto ficou amotinado. — São alguns pesadelos. É de se esperar.

— Manu, o que você passou foi difícil. Existem conselheiros aqui no Enclave…

— Não quero falar sobre isso.

— Então fale comigo.

Um músculo pulsou em sua mandíbula. — Não.

A mágoa atingiu seu coração. — Certo. Então, não há problema em você me cutucar, mas você mantém todos os seus segredos trancados. — Ela rolou para o lado da cama. — Entendi.

Ele a agarrou, puxando-a de volta para a cama. — Eu ... eu não falo sobre isso. Nunca.

A voz dele era crua e cheia de dor, e o coração dela se apertou. — Seus irmãos?

Ele balançou sua cabeça. — Eu disse a eles pequenos pedaços.

Ela segurou sua mandíbula. — Entendo que não quero ser fraco ou mostrar vulnerabilidades. Eu fiz uma vida fazendo isso. — Ela soltou um suspiro. — Eu tive uma missão errada. Logo antes de eu ir trabalhar no Enclave, pouco antes da invasão alienígena. Perdi três bons, brilhantes e jovens soldados.

— Ah, é por isso que o que aconteceu com Kendra bateu em você com tanta força. — ele murmurou.

— Perder pessoas nunca é fácil. Assim como perder um pedaço de si mesmo nunca é fácil. — Ela acariciou sua mandíbula. — Conversei com os terapeutas do exército. Se não tivesse, acho que a bola de dor, raiva e culpa dentro de mim teria crescido.

— Eu não deixo.

— Você pode mantê-lo trancado, Manu, mas está causando danos.

Ele respirou fundo e estremeceu e ficou quieto por um longo momento. Kate estava quase certa de que o havia perdido.

— Ainda estávamos na Mountain Blue Base. Estávamos em uma missão de reconhecimento. Só deveriamos explorar uma área da cidade onde havia aumentado a atividade alienígena.

Ela acariciou seu ombro e ficou quieta. Ela odiava o olhar assombrado em seu rosto.

— Porra. — Ele respirou fundo, estremecendo. — Era uma armadilha. Eles nos atraíram para lá e literalmente montaram armadilhas no chão.

— Armadilhas?

— Como armadilhas para ursos. Armadilhas enormes e pontiagudas feitas de osso e metal. Estávamos envolvidos por um grupo de raptores, lutando para sair. — Ele balançou sua cabeça. — Inferno, Hemi estava rindo. Então pisei em uma daquelas malditas armadilhas.

Kate se moveu, acariciando suas costas.

— A dor era indescritível. Eu estava gritando, a agonia era tão extrema. Mais raptores estavam chegando, e eu gritei para meu esquadrão sair. — Olhos escuros encontraram os dela, fervendo de velho horror. — Pude ver que minha perna estava presa. Os dentes da armadilha haviam atravessado, logo acima do joelho. Sangue estava derramando por toda parte. Eu continuava atirando nos raptores. Eu queria adiá-los até Tane e os outros escaparem.

Ele continuou lutando. Estava pensando nos outros, mesmo quando ele estava tão machucado. Aquele era o Manu. Leal, protetor e carinhoso.

— Eles se recusaram a me deixar. — Sua voz falhou. — Eles me encheram de drogas, me tiraram e todos continuamos atirando até voltarmos ao quadcopter.

Ele sobreviveu, mas os alienígenas ainda haviam marcado um golpe e o deixaram com cicatrizes.

— Você me surpreende, Manu Rahia.

Ele sacudiu. — Por quê?

— Você sobreviveu a um pesadelo que teria arrastado tantos para baixo, e aqui está você, ainda fazendo o que pode no Enclave para manter as pessoas seguras.

— Ainda tenho pesadelos, Kate. Ainda fico com tanta raiva que quero dar um soco nas coisas. Às vezes eu sou sensível e falo.

— Ninguém disse que você tinha que ser perfeito.

Ele fez uma careta.

— Você é o irmão mais velho, então acho que querer ser perfeito e forte para todos é uma falha de caráter.

Sua carranca se aprofundou.

— Depois de tudo o que aconteceu, você ainda se levanta todos os dias e vai trabalhar no campo. Você é um herói, Manu. — Ela segurou suas bochechas e o fez olhar para ela. — E você nunca precisa esconder o que está sentindo de mim. Aqui, você pode me mostrar quando está sofrendo ou com raiva.

Manu respirou fundo. — Você vai me mostrar seu interior também?

Ela torceu o nariz. — Não há muito para mostrar. Você vai acordar um dia e perceber que sou chata e sensível.

Ele a empurrou de volta na cama, cobrindo-a com o corpo e afastando as pernas dela. — Nunca.

Deus, ela amava a sensação dele. — Você vai ver. Eu sou chata e não sexy, e… — Suas palavras se transformaram em um grito sufocado quando ele deslizou seu pau dentro dela.

Ele bombeou nela, seus impulsos implacáveis. — Não há nada chato em você, Kate. E nunca vou me cansar de enterrar meu pau dentro do seu corpo quente e sexy.

Sensações a inundaram, cada nervo vivo. — Manu…

— Aí está. Nunca vou me cansar de ouvir você chamar meu nome assim. — A voz dele baixou. — A única coisa melhor é quando você diz quando está gozando.

Suas palavras a enviaram ao extremo, e Kate deu a ele o que ele queria.

***

Kate acordou com o nariz pressionado contra uma parede de músculo duro coberta de pele de bronze.

Ela congelou. *Oh Deus.* Tudo o que eles fizeram um com o outro durante a noite se amontoou em sua cabeça. Ela estremeceu. Depois daquela primeira vez alucinante, eles se entreolharam ... e fizeram de novo - duas vezes. Então, mais uma vez, logo após o pesadelo.

Kate nunca tinha feito sexo assim antes.

— Kate — Um estrondo sexy e rouco.

— Ei — ela murmurou.

O braço em volta da cintura dela apertou. — Tudo o que você está pensando, pare com isso.

Ela olhou rapidamente para o rosto dele. Além de olhos escuros e sonolentos, ele parecia alerta. — Eu não estou…

— Você está pirando.

— Saia da minha cabeça. — ela murmurou.

Ele estendeu a mão, deslizando a mão pelo cabelo dela e empurrando-o para trás. Então ele deu um beijo gentil nos lábios dela. — Nós fizemos sexo. Realmente ótimo sexo. Melhor que já tive.

Ela sentiu a queima de calor injetar em suas bochechas. — Oh.

Ele sorriu aquele sorriso branco sexy dele. — E nós vamos fazer isso de novo. Em grande quantidade.

— Um pouco presunçoso.

— Baby, você veio viva para mim. Eu nunca tive uma mulher com tanta fome do meu pau.

Ela fez uma careta. — Não seja grosseiro.

— Baby. Foi quente.

Kate sentiu-se envergonhada. Ela nunca tinha sido assim com um homem antes. Por outro lado, ela nunca esteve com um homem como Manu antes.

Ela rapidamente se moveu para sair da cama, mas um braço a envolveu e apertou sob seus seios. A pele dele estava em tons mais escuros do que a dela, e ela estudou as veias sensuais subindo pelo forte antebraço.

— Manu, eu tenho que começar a trabalhar.

— Temos mais de uma hora até o início de nossos turnos.

Ela sentiu ele se mover atrás dela. Ele ficou de joelhos, puxou-a de volta para o peito. Ela sentiu a cabeça larga de seu pau pressionar contra sua bunda. A mão dele desceu pelo corpo dela, os dedos se espalhando sobre a barriga dela.

Então ela sentiu Manu ficar quieto. — Minha Kate tem um lado travesso.

Ela fez uma careta. — O que? — Ela olhou para cima e o viu olhando para sua mesa de cabeceira.

Onde estava o vibrador que Liberty lhe dera.

Oh Deus. — Hum…

Ele a alcançou e a agarrou. Sua barriga apertou.

— Mostre-me como você gosta de usá-lo.

Ela limpou a garganta. — Acabei de o comprar. Eu realmente não… — Ela era adulta. Ela não deveria se sentir como uma adolescente corada, pega pelos pais.

— Você sente a necessidade de algum alívio ultimamente? — A respiração dele estava quente no pescoço dela.

Ela se inclinou para ele e viu quando ele acariciou o vibrador no meio de sua barriga. Ele ligou e depois passou entre as coxas dela. Ela empurrou contra ele.

Ele apertou com força contra seu clitóris e ela gritou. Então ele passou o brinquedo pelos lábios lisos dela.

— Porra, eu preciso ver seu rosto. — Ele a girou e a empurrou de volta na cama. Então ele estava separando as pernas dela.

Com um olhar focado no rosto, ele voltou ao trabalho, deslizando o vibrador contra ela. Logo ela estava se contorcendo. Era tão bom.

— Você é tão linda. — disse ele.

Kate pensava o mesmo sobre ele. Grande, bonito e toda aquela pele macia e marrom. Tudo nu e focado nela.

Ele moveu o vibrador e pressionou a cabeça grossa dele contra ela. Seus lábios se separaram, seus quadris levantados.

Manu deslizou lentamente o brinquedo dentro dela.

Ela gemeu. Ela se sentia tão cheia e ainda sentia a queimadura de tê-lo tido várias vezes durante a noite. Fazia muito tempo desde que ela fez sexo e ela estava um pouco sensível.

— Dolorida? — ele perguntou.

— Um pouco.

— Quer que eu pare?

— De jeito nenhum.

Uma risada calorosa. Manu moveu o vibrador lentamente, mas com firmeza, dentro dela. Então o dedo dele deslizou por sua barriga e começou a dedilhar seu clitóris.

Ela gemeu. — Manu.

— Bem aqui, querida. — Ele aumentou seu ritmo. — Porra, poderia assistir você o dia todo.

Kate estava chegando perto, todas as sensações nela girando cada vez mais rápido. Quando ele puxou o vibrador para fora dela, ela soltou um grito.

— Calma. — Ele jogou o brinquedo no chão e a puxou. — Quando você vier, vai estar no meu pau.

Então ele mudou para a beira da cama, com os pés apoiados no chão e a puxou para montar em seus quadris. Ele a empurrou para baixo, seu pau deslizando dentro dela com um impulso forte.

Ela gritou, as mãos segurando os ombros dele.

— Monte em mim. — ele resmungou, seus dedos cavando seus quadris.

Seu corpo se moveu por vontade própria. Cima baixo. Ela precisava dele. Ela precisava disso.

— Veja. — Sua voz era gutural.

Ela seguiu o olhar dele para ver onde eles estavam unidos. Para onde ele estava esfregando seu clitóris inchado e onde seu pau estava alojado profundamente dentro dela.

Oh Deu. Tudo dentro dela se juntou como uma tempestade, contraindo-se em um ponto difícil em sua barriga. Então a explosão aconteceu e ela veio.

Quando Kate arqueou as costas e gritou, Manu agarrou seus quadris e bateu com força. Ele gemeu sua própria libertação, derramando dentro dela.

Ela caiu contra ele, bochecha pressionada no ombro dele. Eles ficaram lá, esperando o coração bater mais devagar.

Mais uma vez, ela acabara de provar que era quente apenas para ele. Ela não tinha certeza se deveria estar orgulhosa ou envergonhada. — Eu não acho que deveríamos fazer sexo assim.

Ele fez um barulho estridente que ela entendeu ser uma pergunta.

— Sexo como se tivéssemos vinte anos.

— Isso é melhor do que sexo quando você tem vinte anos, impaciente e sem noção.

Amém a isso. Ela levantou a cabeça. — Quero ver Kendra antes de voltarmos para enfrentar mais minas terrestres. — Ela tentou se afastar de Manu.

Ele a segurou imóvel, uma mão grande acariciando suas costas. — Ela ficará bem, Kate. Vamos cuidar disso.

Ela olhou para aqueles olhos escuros e aveludados. — Você vai falar com ela?

— Merda. — Manu respirou fundo. — Sim.

Kate podia ver que falar sobre perder a perna não seria fácil para ele, mas que ele faria isso. Por ela.

— Será uma estrada difícil para Kendra, mas ela vai conseguir.

Os dedos de Kate afundaram na pele de Manu. — Eu sei agora que não foi tão fácil quanto você fez parecer.

Ele suspirou. — Não.

— Você vai falar um pouco mais sobre isso? — ela perguntou baixinho.

Ele não disse nada por um momento e ela pensou que ele não iria. A decepção a percorreu.

Os dedos dele apertaram nela. — Sim.

Ela sorriu, tantas emoções entupindo sua garganta. — OK. — Ela desejou ter estado com ele, estado lá para segurá-lo.

— Depois que algo assim acontece com você, você precisa alterar sua visão de si mesmo e de quem você é. — disse ele. — Antes, eu era um ex-mercenário, um irmão mais velho, um Berserker. É difícil quando tudo isso termina em um piscar de olhos.

— Você ainda é todas essas coisas — ela insistiu.

— Eu sei. Mas eu também sou diferente. Eu tive que reescrever minha visão de mim mesmo. Não é melhor ou pior, apenas diferente. Agora sou ex-mercenário, irmão mais velho, ex-Berseker e chefe do campo de tiro e arsenal do Enclave.

— Você é um homem incrível, Manu Rahia.

Ele sorriu. — Que tal você me mostrar o quão incrível?

— Novamente? Eu tenho vinte minutos até o meu turno começar ...

Ele se mexeu, rolando-a embaixo dele. — Então é melhor você ser rápida.

***

Com o corpo relaxado e o sangue ainda zumbindo, Manu saiu para o sol. Ele se sentia feliz. Mesmo quando seu pé protético pegou uma pedra e ele teve que se segurar, ele sorriu.

Kate estava um passo à frente dele, e maldição, ela parecia bem em sua armadura.

Ele adorava que só ele pudesse ver sob todos os seus vários tipos de armadura. O físico e o emocional. Ela deve ter sentido seu olhar nela, porque ela olhou de volta para ele. Quando seu olhar encontrou o dele, suas bochechas ficaram rosadas, e ele sorriu, sabendo exatamente o que ela estava pensando. Ela sorriu de volta, e maldição se ele não sentia que tinha ganho a loteria maldita.

— Quero verificar o local da mina da noite passada. — disse ela.

Ele assentiu e eles caminharam silenciosamente em direção ao terreno. Ao longe, ele viu os Bersekers. Eles cercaram a pequena figura

de Selena, que estava fazendo o possível para encontrar as minas terrestres. Tane estava um passo atrás da mulher, parecendo irritado.

— Então, Tane e Selena? — Kate disse.

Manu resmungou. — Não faço ideia do que está acontecendo lá.

— Então você é cego.

Ele não era cego. Ele só não tinha certeza se queria que seu irmão se apaixonasse por uma mulher alienígena com habilidades estranhas e poderosas. Mas isso era uma preocupação para outra hora.

Quando se aproximaram da cratera, ele sentiu a crescente tensão bombear Kate. Ele agarrou a nuca de seu pescoço tranquilizadoramente. Ele sabia que ela estava revivendo todos os momentos do ataque na noite anterior. Ela havia verificado Kendra, mas a mulher estava dormindo. Ele sabia que Kate estava levando isso com dificuldade.

Manu esperou que suas próprias memórias aparecessem, mas elas estavam estranhamente silenciosas.

Os restos das minas foram removidos. Kate derrapou pelo lado do buraco, olhando ao redor da parte inferior da cratera.

— Como eles estão cavando isso aqui? — ela disse. — Até cavar um pequeno túnel leva tempo.

— Eles devem ter algum tipo de tecnologia que faça isso por eles.

Ela cuidadosamente cutucou a sujeira ao redor dos pés com a bota. E um segundo depois, um pouco da sujeira caiu para dentro, caindo como uma pequena cachoeira.

Ela descobriu um túnel enterrado no chão abaixo.

Manu fez uma careta. — Kate.

Mas ela já estava agachada no buraco e inclinando a cabeça para olhar em volta. Ele observou quando ela puxou uma lanterna do cinto e a acendeu.

— Parece intacta. — disse ela. — É grande o suficiente para um homem rastejar.

— É muito perigoso. — disse ele.

— Precisamos detê-los, Manu. Estou indo garantir que ninguém mais se machuque.

— Porra. — Ele não perdeu tempo derrapando na cratera, ignorando a dor na perna. Então ele tocou sua orelha. — Enclave, encontramos um pequeno túnel intacto abaixo do local da explosão.

— Ok, Manu. — respondeu Indy. — Qual é o seu plano?

Ele olhou para Kate. Ela assentiu.

Manu suspirou. — Vamos segui-lo, desde que seja seguro.

— Reconhecido. Provavelmente perderemos o sinal com você, por isso tome cuidado.

— Dê-nos trinta minutos. Se não voltarmos então, mande a cavalaria. — Ele olhou através do campo para seu antigo esquadrão.

— Você manda, Manu. Fique seguro.

— Claro, linda.

Quando ele olhou para cima, Kate fechou a linha de comunicação e levantou uma sobrancelha. — Linda?

Ele sorriu, gostando do tom da voz dela. — Indy é como uma irmã para mim.

— Mas ela não é sua irmã. Ela é uma mulher linda e vibrante.

A borda havia se aprofundado, e ele puxou Kate para perto. — E eu gosto de mulheres duras e sérias com um lado oculto da natureza.

Ele se inclinou e mordeu seus lábios. Ela tentou se afastar, mas ele a abraçou.

— Você ainda me sente, Kate?

— O que?

— Entre suas pernas.

— Manu.

— Oh, meu Deus, vocês. — A voz excitada de Indy apareceu na linha de comunicação. — Eu não sei do que vocês estão falando, mas você sabe, eu tenho um drone em você. Vi aquele beijo. Vocês são *gostosos* juntos.

Kate gemeu e tocou o fone de ouvido. — Indo para o túnel agora, Indy. — Ela deu a Manu um olhar abrasador, depois se virou e caiu no túnel.

Manu a seguiu. Ele teria preferido estar na liderança, mas sabia que ela lutaria com ele. Ainda assim, não era difícil rastejar para trás e assistir sua bunda.

Uma bunda que ele tocou, beijou e apertou em suas mãos. *Merda*. Ele não precisava de ficar com tesão agora.

Ela apontou a luz para a frente e eles se arrastaram pelo túnel estreito. Era desconfortável rastejar em seu joelho, mas ele ignorou.

— O túnel ainda está intacto. — ela chamou de volta.

Era um ajuste apertado. Não para Kate, mas os ombros de Manu roçaram as bordas do túnel. Cheirava a terra madura, e as raízes da grama e várias plantas pendiam ao lado deles.

Sorte que ele não era claustrofóbico.

Enquanto eles continuavam adiante, o túnel se alargou e logo se abriu o suficiente para que eles pudessem ficar de pé.

Ele se moveu ao lado de Kate, embalando sua carabina.

— Esta parte do túnel parece mais velha. — disse ele.

Ela piscou a luz ao redor, estudando as paredes. — Você está certa. Isso foi escavado na rocha e parece que já está aqui há um tempo. Acho que estamos dentro de uma das minas de carvão vizinhas.

Ele assentiu e eles continuaram pelo túnel mais largo. Ele podia imaginar os trabalhadores das minas passando por aqui a caminho de desenterrar mais carvão.

Uma sombra escura e volumosa apareceu à frente. Ele ficou tenso e depois relaxou rapidamente quando percebeu que eram caixotes.

Por um segundo, ele pensou que havia sido um equipamento abandonado de quando a mina estava ativa. Mas quando eles se aproximaram, seu estômago se apertou. As caixas eram feitas de osso.

— Foda-se. — ele murmurou.

— Gizzida. — Kate foi para a mais próxima e empurrou a tampa para o lado.

O caixote estava cheio de minas terrestres de Gizzida.

— Santo inferno. — Manu rosnou. — Veja todas essas malditas coisas.

Kate amaldiçoou. — Temos que detê-los.

CAPITULO DOZE

A furia dentro de Kate era incandescente. Os alienígenas os estavam atacando bem debaixo de seus malditos narizes. Ela mal se conteve de chutar os caixotes de minas terrestres.

— Vamos continuar olhando ao redor. — disse Manu, franzindo a testa.

Ela olhou para o seu relógio. — Só temos mais quinze minutos antes de precisar fazer o check-in.

— Nós seremos rápidos.

Eles continuaram descendo o túnel, passando por vários túneis laterais sombreados, com mais caixas de minas terrestres empilhadas contra as paredes. Muitos. Muitos. — Manu, temos que voltar e informar.

Ele resmungou, e ela tomou isso como acordo.

Frustração a mastigou. Ela queria agir. Ela queria *fazer* alguma coisa. Mas ela se forçou a se virar. O general e Niko precisavam saber o que estava acontecendo.

Eles voltaram do jeito que vieram. Ela não gostou do pensamento de voltar pelo pequeno túnel, mas quanto mais rápido eles voltassem, mais rápido poderiam ter um plano para lidar com os raptores e suas malditas minas terrestres.

Um som áspero de raspagem chamou sua orelha e ela parou.

Manu fez uma pausa, com a cabeça inclinada. Ele levantou sua carabina. Ele também ouvira.

Merda, ela deveria desligar a lanterna? Ela olhou para um túnel que subia à esquerda deles. Era pequeno e escuro. Ela apertou os olhos, tentando ver através da espessa escuridão.

De repente, um grupo de raptores saiu da escuridão.

Merda. Kate pegou sua carabina e disparou.

Manu também estava disparando, fogo laser iluminando a caverna escura, lançando sombras selvagens nas paredes. Um raptor saltou para Kate e seu corpo grande e escamoso bateu nela.

Droga. Eles atingiram o chão e o peso pesado do alienígena a derrubou. Sua carabina voou de suas mãos. Lutando para respirar, ela procurou a Gladius presa ao cinto. Ela arrancou a faca de combate e a esfaqueou no lado do raptor.

Ele grunhiu e ela esfaqueou novamente, agradecendo às estrelas da sorte que o exoesqueleto embutido em sua armadura lhe dava força extra. O raptor caiu sobre ela, sem vida, e com um grunhido, ela retirou o peso dele.

Quando ela se levantou, ela lutou diante dela. Dois raptores estavam atacando Manu, lutando lado a lado.

Ele estava se esquivando, tecendo e dando vários bons golpes. Ela viu a cabeça de um raptor se afastar do soco de Manu.

O outro avançou com um grunhido gutural, e Manu caiu sobre um joelho, batendo com o punho no estômago do segundo raptor. O raptor tropeçou de volta no primeiro, e os dois cambalearam.

Kate avistou a luz de sua carabina no chão, pegou sua arma e mirou. Alguns tiros bem posicionados e os dois raptores caíram no chão.

— Vamos. — ela chamou.

Manu deu um salto.

De repente, ela ouviu um som estranho de clique. Eles giraram, pressionados um contra o outro, ambos olhando para o seu alcance.

Um pesadelo apareceu no fim do túnel. Uma enorme criatura parecida com uma aranha, com seis pernas e uma barriga vermelha brilhante. A criatura quase encheu o túnel inteiro.

Uma trepadeira.

Ela tinha ouvido tudo sobre essas malditas criaturas. Eles tinham bocas enormes e sugadoras que podiam engolir um todo humano. Eles então mantiveram sua vítima de barriga, onde os injetaram com DNA alienígena e os transformava em raptores.

Ela começou a atirar. Manu estendeu a mão por cima do ombro e tirou uma grande espingarda. Ele levantou a arma quando a trepadeira avançou. Ele levantou as duas pernas da frente. Uma perna caiu perto de Kate, derrubando a carabina das mãos. A arma derrapou no chão cheio de terra e, quando a trepadeira empinou novamente, sua perna se esmagou, destruindo sua arma com um ruído metálico. A lanterna ainda estava funcionando, iluminando a trepadeira em um raio de luz branca.

Pernas perversas e afiadas recuaram novamente.

— Kate! Mova-se.

Ela saiu do caminho. O estrondo de uma espingarda ecoou nas paredes e a trepadeira guinchou, recuando. Uma de suas pernas estava pendurada em um ângulo estranho.

Kate se levantou e puxou a carabina de elite que Manu lhe dera do ombro. Apesar de ter sido ferida, a trepadeira não estava pronta e deslizou de novo. Kate se aproximou de Manu e eles atiraram juntos. O gemido de sua carabina se misturou com o estrondo da espingarda.

A barriga da trepadeira explodiu e gosma vermelho-alaranjada espalhou-se por toda parte. A trepadeira desabou e, fazendo uma careta, Kate levantou o braço, passando-o pelo rosto. *Ugh*.

Ameaça erradicada, ela olhou para Manu, e ele sorriu para ela. Ele tinha um traço vermelho na bochecha. Ela sorriu de volta.

Outro som deslizante. Seu intestino endureceu.

— Foda-se. — Manu murmurou.

Era mais leve que o som da trepadeira, mas ela duvidava que isso significasse que as coisas estavam melhores.

Ela se virou, apontando a luz para o fim sombreado do túnel. Dezenas de minas terrestres ativas deslizavam em direção a eles em pequenas pernas.

Inferno. Ela começou a atirar novamente. Manu se juntou, murmurando mais maldições. Mas havia centenas de coisas malditas.

O cartucho de laser em sua carabina piscou. *Droga*. Ela rapidamente mudou para o modo projétil, descarregando balas térmicas nas minas.

Muito rapidamente, Kate e Manu estavam cercados. Eles não tinham para onde ir. *Merda.*

— Largue suas armas. — As palavras em inglês foram ditas com uma voz profunda e gutural.

Ela levantou a cabeça. *Merda dupla*. Vários raptores caminhavam na direção deles, armas apontadas. Ela rapidamente olhou para Manu e viu que o rosto dele estava duro.

O raptor principal tinha uma bandoleira de couro vermelho sobre o peito escamado, e ela imaginou que isso denotasse algum tipo de posição. Ele acenou com a cabeça para um de seus raptores e o alienígena deu um passo à frente, as bombas se movendo para abrir

espaço para ele. Ele apontou sua arma cheia de veneno para a cabeça de Kate, olhos vermelhos queimando nos dela.

Manu abaixou a espingarda e, com o peito apertado, Kate fez o mesmo. Ela deixou sua carabina modificada cair no chão.

Mais bombas dançaram no caminho enquanto outro raptor avançava. Kate abriu a boca para falar, mas o raptor se moveu, dando um golpe cruel na cabeça de Manu.

Foi tão repentino.

— Ei! — ela gritou.

Manu cambaleou para o lado e bateu com força no chão. Ele estava inconsiente. Ela se moveu para ajudá-lo, mas garras afiadas agarraram sua nuca, parando-a.

O raptor que bateu em Manu se inclinou, agarrou a parte de trás da armadura e começou a arrastá-lo pelo túnel.

A raiva queimou através de Kate, quente e derretida. Ela levantou a cabeça para explodir os raptores, mas um punho grande e escamado estava vindo bem em sua cabeça.

A dor explodiu e a escuridão a engoliu.

***

Manu acordou com a cabeça latejando. Estremecendo, ele fez um balanço. Ele estava sentado caído contra uma parede dura. Uma baixa iluminação vermelha brilhava ao seu redor.

Algo quente roçou sua bochecha.

— Graças a Deus.

Ele abriu os olhos para ver Kate olhando para ele, acariciando sua bochecha.

Quando sua visão ficou totalmente em foco, ele pôde ver que sua bochecha estava inchada e manchada de sangue seco. A fúria explodiu dentro dele. Quem a tivesse atingido pagaria.

Foco, Rahia. Ele percebeu que eles estavam sentados em uma grande caverna e ouviu raptores conversando por perto. Muitos raptores. Ele não podia muito bem derrubá-los todos.

De repente, ele percebeu que suas armas haviam sumido. Carabina foi embora. Espingarda foi embora. Faca foi embora.

— Você está bem? — ele murmurou.

Ela assentiu. — Eu tenho me preocupado mais com você. O maldito raptor te derrubou completamente.

— Eu tenho uma cabeça muito dura.

Um leve sorriso cruzou seu rosto, e seu olhar caiu nos lábios dela. Porra, mesmo nas piores circunstâncias, olhar para a boca dela ainda o fazia pensar em sexo.

Manu olhou por cima do ombro. Um grupo de raptores estava sentado em volta de uma pequena fogueira, comendo. Ele viu um levantar uma perna de carne e rasgá-la com dentes afiados.

Examinando os arredores, ele viu que eles estavam em algum tipo de grande área aberta no subsolo. O teto era rochoso, mas as paredes estavam cobertas por algum tipo de concreto. Equipamentos pesados de mineração estavam estacionados ao lado, brilhando nas luzes vermelhas que os alienígenas haviam montado para iluminar os túneis.

— Precisamos sair daqui. — disse ele.

Ela assentiu, depois apontou.

Foi quando ele viu uma parede inteira cheia de caixas carregadas de minas terrestres. Exceto que essas bombas eram muito maiores do que as que estavam desativando até agora. *Porra, inferno.*

— Os pequenos foram um teste. — ele meditou.

Ela assentiu. — Eles estão planejando atacar o Enclave.

— Opções?

Sua boca deliciosa se moveu em uma linha plana. — Limitadas.

Ele olhou novamente para o grupo de raptores e viu que a única saída da sala era do outro lado deles. Kate estava certa. Eles só tinham opções de merda. Ele olhou para o rosto machucado dela.

— Precisamos detonar algumas das bombas.

Os olhos dela se arregalaram. — O que?

— Porque uma bagunça, e no caos, podemos escapar.

— Merda. — Ela passou a mão pelos cabelos emaranhados. Ele podia ver que ela estava pensando. — Merda.

Ele assentiu. — Eu sei que não é o melhor plano.

— É tudo o que temos. — Ela endireitou os ombros. — Nós vamos fazer isso funcionar. — Então ela se inclinou e o beijou. — Apenas não se mate. Isso realmente me irritaria.

— Eu realmente não quero te irritar. — Ele sorriu. — Acho que devo estar crescendo em você.

Ela sorriu. — Talvez.

— Vamos fazer isso.

Os raptores não estavam prestando atenção. Juntos, os dois se agacharam e se esgueiraram lentamente ao longo da

parede. Chegaram à primeira caixa de minas, e Manu enfiou a mão e puxou uma. Ele abriu o lado da bomba e a ativou. Perninhas desenrolaram, mexendo.

Ele entregou a ela e pegou outro.

— Pronta? — ele perguntou.

Ela respirou fundo, levantando a bomba. Ela assentiu.

— Três. Dois. Um. — Ambos jogaram as bombas na direção dos raptores.

Clunk. Clunk.

Pelo canto do olho, Manu viu um raptor pular de pé. Gritos estridentes ecoaram pela caverna. Então a primeira bomba explodiu.

Gritos e grunhidos encheram o ar e Manu agarrou o braço de Kate.

— Vá, vá! — ele insistiu.

Eles saltaram e correram, grudando perto da parede. De repente, veneno espalhou a parede de pedra logo atrás deles. Claramente, alguns raptores sobreviveram às explosões.

Um raptor pulou na frente deles. Manu deu um chute no alienígena. Ele agarrou os braços escamosos do raptor, balançando-o. Após uma rápida briga, Manu conseguiu arrancar a arma do alienígena. Ele girou e atirou a curta distância.

O raptor caiu para trás, mas houve mais gritos de alarme. Outro grupo de raptores corria na direção deles.

Ele levou um segundo para olhar para Kate. Ela estava lutando com outro raptor. Eles giraram em um círculo pesado e, um segundo depois, ela e seu oponente se chocaram contra uma pilha de caixas de minas terrestres.

— Kate! — Manu gritou.

As caixas caíram e as minas terrestres rolaram como bolas de boliche. Kate tentou ficar de pé, mas escorregou nas bombas. O raptor caiu com um grito.

Manu viu algumas das bombas piscarem, ativando.

Não. Ele correu em sua direção, pulando e evitando as bolas rolantes. Ele imaginou que estava de volta ao campo de rugby. Ela estava tombando quando ele a alcançou. Ele a pegou no colo, chutou o raptor na cara e pulou sobre a última das bombas.

Então ele apontou para o equipamento de mineração, pulmões queimando enquanto corria o mais rápido que podia.

O equipamento era velho e enferrujado, mas era feito de aço sólido. Ele esperava que o inferno fosse contra múltiplas explosões.

Ele pulou e eles voaram para o espaço entre o equipamento e a parede.

Eles pousaram duro, ambos grunhindo. Uma enorme explosão rasgou a caverna atrás deles.

Manu rolou em cima de Kate para protegê-la. Choveu sobre eles, e os detritos emitiam sons altos, ecoando nas máquinas de metal. Mais explosões se seguiram, sacudindo o chão.

Ele sentiu algo bater em sua perna protética. Os receptores de dor queimaram e ele estremeceu. Então tudo ficou quieto.

— OK? — Kate sussurrou.

— Sim. Algo atingiu minha perna protética, mas estou bem. Vamos embora enquanto podemos.

Ele saiu dela e eles pularam. Ele agarrou a mão dela e eles deslizaram por trás do equipamento.

Mas a sorte não estava do lado deles.

O intestino de Manu ficou sólido. Vários raptores agredidos e cobertos de sangue estavam com armas apontadas para eles. O raptor principal, seu bandoleiro rasgado e pendurado nele, estava entre eles, com os olhos ardendo de fúria.

Manu apertou ainda mais Kate. *Foda-se* .

CAPITULO TREZE

Kate gemeu e rolou. Deus, seu corpo doía. Até os dentes doíam.

Ela levantou a cabeça e olhou turvamente ao redor do espaço. Por perto, ela podia ouvir os grunhidos de raptores conversando.

Droga. Onde estava Manu? Ela virou a cabeça e seu peito ficou apertado.

Ele estava pendurado em correntes amarradas sobre o equipamento de mineração. Seus braços estavam torcidos acima da cabeça e o queixo estava apoiado no peito. Sua armadura havia sumido e sua camisa estava rasgada e ensanguentada.

Ele estava vivo? O terror a encheu. Ela nunca havia sentido essa emoção desesperada e dolorida antes. Ela ficou de joelhos e finalmente reconheceu a verdadeira profundidade de seus sentimentos por esse homem. Aconteceu rápido, era muito cedo, mas era real.

Silenciosamente, ela se arrastou até ele, tentando não atrair nenhuma atenção. Eles se foram por muito tempo agora, então ela tinha certeza de que os esquadrões estariam a caminho.

Se os esquadrões conseguissem atravessar o labirinto de túneis de mineração.

Ela tocou uma das pernas de Manu. — Manu?

Ela viu que a perna protética estava danificada. Suas calças estavam rasgadas, expondo o membro danificado. Provavelmente das explosões anteriores. Ela também viu outra coisa.

Escamas apareceram em sua perna, o mesmo que aconteceu com Kendra. *Que diabos?*

De repente, o corpo de Manu estremeceu e o alívio a inundou. Ele estava vivo. Seu coração disparou em sua garganta quando ela se levantou. Ela estendeu a mão e segurou sua mandíbula.

— Manu?

— Kate — Sua voz era seca e rouca.

— Você está bem?

— Certo. — Ele levantou a cabeça, olhando em volta. Ele testou suas restrições. — Não consigo sair.

Agora, Kate examinou a caverna. Eles precisavam de uma maneira de sair daqui. Mas tudo que ela podia ver eram mais caixas daquelas malditas minas terrestres. Nenhuma outra arma à vista.

— Kate ...

Ela virou o olhar para encontrar o dele. — Eu vou ...

— Saia daqui.

Os olhos dela se arregalaram. — E deixar você aqui? — Suas palavras eram um sussurro louco.

— Sim.

Ignorando-o, ela viu uma caixa vazia. Ela cutucou na frente dele.

— Saia e avise o Enclave. — continuou ele.

— Eles já sabem que algo deu errado. Já nos afastamos há mais de trinta minutos.

— Eu não quero que meus irmãos entrem neste grupo.

— Estamos saindo daqui. — disse ela severamente. Ela levantou-se na caixa e verificou as correntes. Eles estavam cara a cara.

— Eu também não quero você aqui. Saia, Kate.

Ela olhou nos olhos castanhos aveludados, calor no peito. — Não. Estou. Saindo. Sem. Você. — Ela brincou com as correntes.

Ele soltou um suspiro. — Bem. Tem uma faca na minha bota.

Claro que havia. O fodão Manu Rahia não iria a lugar nenhum sem uma arma de reserva. Ela se agachou, encontrou a fenda escondida na lateral da bota e arrancou a faca.

Quando ela se levantou, ela levou um segundo para pressionar seus lábios nos dele. — Por um segundo, pensei que você estivesse morto.

Os olhos dele brilharam. — Kate.

— Manu, eu ... — Ela tentou colocar algumas palavras em suas emoções, mas caramba, ela não era boa nisso.

Ele sorriu. — Eu sei.

Ela assentiu. Agora não era hora de conversar, mas esperava que eles tivessem a chance mais tarde. Ela levantou a faca e tentou abrir a fechadura das correntes.

Uma risada gutural soou atrás dela e ela rapidamente girou.

Vários raptores se espalharam, observando-os. *Droga.* O desespero tomou conta dela.

Quando olhou para trás, viu que o rosto de Manu estava duro.

O raptor principal, bandoleira agora consertada, deu um passo à frente. — Quero saber a maneira mais fácil de colocar minhas armas na sua base.

Kate se endireitou. — Dane-se.

Ele se aproximou e, com ela de pé no caixote, eles estavam quase cara a cara. — Os seres humanos são tão teimosos.

Ela levantou o queixo. — Sim.

Sua mão brilhou e ele a socou no estômago. A dor explodiu e ela se dobrou.

Atrás dela, ela ouviu as correntes de Manu chocalharem.

— Não toque nela, porra. — Manu resmungou.

Kate respirou através da dor. — Apenas nos mate. Não há como nós entregarmos o nosso povo.

O raptor lançou um sorriso feio para ela. — Temos maneiras de fazer as pessoas falarem.

Ela engasgou uma risada. — Isso nunca vai acontecer.

O raptor agarrou a frente da blusa, empurrando-a na ponta dos pés. — Vamos ver quanto *ele* pode aguentar.

Ela olhou. — Ele nunca vai quebrar. Ele é mais forte que todos nós.

Um sorriso feio se desenrolou no rosto do raptor. Ela ficou rígida, seu estômago revirando.

— Vamos ver o quanto ele pode suportar assistindo o que fazemos com você antes que ele quebre.

Manu emitiu um som sufocado e rosnado, e Kate sentiu o gelo deslizar por suas veias.

***

O pânico era uma queimadura feia no intestino de Manu.

Ele viu um raptor arrastar uma cadeira na frente dele. Estava espancada e parecia ter sobrado de quando a mina estava em operação.

Outro raptor puxou Kate pelos cabelos e a arrastou para a cadeira. Ele a empurrou para isso. Ela ficou em silêncio, desafiando, enquanto a amarravam à cadeira.

Tão forte, a mulher dele. Tão perfeita.

— Vamos lá, então. — ela resmungou. — Bata em mim.

— Kate. — Manu advertiu.

Seus olhos azuis estavam brilhando. — Eu aguento. Não lhes dê nada.

Manu rangeu os dentes.

O raptor conversou com outro, e um segundo depois, um terceiro raptor se aproximou. Ele estava carregando uma pequena caixa preta.

Ele caminhou até Kate, e seu olhar caiu na caixa.

O raptor se inclinou e abriu a tampa.

Manu esticou o pescoço e viu um pequeno dispositivo prateado aninhado no centro da caixa. Parecia longo e magro, mas ele estava muito longe para ver claramente.

— Você pode seguir em frente? — Kate disse, a voz entediada.

O raptor levantou o dispositivo. — Chamamos isso de *baraa.*

Kate não disse nada, mas engoliu em seco. O raptor estendeu a palma da mão escamosa e Manu viu a coisa mexer.

— Ele entrará no seu corpo pelo nariz. — disse o raptor.

Foda-se. Manu testou as correntes novamente, mas elas eram fortes demais.

— Ele abrirá caminho para o seu cérebro e para o seu tecido cerebral.

Kate levantou o queixo mais uma polegada.

— Então você estará muito disposta a compartilhar o que sabe. Essa coisinha destruirá áreas do seu cérebro que regulam seu autocontrole.

Ela bateu contra a cadeira e Manu queria ficar doente. Então, ele queria bater a cabeça do raptor na parede.

O raptor se inclinou, aproximando a pequena criatura do rosto de Kate. Ele colocou na bochecha dela e ela mexeu. Ela se debateu novamente.

— Segure-a. — ordenou o raptor principal.

Dois soldados raptores se aproximaram, prendendo-a na cadeira.

— Deixe-a em paz — Manu latiu.

O líder olhou em sua direção. — Você compartilhará todas as entradas da sua base? E detalhes de segurança?

— Manu, não! — Kate gritou.

Deus, tantas pessoas inocentes estavam no Enclave - mulheres, crianças, sobreviventes feridos. Seu olhar caiu em Kate. A mulher que o combinava passo a passo. A mulher que ele queria para si.

Ele rugiu sua frustração, sacudindo suas correntes.

O raptor voltou-se para Kate e viu seu pequeno dispositivo mexer no nariz de Kate.

— Receio que, após o *baraa* terminar, seja impossível extrair. — acrescentou o líder.

Ela estremeceu, os olhos arregalados.

— Isso vai liquefazer seu cérebro.

Foda-se, não. Manu sentiu uma sensação de poder Berseker através dele. De jeito nenhum ele deixaria sua mulher ser morta diante de seus olhos.

Usando sua força, ele levantou as pernas até o peito. O raptor por perto ficou tenso, mas Manu o chutou, derrubando-o em outro raptor.

Rápido, Manu enrolou e levantou as pernas até o fim, esmagando sua prótese contra as correntes acima da cabeça.

Nada aconteceu. Ele levantou a perna esquerda novamente, usando toda sua força para bater a liga de titânio de alta tecnologia contra as correntes.

Uma corrente quebrou e seu corpo caiu. Uma de suas mãos estava livre.

O raptor principal gritou alguma coisa e Manu imaginou que havia ordens para detê-lo. *Hoje não, imbecil.*

Um raptor o apressou e Manu expulsou novamente. O raptor cambaleou. Manu levantou a perna mais uma vez e bateu na outra corrente.

Ele se abriu e ele caiu no chão agachado. *Livre*.

Os raptores correram para ele, mas sua fúria era ardente, inundando-o de adrenalina. Ele estava indo para salvar a porra da sua mulher.

Enfurecido, ele pegou uma das correntes e saiu com ela. Um raptor caiu sob o balanço vicioso. Manu deu um soco e chutou. Ele se

abaixou e desviou dos golpes. Sua prótese estava seriamente danificada e seu equilíbrio estava inoperante, mas ele ficou de pé e continuou lutando.

Ele deu um soco no peito de outro raptor. O alienígena largou a arma e, rapidamente, Manu a pegou.

Ele girou, abrindo fogo. Veneno pulverizado por toda parte.

Ele observou o raptor principal se afastar, alguns de seus homens o cobrindo. Manu continuou atirando, avançando para alcançar Kate.

Ele alcançou a cadeira dela e, com a arma ainda levantada, ele usou a bota para bater nas cordas que a prendiam.

Ela se levantou e pegou outra arma descartada do chão.

Juntos, eles começaram a atirar e andar para trás.

— Túnel. — ele gritou.

Ela assentiu. Eles mantiveram um spray constante de veneno, impedindo que os raptores se aproximassem.

Então eles se viraram e correram para o túnel.

CAPITULO QUATORZE

Adrenalina carregou nas veias de Kate enquanto elas passavam pelos túneis escuros. As luzes vermelhas próximas ao teto ainda forneciam alguma iluminação, mas estavam mais afastadas, deixando grandes manchas de escuridão.

Seu corpo palpitava de dor, mas então sentiu uma pontada aguda no nariz. Merda, ela tinha esquecido o *baraa.*

Ela tropeçou até parar. — Manu.

Ele parou. — Nós temos que ...

— Coloque para fora. — Ela beliscou o nariz. — Tire essa maldita coisa de mim.

Ele amaldiçoou e inclinou o rosto para cima. — Eu posso ver o fim disso. — Ele aproximou os dedos da narina e juntou-os.

Ele deve ter sido capaz de agarrar o final, porque ela sentiu que se contorcia. *Ugh*. Seu estômago revirou. A coisa maldita estava quase totalmente dentro de seu nariz.

O pânico aumentou e a bile subiu na garganta. — Coloque para fora.

Com um aceno de cabeça, ele começou a puxar. A coisa revidou. A picada se transformou em dor ardente, e lágrimas caíram por suas bochechas. *Oh Deus. Não fique doente, Kate.*

Manu hesitou.

— Faça — ela murmurou. — Eu quero isso. — Sua pele estava arrepiada e ela estava terrivelmente consciente de que os raptores poderiam encontrá-los a qualquer momento.

Manu voltou a puxar. Kate mordeu o lábio. Parecia que havia um pó quente no nariz. Ela provou sangue.

E de repente, com uma última ponta de dor, Manu puxou a coisa livre. Ele estava se contorcendo descontroladamente, e ele o deixou cair no chão de terra. Com um grande golpe de sua bota, ela se foi.

Kate sentiu uma gota de sangue do nariz e golpeou com a junta dos dedos.

— Baby — Manu segurou sua mandíbula.

— Estou bem. — Ela o abraçou com força. Ela precisava da força dele. — Obrigado.

— Temos que seguir em frente. — A mão dele emaranhou seus cabelos. — Eles estarão nos procurando.

Ela assentiu.

Eles continuaram se movendo, silenciosos e cautelosos, com as armas prontas. Kate notou a marcha irregular de Manu e percebeu que ele estava mancando muito. Mas o rosto dele estava decidido e resoluto, então ela não falou.

— Alguma idéia de onde estamos? — ela perguntou.

— Nenhuma pista.

Eles continuaram andando, esperando, contra a esperança, aumentar a distância entre eles e os raptores, com apenas a sinistra luz vermelha iluminando seu caminho. Ela procurou por qualquer túnel que parecesse familiar, mas tudo parecia o mesmo. Eles viajaram por um túnel escuro, apenas para chegar a uma área onde sujeira e rocha enchiam a passagem. O túnel estava parcialmente desabado.

— Droga. — Manu agarrou seu braço e puxou-a de volta do jeito que eles vieram.

Eles viraram outra esquina.

— As chances de encontrar o túnel que usamos para chegar aqui são pequenas. — disse ela. — Precisamos apenas encontrar um caminho para a superfície. De qualquer forma.

Ele assentiu.

Ela notou que o coxo estava piorando. — Você está bem? Parece que sua prótese está danificada.

— Vai aguentar. — disse ele sombriamente. — Continue.

Mas o ritmo deles estava ficando cada vez mais lento. Kate tinha certeza de que estavam indo para outra briga sobre ela deixá-lo para trás.

Ela não o estava deixando. *Nunca.*

Eles estavam andando por outro túnel escuro, quando um som estranho ecoou pelo labirinto atrás deles, fazendo com que ambos parassem. Eles olharam para trás, olhando para a escuridão.

Latidos de animais excitados ressoaram pelo túnel, seguidos por um uivo longo e prolongado que fez os pelos da nuca se arrepiarem.

— Porra. — Manu olhou para as botas, apertando as mãos na arma de raptor. — Eles colocaram canídeos em nós.

Ela sabia que os cães de caça alienígenas eram cruéis. — Vamos seguir em frente.

Feliz por sua arma, mesmo que ela odiasse a sensação escamosa dela, ela a ergueu mais alto enquanto eles caminhavam pelo túnel. Certamente estava na hora de eles darem um tempo.

Mas então algo apareceu da escuridão, enviando sua esperança em espiral para baixo.

Um muro de pedra.

Era um beco sem saída.

— Droga. — Aparentemente, Lady Luck decidiu brincar com eles hoje. Kate se virou, os sons dos canídeos ficando mais altos.

— Vamos ter que tomar uma posição aqui. — disse Manu.

Eles estavam presos em um beco sem saída, sem cobertura, e apenas duas armas alienígenas entre eles. A garganta dela ardia.

— Kate. — Ele a puxou para perto.

Os dedos dela apertaram os braços dele. — Eu sei. — ela sussurrou.

Eles compartilharam um momento de silêncio, o ar entre eles carregado. Era realmente injusto que ela conheceu um homem que era perfeito para ela - que ela não o assustou ou intimidou, que a fez acender e derreter, que olhou para ela como se ela fosse a coisa mais linda que ele já viu - apenas para que eles morrerem neste lugar horrível, escuro e empoeirado.

— Eu tenho algumas granadas. — disse ele.

As sobrancelhas dela se ergueram. — Os raptores não as pegaram?

Seus dentes estavam brancos na escuridão. — Eles estavam escondidos no meu kit de primeiros socorros. Eu os fiz parecer rolos de bandagens.

Ela conseguiu sorrir. — Sorrateiro.

Ele se inclinou pesadamente contra a parede enquanto pescava as granadas. — Eu tenho um óleo de cedro que os canídeos não gostam e um novo cineol que a equipe de tecnologia ainda está testando. Além de algumas granadas regulares de fragmentos.

Enquanto ele falava, ela olhou para aquelas escamas feias que cobriam sua prótese. Parecia que eles estavam mastigando o metal de alta tecnologia.

Deus, se sua prótese quebrasse antes que saíssem daqui, ele não seria capaz de andar. Sem a armadura, ela não seria capaz de carregá-lo.

— Coloque dois deles perto da entrada. — disse ele.

Ela assentiu, pegando as granadas e desceu o túnel. Ela se agachou, colocando-os cuidadosamente.

De volta ao seu lado, eles ficaram de pé, ombro a ombro, e ambos ergueram suas armas.

Um rosnado profundo retumbou na escuridão.

Seus nervos se esticaram. O cachorro alienígena estava perto. Ela apertou a arma, mantendo as mãos firmes.

Então o primeiro canídeo escapou da escuridão.

***

Manu obserbou o cão de caça alienígena avançar.

Bastardo feio. O alienígena canino tinha pele grossa e dura, pontas afiadas nas costas e baba pingando as presas nas mandíbulas.

A primeira granada explodiu com um *estrondo,* explodindo o canídeo.

Mas antes que eles pudessem comemorar, mais canídeos invadiram o túnel. A segunda granada - a de óleo de cedro - disparou. Gritos de dor ecoaram nas paredes.

Manu começou a atirar, um sorriso sombrio no rosto. Kate abriu fogo ao mesmo tempo. Ele e Kate poderiam estar encurralados, mas não cairiam facilmente.

O veneno espalhou-se pelas paredes e pelo chão, chiando e canídeos uivando de dor e raiva.

Atrás dos cães, enormes formas de raptor se formaram na escuridão.

O veneno pulverizou nas proximidades, e Manu se esquivou de Kate. Ela mal se encolheu, ainda retornando fogo. Mais veneno atingiu o chão, e ele sentiu alguns atingirem sua prótese.

Um segundo depois, sua perna saiu debaixo dele.

Ele caiu de joelhos. Porra, sua prótese estava arruinada.

De repente, projéteis de ossos atingiram a parede acima de sua cabeça. *Thump. Thump. Thump.*

— Kate, atirador!

Ela se abaixou, ainda atirando.

— Kate — Ele puxou sua última granada - a cineol experimental - do cinto. — Eu vou criar uma diversão e você sai.

Ela olhou para a granada. — O que?

— Saia.

Ela balançou a cabeça. — Não.

— Eu te amo. Quero você fora e a salvo.

Os olhos dela se arregalaram. — Não vou embora, Rahia. — Ela se virou para jogar mais fogo nos raptores. — Tenho certeza de que também estou apaixonada por você.

Ela parecia chateada. Dor doce e satisfação selvagem o encheram. — Baby.

Mais projéteis de osso zuniram no ar e eles se abaixaram.

— Você me ilumina. — disse ela com raiva. — Antes de você, eu estava existindo, não vivendo. Você me deu cor, vida. Você me fez *sentir*.

— Kate. — Ela o estava cortando por dentro.

— Você me deu um motivo para lutar, Manu. Uma razão para sobreviver e viver.

Ela atirou de novo e ele o seguiu com vários tiros.

— Estamos saindo daqui. — ela retrucou. — Entendido?

Ele olhou para o túnel e a onda de raptores se aproximando. Kate amaldiçoou, e Manu sentiu como se uma pedra tivesse caído em seu intestino.

— Nós dois saímos .... — disse ela — Ou nós dois caímos brigando.

Deus, ela era uma mulher infernal. — Eu amo você baby.

— E eu te amo de volta, seu macho alfa teimoso.

Eles continuaram atirando, o túnel maduro com o cheiro de veneno e carne ardentes. Um momento depois, a arma alienígena de Manu clicou vazia. *Droga*. Ele deixou cair.

Kate se aproximou dele, ainda disparando. Porra, ele odiava se sentir impotente. A última vez que se sentiu assim foi quando perdeu a perna. Quando ele estava gritando de agonia e incapaz de se mover.

Os raptores estavam tentando tomar o maldito planeta. Eles pegaram a perna dele e agora estavam tentando tirar a única mulher que significava tudo para ele.

De repente, Kate se afastou. Ele olhou para cima e o fundo caiu do estômago ao ver um projétil de osso alojado no ombro dela.

— Kate!

Outra salva de projéteis. Dor cortou seu intestino. Sombriamente, ele viu um raio de osso atravessar seu estômago.

Ele se abaixou e arrancou. Ele fez uma careta e tentou ignorar a agonia.

O corpo de Kate saltou para o lado e ele viu que ela havia sido atingida novamente. Ela caiu no chão de terra com um grito.

Ele estendeu a mão para ela, desamparo sufocando-o. *Foda-se, não.* Não ia terminar assim.

***

Kate tentou bloquear a dor dos projéteis enterrados no ombro e na lateral. Ela podia sentir o sangue encharcando sua blusa e sabia que era ruim.

Ela também sentiu qualquer energia restante escorrendo dela. Ela se arrastou até Manu e agarrou a mão dele.

Ela sentiu o último dos raptores se aproximando, mas os ignorou também.

Tudo o que ela podia ver era Manu. Seu rosto estava coberto de sangue e sujeira, mas ele sorriu para ela.

— Você é minha mulher perfeita.

Ela riu. — Eu também te amo, Manu.

Ele levantou mais uma granada.

— Pensei que você estivesse fora.

— Velho hábito. Sempre salve um. Pronta para derrubar o último desses otários?

— Isso aí.

Manu arremessou a granada e os dois se abaixaram. Ele explodiu com um estrondo ensurdecedor, seguido por grunhidos e gemidos de raptor. Uma névoa encheu o pequeno túnel e cheirava a eucalipto.

Os gritos dos raptores aumentaram. Ela levantou a cabeça e viu vários alienígenas agarrando suas cabeças, sangue escorrendo de seus narizes, olhos e bocas. *Santo inferno.*

Mas uma nova onda de raptores saltou sobre os feridos. Um cobrou em direção a eles fora da névoa. Ele agarrou Kate e a arrastou do chão. Ela o chutou, mandando-o tropeçar na parede de pedra. Kate agarrou o projétil de osso preso em seu ombro e o arrancou. A dor era horrível, fazendo seus olhos lacrimejarem. Mas ela rangeu os dentes e respirou através dele. Quando o raptor levantou os olhos com um grunhido, ela esfaqueou o projétil pelo olho dele.

Ele soltou um grito. Ele a soltou e largou a arma.

Excelente. Quando ela caiu de joelhos, Manu pegou a arma. Ele mirou e atirou nos outros raptores.

Depois de alguns instantes, não mais alienígenas emergiram da fumaça que se dissipava. Sua respiração engatou. Eles realmente venceram todos eles?

Incapaz de se manter de pé por mais tempo, ela caiu no chão.

— Merda. — Manu disse, desmoronando ao lado dela. Ele a puxou para mais perto e caiu contra a parede.

— O que? — Ela descansou a cabeça no peito dele.

— Acho que vou desmaiar.

Ela agarrou a mão dele. — Você não pode. Eu não posso carregar você.

Ele amaldiçoou novamente. — Porra. Isso não vai impedir você de tentar, não é?

Desta vez, ela lançou um sorriso.

Ela o arrastaria para fora daqui como um homem das cavernas, se fosse necessário. Mas então, ela ouviu um grito à distância, o som ecoando pelo túnel. O coração dela caiu. Era no idioma raptor.

Mais raptors estavam chegando, e ela sabia que Manu não poderia suportar outra rodada. Ela apertou a mão dele, e eles ficaram ali em silêncio.

Quando o primeiro raptor apareceu na entrada do túnel, uma calma entorpecente deslizou sobre Kate. Ela estava com Manu e era isso que importava para ela. Mais raptores apareceram, todos carregando suas armas.

Era isso.

Kate respirou fundo.

De repente, o chão embaixo deles começou a vibrar. A sujeira escorria do telhado. Os raptores olharam para cima, confusos.

— Que diabos? — Kate murmurou.

Com uma violenta explosão de rocha, a parede à esquerda explodiu para o exterior. Kate ofegou quando a ponta metálica de uma

grande broca atravessou a rocha. Um enorme equipamento de mineração chocalhou no túnel, colidindo com os raptores.

Ela piscou, incapaz de acreditar em seus olhos. Hemi e Tane estavam atrás dos controles.

— Woo-hoo! — Hemi chamou.

Eles continuaram descendo o túnel, colidindo com mais Raptors. Do novo buraco atrás da broca, os Bersekers saíram correndo - Levi, Ash, Dom e Griff. Um laser verde iluminou o túnel.

Não demorou muito tempo para eles abater os raptores restantes.

— Porra. — Griff correu em direção a Manu e Kate. Ele caiu ao lado deles e depois arrancou algo do cinto. Ele pressionou uma gaze amassada no ombro de Kate, pressionando seu ferimento.

Dom apareceu e começou a trabalhar em Manu.

— Como está indo, Capitã? — Griff perguntou.

— É Kate. — Ela olhou para o rosto duro, mas bonito.

— Como você está, Kate?

— Eu tive dias melhores.

Agora ela tinha um leve sorriso. — Voltaremos ao Enclave antes que você perceba.

— Como você nos encontrou?

— Estávamos pesquisando nos túneis há um tempo quando ouvimos a comoção. Colocamos em funcionamento um dos mini drones do esquadrão nerd e seguimos de lá.

— Que bagunça maldita. — veio uma voz profunda e grave.

Kate olhou para cima. Marcus Steele e o resto do Hell Squad também estavam saindo do túnel recém-perfurado.

O franco-atirador do Hell Squad, Shaw, franziu o cenho, com o rifle de franco-atirador pressionado contra o ombro. — Bem, inferno. Como é que ninguém nos deixou raptores para matar?

Griff deu um tapinha no braço de Kate, chamando sua atenção de volta para ele. Seu rosto estava duro e preocupado. — Você estará na enfermaria em um piscar de olhos.

— Não sou fã de médicos, então você não está me fazendo sentir melhor. — Ela engoliu em seco. — Como está Manu? — Griff estava bloqueando sua visão.

— Esse cara durão vai ficar bem.

Mas ela viu Griff olhar para Tane, que estava por perto. O líder do Esquadrão Três não parecia feliz. Seu rosto estava vazio, sua boca apertada.

Então a voz quase sem sotaque de Dom cortou o ar. — Manu? Ei, fique conosco, meu homem.

— Manu — Kate tentou se sentar.

Griff colocou a mão no peito e a segurou. — Fique quieta, Kate. Precisamos parar seu sangramento.

— Manu…

— Ele desmaiou, mas está respirando.

— Merda, o que há de errado com a perna dele? — Hemi mordeu.

Kate conseguiu afastar Griff e dar uma olhada em Manu.

Ela ofegou. As escamas alienígenas haviam se multiplicado e cobriam a maior parte do que restava de sua prótese. Eles apenas começaram a rastejar pela pele de sua coxa.

— Vamos levá-los para a enfermaria. — ordenou Tane. — Agora!

CAPITULO QUINZE

GRIFF

Griff passou pela porta reforçada, empurrando a maca iono para dentro do Enclave. *Obrigado, porra.* Ele odiava estar ao ar livre com pessoas feridas.

Seus companheiros de esquadrão o seguiram, todos cobertos de sujeira, suor e porcaria. Hell Squad ficou para trás para limpar os túneis de minas de qualquer alienígena restante. Eles tinham ordens para selar a mina vizinha de qualquer maneira possível. Griff estava certo de que isso envolveria explosivos. Ele suspeitava que Hemi teria gostado de ajudar a fazer essa bagunça, mas o cara estava claramente preocupado com o irmão.

Griff se inclinou sobre a maca, seu olhar caindo em Manu e Kate. Ela se recusou a pegar sua própria maca. Manu estava inconsciente e Kate estava em volta dele. Ela estava sussurrando sem parar para ele durante toda a viagem de volta.

Era estranho ver a Capitã Kate Scott difícil e sem sentido claramente de cabeça para o irmão Rahia mais velho. Ele a considerou como uma pessoa fria, mas vê-la com Manu deixou claro que ela não era.

Embora Manu estivesse inconsciente, o homem sabia que sua mulher estava com ele. Ele tinha um braço forte em volta dela, e ele a segurou durante toda a viagem de volta.

Eles eram um para o outro. Até Griff, que tinha a sua fé em mulheres e relacionamentos despedaçados em pedaços irregulares há muito tempo, podia ver esses dois se encaixar.

Kate não tinha deixado Manu. Griff olhou para a perna mutilada de Manu. Ele teria pedido para ela ir e encontrar uma saída. Griff conhecia bem o amigo, e Manu gostaria que Kate saísse de lá.

Mas ela ficou. Ela lutou ao lado dele.

Ao contrário da ex-noiva infiel de Griff.

Ele balançou sua cabeça. Agora não era hora de pensar em Amelia.

— Você vai ficar bem, Manu. — Kate murmurou. — Estamos de volta ao Enclave.

Os dedos de Griff apertaram a maca.

— Você trouxe cor para a minha vida. — Ela pressionou o lado de Manu. — Você me trouxe à vida. Não vou deixar você ir.

Merda. Griff sentiu a concha dura em torno de seu coração quebrar um pouco.

Adiante, ele ouviu passos correndo. Doc Emerson e sua equipe apareceram. Logo atrás deles havia outra mulher correndo rápido com pernas longas, seu rabo de cavalo escuro voando atrás dela. Indy.

O estômago de Griff se apertou. Ele sempre sentia essa sensação sempre que a via. Ele nem conseguia se lembrar de quando tudo começou.

Ele cresceu com Indy Bennett. Suas famílias eram amigas íntimas e, uma vez, seu irmão Gareth tinha sido seu melhor amigo. Seu irmão.

Por tantos anos, Indy tinha sido a irmã mais nova de Gareth. No começo, fofa, depois irritante e de boca alta. Então ela alcançou a adolescência.

Ela sempre foi linda, mas com cerca de dezesseis anos, começou a flertar e se jogar em Griff. *Inferno*. Ele a segurou com bastante

sucesso até os dezoito anos. Ele estava em casa de licença da Academia de Polícia com Gareth.

Em uma festa, ela o encurralou e o beijou muito. Os dedos dele se apertaram. Porra, ele a queria.

Mas ela era muito jovem e selvagem e, mais importante, tinha sido a irmã mais nova de seu melhor amigo. Além disso, ele se concentrara em sua carreira, passando na Academia e trabalhando duro em seu sonho de ser um policial como seu pai.

Para fazer Indy recuar, ele foi duro com ela. Ele a machucou.

Suas palavras cruéis sobre ela ser como uma irmãzinha para ele, e que ele nunca a veria como uma mulher desejável haviam parado as tentativas de sedução. Então ela começou a evitá-lo como uma praga.

Ela também ficou ainda mais selvagem. Ela sempre foi animada, mas nos anos seguintes, nas poucas vezes em que a viu, soube que ela tinha ficado com tinta, estava festejando muito e tinha um desfile de namorados, desde motociclistas a músicos.

Um músculo pulsou em sua mandíbula. Mas ele nunca parou de pensar nela. Inferno, mesmo quando ele estava noivo de Amelia, ele ainda tinha pensamentos menos do que puros sobre Indy Bennett.

Quando ele foi preso, ela tinha sido uma das poucas pessoas a vê-lo na prisão. Ele se recusou a vê-la.

O peito dele se apertou. Após a invasão alienígena e sua fuga da prisão Supermax, ele lamentou sua família e lamentou Indy também. Ele acordava no meio da noite, pensando nela.

Então ele chegou à Mountain Blue Base e a viu entre os sobreviventes. Viva e mais linda do que nunca.

Indy sempre foi a cor em sua vida.

— Como eles estão? — Ela olhou ansiosamente para a maca, a preocupação gravada em seu rosto.

— Eles derrubaram um bando de raptores. Eles estão agredidos, mas duros como o inferno, os dois.

Ela olhou para ele e assentiu. Então seu olhar passou por ele para o resto do esquadrão. Seus colegas Bersekers sorriram.

— Ei, querida. — Hemi deu um tapa na bunda dela quando ele passou.

— Neandertal. — ela gritou, sem calor na palavra. — Todo mundo inteiro? Nada quebrado ou sangrando?

Ela não olhou para Griff. Mais uma vez, ela o estava ignorando.

Indy dava vida a um quarto, e ele estava cansado dela fingindo que não existia.

— Você planeja beijar minhas feridas para elas ficarem melhores? — Levi perguntou com uma piscadela.

Ela bateu no homem tatuado no ombro. — Chrissy me bateria na cabeça com sua chave, grandalhão. Então ela viria atrás de você.

Enquanto os outros seguiam pelo corredor, Indy seguiu-os. Griff viu as linhas apertadas entre sua boca. Ela ainda estava preocupada. Ele agarrou o braço dela, passando a mão pelas tatuagens de rosas brilhantes em sua pele.

— Manu e Kate vão ficar bem. — disse ele.

Ela assentiu. — É difícil ouvir as brigas pelas comunicações e não saber se vocês voltarão inteiros.

De jeito nenhum ele seria capaz de se sentar atrás de uma mesa e ouvir a luta. Ele sempre foi um cara que preferia uma ação, um homem que acreditava na lei e fazia o que precisava para protegê-la. Ele

sempre pensou que o certo batia o errado, o bem batia o mal. Mas a vida havia lhe ensinado que nem sempre esse era o caso, quando sentiu e viu aquela enorme traição, seguida pela maldita invasão alienígena.

Sem pensar, ele puxou Indy para um abraço. Ela ficou quieta, depois enrijeceu e tentou se afastar.

Mas Griff não queria nenhuma distância entre eles e a segurou no lugar. Ela era uma mão cheia, cheia de curvas e cheirava como ela tinha anos atrás - a coco.

— Deixe-me ir. — disse ela.

— Você está sempre me evitando.

— Não, eu não estou. Vejo você todos os dias.

— Você olha através de mim. Você só olha para mim quando está rebentando minhas bolas.

Ela olhou para ele. — Suas bolas estão a salvo de mim, Griff.

Alguma mistura indefinida de emoção rugiu através dele com as palavras dela, e ele a apoiou contra a parede.

Os olhos cinza dela se estreitaram no rosto dele. — Recue.

— Acho que é hora de falarmos sobre nós.

— Nós? — Suas sobrancelhas escuras se ergueram. — Não existe nós.

— Vamos falar sobre por que você me evita há anos.

— Ah, você estava na prisão, Griff.

— Antes disso. — ele rosnou. Ele não queria lembrar os anos que passara naquele buraco do inferno.

— Nós crescemos. Você se tornou policial e foi embora.

— Indy ...

— Eu não estou fazendo isso. — Ela empurrou para ele.

Ele agarrou seus pulsos, mas ela puxou um livre e, rápido como uma cobra, ela bateu a palma da mão aberta no nariz dele.

— Droga. — Ele cambaleou para trás, verificando se ela não tinha quebrado o nariz dele.

— Você me ensinou esse movimento de autodefesa, lembra? Para que eu pudesse lidar com caras insistentes que não aceitariam o não como resposta.

— Eu não vou te machucar. Eu só quero conversar. — Ele olhou para ela.

— Não temos nada para conversar.

— Nós vamos conversar, Indy.

Com um brilho quente o suficiente para derreter a pele dele, ela saiu correndo pelo corredor.

Griff ficou onde estava, observando o balanço de sua bunda sob seu jeans apertado. Ela estava lutando com ele, mas ele era policial há muito tempo. Ele era bom em ler pessoas. Ele viu o brilho de pânico nos olhos dela quando disse que eles conversariam.

Ele pensou nas palavras de Kate para Manu. Que ele trouxe cor à vida dela.

Griff vinha ignorando os tons de cinza ao seu redor há muito tempo. A vida o derrubou, mas agora ele estava finalmente pronto para arriscar tudo para recuperar a cor do mundo.

Para levar Indy de volta ao mundo dele.

***

Kate acordou com um sinal sonoro constante e o cheiro de anti-séptico. E, felizmente, sem dor.

Ela rolou, olhou para o teto e piscou. Ela estava na enfermaria. Ela tocou seu ombro e sentiu a pele macia, nenhum sinal de suas feridas. Sem dúvida, ela tinha uma dose de nanomeds para agradecer por isso.

Ela virou a cabeça e olhou para Manu deitada na cama ao lado dela.

Seu peito se apertou e ela se sentou. Seus olhos estavam fechados e ele estava deitado tão malditamente quieto.

Ela estendeu a mão e puxou uma pequena almofada pegajosa de monitoramento do peito, depois passou as pernas para o lado da cama. Ela usava uma camisola estúpida do hospital e estava nua por baixo.

Cuidadosamente, ela apertou os pés no chão e esperou. Não houve tonturas. Ela cruzou os poucos metros até a cama de Manu e se arrastou com ele.

Enrolando-se em seu corpo, ela apertou o nariz na garganta dele e o respirou. Ele estava tão quieto, mas sua pele estava quente, e quando ela pressionou a palma da mão em seu peito nu, sentiu a batida constante de seu coração.

Ela olhou para baixo e viu que o cobertor no lado inferior esquerdo estava achatado. Seu coração se alojou na garganta. A perna protética dele tinha sumido e, se ela não estivesse enganada, um pouco mais da coxa dele havia sido amputada. Ela acariciou seu peito. Mais uma vez, ele tinha que enfrentar as dificuldades da reabilitação. Ela o abraçou

com mais força. Desta vez, ela estaria ao lado dele a cada minuto. Ela iria lá fora e encontraria uma nova prótese para ele, se fosse necessário.

— A-aham.

Kate levantou a cabeça e viu Emerson em pé no final da cama, parecendo partes iguais irritadas e divertidas.

— Nós desaprovamos o compartilhamento de camas nesta enfermaria. — disse a médica.

Kate não se mexeu. — Você terá que me arrastar para fora.

Emerson apenas balançou a cabeça.

— Ela não vai a lugar nenhum. — Manu murmurou.

Kate rapidamente olhou para ele. — Manu. — Ela tocou o rosto dele, acariciando sua bochecha. — Como você está se sentindo?

— Sempre que acordo com você, me sinto muito bem.

Deus, ele a derreteu. Ela apertou os lábios nos dele.

Quando ela se afastou, Emerson estava sorrindo para eles. — Bem, vocês dois passaram pelo espremedor, mas vocês dois têm um atestado de saúde limpo agora.

Kate agarrou o lençol. — E a perna de Manu?

— Eu sinto muito. — Havia simpatia na voz de Emerson. — Sua prótese foi completamente destruída e fui forçada a amputar um pouco mais de sua coxa.

Kate engoliu em seco e, embaixo dela, sentiu Manu respirar fundo.

Ela apertou seu aperto nele. — Nós vamos encontrar uma nova para você. Uma melhor…

Ele agarrou o queixo dela. — Kate.

Ela não parou para ouvir. — O que for preciso, eu vou…

— Ei, olhe para mim.

Ela olhou nos olhos castanhos aveludados. Ele era tão forte e firme.

— Eu não dou a mínima para a minha perna.

A boca dela se abriu. — O que?

Ele encolheu os ombros. — Você está viva. Eu estou vivo. É tudo o que me interessa. — Ele a beijou, e não foi um beijo doce e rápido. Ele aprofundou, dominando sua boca, a língua aprofundando.

— Vejo que vocês dois estão se sentindo melhor. — disse uma voz seca e masculina.

Kate soltou um gritinho de surpresa. Deus, o general Holmes acabara de pegar ela e Manu na enfermaria.

Quando ela olhou para cima, ela engoliu um gemido. Não era apenas Holmes. Ao lado dele estavam Niko, Tane, Hemi e Marcus. *Ótimo*. Ela deixou cair a cabeça no peito de Manu.

— Estou me sentindo muito bem. — disse Manu.

Houve risadas profundas em resposta.

— Queríamos um relatório rápido e uma atualização. — disse Holmes.

Kate forçou a cabeça a levantar.

— Nós limpamos a mina abandonada. — disse Marcus. — Chega de raptores ou suas malditas minas terrestres.

— Filhos da puta. — disse Hemi. — Nos divertimos correndo o último deles.

— Eles estavam aqui, bem debaixo do nosso nariz há algum tempo. — O rosto de Holmes estava composto, mas Kate o conhecia o suficiente para saber que ele estava claramente chateado.

— Isso não vai acontecer novamente. — Niko acrescentou sombriamente.

— Manu, agora você tem uma coleção de minas terrestres alienígenas para estudar. — acrescentou Tane. — Nós as deixamos com sua equipe.

Manu assentiu. — Eu vou chegar até eles, assim que eu voltar a ficar de pé ... ou a pé. — Ele piscou.

Kate fez um som sufocado. Como diabos ele poderia brincar sobre isso?

Os lábios dele se curvaram. — Cedo demais?

Hemi rugiu de rir, enquanto os outros homens sorriam.

Niko pigarreou. — Estamos armazenando as minas terrestres em uma área isolada na parte antiga do Enclave que foi cortada da base principal.

Kate sabia que eles não podiam arriscar armazená-los no coração do Enclave. Com Manu estudando as minas em funcionamento, eles poderiam aprender muito. Encontre uma maneira de parar as malditas coisas que afetam suas armas a laser e talvez até usar a tecnologia contra os alienígenas.

Emerson deu um passo à frente. — Há algo mais. Manu, havia matéria orgânica alienígena em sua prótese.

— As escamas. — disse Kate.

Emerson assentiu. — Ele também começou a se incorporar à sua pele, esse é o principal motivo da amputação extra. Ainda estamos estudando, mas era o mesmo material que removemos dos ferimentos de Kendra.

— O que? — Kate fez uma careta. — Este material está *nas* minas terrestres?

— Como uma bomba biológica suja. — disse Tane. — As malditas minas não são apenas para explodir coisas.

— Como eu disse, ainda estou analisando. — disse a médica. — Mas as minas terrestres parecem espalhar DNA alienígena que procura um hospedeiro para infectar.

Holmes passou a mão pelos cabelos. — Parece que os Gizzida não estão desacelerando em sua busca para transformar todos nós em raptores.

— Vou continuar trabalhando até saber mais. — acrescentou Emerson.

— Gabe está feliz com isso? — O olhar sombrio de Tane caiu em sua barriga.

Emerson fez uma careta. — Estou grávida, Tane. Não preciso ser enrolada em algodão e trancada. Ainda posso fazer o meu trabalho.

— Mas pode ser arriscado. — disse o líder do esquadrão. — Lembre-se de Chrissy quase explodiu estudando a tecnologia alienígena que ela removeu do motor Hunter.

— Temos protocolos em vigor. — disse Emerson. — Temos *que* descobrir o que diabos os alienígenas prepararam agora. — A dor ondulou em seu rosto. — Ou nenhum de nós, incluindo meus bebês, terá um lugar seguro para morar.

— Mantenha-nos informados, Emerson. — disse Holmes.

Kate se endireitou, desejando como o inferno que ela não estivesse usando este vestido estúpido e acanhada. — Usamos uma granada de cineol. Isso fez os raptores sangrarem.

Todos os homens se endireitaram.

— Realmente? — Marcus raspou.

Manu assentiu. — Sangue escorrendo pelos olhos, narizes e bocas.

O rosto de Emerson ficou afiado. — Eu vou deixar Noah saber. — Ela sorriu. — Nós poderíamos estar em alguma coisa.

— E o octógono? — Manu perguntou.

Niko balançou a cabeça e soltou um suspiro frustrado. — Nada.

Kate olhou para ele e depois Holmes. — Permissão para deixar o Enclave para uma missão de limpeza. Manu precisa de uma nova prótese.

— Não. — disse Manu.

— Manu ...

— Eu não quero você lá fora.

— E precisamos que você volte a ser você.

Um músculo pulsou em sua mandíbula. — Você se importa se eu não tenho perna?

Ela ofegou. — O que? Eu não me importo se você não tem pernas *e* braços, Manu Rahia…

Ele a puxou para baixo e ela bateu contra seu peito. Seu beijo foi duro e implacável. Mais risadas masculinas ondulavam em torno deles. Oh, ela estava entretendo todo mundo hoje.

Ela se afastou de Manu. — Homem tolo.

— Não há necessidade de limpeza. — disse Tane. — Quando recebemos a prótese original de Manu, pegamos algumas extras. Nós achamos que não faria mal ter alguns backups ou extras por perto.

Kate sentiu uma explosão de alívio.

— Nós as deixamos com Noah. — disse Hemi com um sorriso. — Elas provavelmente estarão equipados com foguetes agora.

— Bem, diga a Noah para me substituir. — disse Emerson, virando-se para olhar para Manu. — Podemos colocá-lo de volta em funcionamento em pouco tempo.

Os braços de Manu se apertaram ao redor de Kate. — Na verdade, não estou com pressa. Eu estou bastante confortável aqui.

Houve mais risadas, e Kate revirou os olhos enquanto seu peito se enchia de calor.

CAPITULO DEZESSEIS

— Okay, estenda.

Manu seguiu a ordem de Emerson, testando sua nova prótese.

Este era mais forte que a antiga. Noah havia acrescentado algumas melhorias.

— Boa. — O médico assentiu e sorriu. — As digitalizações estão ótimas e a função é boa. Ela foi incorporada com sucesso em seus nervos. Você precisará de uma reabilitação para se acostumar, mas acho que funcionará ainda melhor do que a anterior. — Ela deu um tapinha no ombro dele. — Você está livre.

Manu levantou-se, ansioso para sair da enfermaria. Ele ficou preso aqui por dois dias. Kate o visitou e sentou-se com ele, mas ele queria sua mulher para si mesmo.

— Obrigado, doutora.

Ela espanou as mãos juntas. — Tudo em um dia de trabalho por aqui.

— Quando você diz tudo claro, você quer dizer *tudo* claro, certo? — ele perguntou.

Ela balançou as sobrancelhas. — Sim, *tudo* claro. — Então seu rosto ficou branco.

— Emerson? — Manu se aproximou.

Ela acenou para ele. — Se você não quiser ver meu café da manhã reaparecer, sugiro que vá. Malditos enjoos matinais.

Ele recuou um passo. — Certo. Obrigado novamente.

Manu saiu da enfermaria com calma. Ele estava se movendo um pouco mais devagar que o normal, porque ainda precisava se acostumar com a nova prótese. Seu equilíbrio parecia um pouco diferente. Ele sabia que tinha que entrar na academia e trabalhar em sua reabilitação. Ele imaginou que iria tocar a base com Kendra e ver se ela queria se juntar a ele. A Oficial de Segurança também teve uma nova prótese anexada ontem.

Mas agora, Manu tinha outros planos.

Ele acenou para algumas pessoas no caminho e finalmente chegou ao Centro de Comando. Ele passou pelas grandes portas de vidro e foi direto para o escritório de Kate. Ao atravessar a sala de segurança, ele levantou a mão quando algumas pessoas gritaram olá para ele.

Ele viu Miles e acenou com a cabeça em seu escritório. — Ela está aí?

Miles sorriu. — Sim. Tenho agido malditamente mal humorada a manhã toda. Continua ameaçando ligar para a enfermaria para uma atualização. — O olhar do homem caiu nas pernas de Manu. — Parece que correu bem.

— Sim. Kate estará indisponivel por um tempo.

O sorriso de Miles aumentou e ele fez uma saudação a Manu. — Entendido.

Manu parou na porta e olhou para ela. Ela estava em uma ligação.

— Verifique novamente. — Ela fez uma pausa. — Eu não ligo, Dwayne. Verifique três vezes, se necessário. Quero um relatório completo na minha mesa hoje à noite. — Pausa. — Sim, hoje à noite. Você acha que eu me importo com seus planos de jantar? Bom. — Ela terminou a ligação e olhou para cima.

Quando ela o viu, ela se levantou. Ela demorou a examinar o corpo de Manu e sorriu. — Ei.

Ele estendeu os braços para os lados. — Estou de pé e com mobilidade.

— Emerson limpou você? — Kate contornou sua mesa.

Ele fechou a porta atrás dele. Então ele trancou.

Kate fez uma pausa. — Manu…

Ele caminhou em sua direção e, assim que alcançou, agarrou os quadris dela e pressionou a boca na dela. Ela se inclinou para ele, beijando-o de volta. Havia tanta emoção em seu abraço, e ele se perguntou como alguém poderia pensar que ela era fria e sem emoção.

Ele deslizou as mãos sob a bunda dela e a levantou sobre a mesa.

— É melhor verificarmos se tudo está funcionando. — disse ele.

Ela deslizou as mãos sob a camiseta dele. — Sua perna se machucou, Rahia, não o seu…

Ele a empurrou de volta sobre a mesa e ela soltou um pequeno gemido. Ele retribuiu o favor, deslizando as mãos sob a blusa e moldando os seus seios.

Manu começou a trabalhar, com tanta fome dela. Ele bateu em seus seios, puxou seus mamilos, depois se inclinou, puxando um em sua boca. Ela estava se contorcendo embaixo dele.

— Você é tão gostosa, querida.

— Apenas para você.

O desejo era uma necessidade áspera e nervosa batendo dentro dele. Ele rapidamente desabotoou as calças e as arrancou, juntamente com a calcinha. Então ele colocou as mãos entre as pernas dela. Claro,

ela estava molhada por ele. Ele colocou dois dedos dentro dela, e ela deu pequenos gritos roucos. Ele manuseou seu clitóris.

— Você é toda minha. — ele resmungou.

— Sim.

— Eu pintei seu mundo.

Seu olhar quente encontrou o dele. — Sim.

— Tão linda, Kate.

Ele afastou as pernas dela, adorando que ela não tivesse inibições com ele. Rapidamente, ele soltou o cinto e empurrou as calças para baixo. Ele pegou seu pau na mão e um segundo depois, ele empurrou dentro dela.

Ela gemeu, arqueando-se na mesa.

Manu não tinha sutileza, paciência para fazer isso durar muito. Ele acelerou o passo. Isso era uma reivindicação. Isso estava satisfazendo uma necessidade selvagem nascida nos momentos desesperados no subsolo, quando eles lutavam juntos para sobreviver.

— Me dê seus olhos, Kate.

Ela abriu os olhos e seus olhares se encontraram.

— Não há nada melhor do que estar dentro de você. — disse ele.

— Mais rápido. — Ela se levantou para agarrar seus braços.

Ele agarrou as mãos dela e as empurrou acima da cabeça sobre a mesa. Seus quadris continuavam martelando, seu pau dirigindo dentro dela. — Chegue lá, querida.

Ele ouviu a mudança em sua respiração, sentiu seu doce corpo apertar em seu pau. Ela gritou, e ele se inclinou e pressionou a boca na dela, engolindo o choro dela.

Mais duas investidas, e o prazer correu através dele. — Kate. — Um grito gutural quando ele se derramou dentro dela.

— Amo você, Manu.

Quando ele pôde funcionar novamente, ele estava deitado esparramado em cima dela na mesa, ofegando.

Kate beijou a lateral do pescoço dele. — Eu acho que sua perna funciona muito bem.

Ele riu. Então ele levantou a cabeça e olhou para o rosto corado dela.

— Case comigo. — As palavras saíram dele inesperadamente.

— O que? — Ela congelou, parecendo um cervo nos faróis.

— Case comigo. — Parecia tão certo, aquelas palavras ecoando através dele. — Você é minha, eu te amo e sou velho demais para brincar. Quero que todos saibam que você é minha e eu sou seu.

O olhar dela se moveu sobre o rosto dele e depois sua expressão se suavizou. — Você não vai fugir, Rahia?

— De jeito nenhum. — Ele a puxou para perto. — Eu sei quando entro em uma coisa boa.

— Eu também. — Ela sorriu. — Sim, eu vou casar com você, Manu.

***

— Ainda não á sinal do octogno. — Disse Elle. — Está deixando Marcus louco.

Kate alisou as mãos no vestido, observando Elle e várias outras senhoras sentadas em cadeiras dentro da pequena tenda montada no Garden.

As mulheres estavam todas vestidas e bebendo champanhe. Do lado de fora, Kate podia ouvir o murmúrio de vozes e sentir o cheiro rico de grama e flores.

Ao lado de Elle, Liberty assentiu, seu cabelo loiro penteado balançando. — Adam também.

— Nós vamos encontrar. — Isso veio do Mac. A pequena soldado do Esquadrão Nove estava vestido com um vestido azul curto. — A Gizzida não pode esconder isso para sempre.

— Eu não me importo com o que os alienígenas estão fazendo.— Kate pressionou a mão na barriga agitada. — Eu acho que vou ficar doente.

— Não no vestido. — Cam se aproximou dela, alisando o vestido de Kate. Era uma coluna simples de seda marfim. Quando Kate olhou pela primeira vez no espelho, ela mal podia acreditar que estava tão bonita.

— Elle — disse Liberty. — Adam disse que você encontrou novas referências em dados raptor à rainha Gizzida.

Todo mundo ficou quieto.

Elle assentiu. — Nada de mais. Não diz nada detalhado sobre ela, mas ela existe.

Cam deu um passo à frente. — Bem, eu digo foda-se para os Gizzida hoje. Temos um casamento para desfrutar.

Instantaneamente, os nervos de Kate aumentaram. — Tenho quarenta anos. Sou a Chefe de Segurança de uma base cheia de sobreviventes de um ataque alienígena. Não tenho negócios em me casar.

Ela ouviu risadinhas e olhou para o bando de mulheres que a observavam. Elas estavam bebendo champanhe - alguém invadiu os suprimentos do Enclave - e comendo os canapés, todas vestidas com vestidos bonitos, como se não se importassem com o mundo. A maioria delas eram soldados, pelo amor de Deus. Elas sabiam o que havia lá fora.

Cam agarrou o ombro de Kate. — Você está apaixonada por Manu Rahia?

O interior de Kate aqueceu. — Sim.

— Ele é seu durão?

Ele com certeza era um durão e ele era dela. — Sim.

— Você é a mulher dele?

Kate levantou uma sobrancelha. — Não sei se adoro esse termo, mas sim.

— Então, vá lá e pegue sua felicidade. — Cam acenou para as mulheres. — Todos conhecemos o lado ruim da vida, mas quando o bem está bem à sua frente, você se apega a ele e aproveita cada segundo que pode. Leva você através dos tempos de merda.

Kate assentiu, sentindo-se engasgada.

De repente, Miles apareceu na porta do letreiro. — Uau, você está linda.

O homem estava vestido com um terno afiado, seu cabelo cor de areia.

— Obrigado. — disse Kate.

— Quando Manu te vir, ele engolirá sua língua.

Bem, ela tinha planos para a língua dele, então esperava que não.

— Está na hora — disse Miles.

Do lado de fora, Kate ouviu a música começar. O doce som de cordas.

Oh Deus. Seus joelhos estavam fracos. Ela enfrentou raptores em batalha, mas isso a reduziu a geléia.

Outra figura se escondeu dentro. Tane usava calça escura, camisa branca e fresca e sem gravata. Seus dreadlocks foram puxados para trás e amarrados na base do pescoço. Era o mais descontraído que Kate já viu o líder do Esquadrão Três. Porra, ele era incrivelmente bonito.

As mulheres atrás dela soltaram alguns suspiros.

— Você é gostoso. — Cam gritou.

Tane lançou um pequeno sorriso para ela. — Eu sou o irmão bonito.

Cam bufou. — Hemi pode discutir com você.

Tane olhou para Kate. — Pronta?

Tudo dentro dela se firmou. Ela estava se comprometendo com o homem que amava. O homem mais corajoso, mais forte e mais honrado que ela já conhecera. — Estou pronta.

Tane estendeu um braço e ela passou o dela por ele. As mulheres passaram por ela, dando-lhe beijos rápidos.

A música aumentou, e Kate deixou Tane levá-la para fora do Garden, para acompanhá-la pelo corredor. Cadeiras brancas foram colocadas sob as árvores, com um tapete vermelho correndo entre elas. No alto, as portas retráteis estavam abertas, deixando a luz do sol cair no jardim.

Ela viu o mar de rostos - todos os membros do Hell Squad e seus parceiros. Esquadrão Nove. Ela viu Selena usando um vestido cor de joia da mesma cor que seus olhos. Noah estava sentado com o braço em volta de sua parceira ruiva, Laura. Finn estava sorrindo, segurando a mão de Lia. Os Bersekers estavam na frente, todos parecendo bonitos e perigosos.

— Obrigado — disse Tane calmamente.

Ela olhou para ele. — Pelo o quê?

— Por fazer meu irmão feliz. E ajudando-o a encontrar o pedaço de si mesmo que os alienígenas haviam roubado.

— Não estava faltando, apenas amassado. — Ela sorriu. — Ele é o homem mais forte que eu conheço.

— Eu também. — Tane a levou em direção ao tapete vermelho.

Todo o foco de Kate foi para o homem que a esperava na frente com Holmes.

Manu estava ereto e alto, de terno escuro, camisa branca brilhante contra a pele bronzeada. O cara lindo e gostoso. Toda dela.

Seu olhar castanho permaneceu fixo nela, e enquanto a música aumentava, Tane a levou em direção a Manu. Quando eles chegaram perto, Manu deu dois passos em sua direção e a puxou em sua direção.

— Obrigado, mano. — Ele se inclinou e mordeu seus lábios.

A multidão riu.

Holmes sorriu. — Todo mundo pronto para um casamento?

O riso se transformou em aplausos e gritos. Kate sorriu. Cam estava certa. Era por isso que eles lutaram, e era nisso que eles tinham que se segurar, a fim de manter a luta.

Antes de todos os seus amigos e companheiros sobreviventes, Manu e Kate compartilharam seus votos. Sua voz era forte e firme quando ela prometeu estar lá para ele, não importa o quê. Para amá-lo todos os dias de suas vidas.

— Eu lhes dou o Sr. e a Sra. Rahia. — anunciou Holmes.

Oh Deus. Choque e emoção percorreram Kate.

Manu a puxou para dentro e dramaticamente a colocou de costas sobre o braço, plantando um beijo profundo nela. Os amigos deles aplaudiram.

— Eu te amo, querida — ele murmurou.

— Eu sei — disse ela. — Eu te amo de volta.

Com Manu, ela estaria feliz por todos os dias da sua vida. Não importava o que os alienígenas estavam fazendo, o que haviam planejado, o que diabos era o dispositivo octagonal. Kate tinha Manu, e isso tornava tudo melhor, mais brilhante e mais colorido. Isso fez a vida valer a pena.

— Quem está pronto para a festa? — Hemi chamou.

Manu levou Kate em direção às mesas cheias de comida e bebida. Várias pessoas pararam para parabenizá-los. Cada Berseker levantou Kate e plantou beijos nela. A maioria deles na boca.

Enquanto caminhavam sob as árvores, Kate viu Kendra sentada em uma cadeira, vestida com um vestido rosa e sedutor. A mulher ainda estava se acostumando com a perna protética, mas ela lhes deu um sorriso ofuscante e um aceno.

— Salve uma dança para mim, Capitã. — Kendra chamou.

Ela sorriu. — Claro, Kendra.

Manu a puxou para uma parada. Ele olhou por cima da cabeça dela e acenou com a cabeça para alguém.

Ela fez uma careta. — O que você ...?

Um segundo depois, as luzes piscaram nas árvores. Uma enorme coleção de lanternas coloridas, em todos os tons diferentes. Kate ofegou, e todos os convidados *oohed e aahed.*

Manu passou os braços em volta de Kate. — Sempre trarei cores à sua vida, Kate. Do mesmo jeito que você faz por mim.

Com o peito cheio de calor, ela se inclinou para o marido. — Eu amo você, Manu. — E sob as luzes coloridas, Manu beijou sua esposa.